

nova
eja
EDUCAÇÃO
PARA JOVENS
E ADULTOS

LÍNGUA PORTUGUESA e LITERATURA

Professor

Volume 2 • Módulo 4 • Língua Portuguesa e Literatura

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Sergio Cabral

Vice-Governador
Luiz Fernando de Souza Pezão

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Educação
Wilson Risolia

Chefe de Gabinete
Sérgio Mendes

Secretário Executivo
Amaury Perlingeiro

Subsecretaria de Gestão do Ensino
Antônio José Vieira De Paiva Neto

Superintendência pedagógica
Claudia Raybolt

Coordenadora de Educação de Jovens e adulto
Rosana M.N. Mendes

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Secretário de Estado
Gustavo Reis Ferreira

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL NOVA EJA (CECIERJ)

Diretoria Adjunta de Extensão
Elizabeth Ramalho Soares Bastos

Coordenação de Formação Continuada
Carmen Granja da Silva

Coordenação Geral de Design Instrucional
Cristine Costa Barreto

Coordenação Geral de Língua Portuguesa
Cristiane Brasileiro

Coordenação de Material Didático de
Língua Portuguesa
Rafael Guimarães

Elaboração
Cristiane Brasileiro
Giselle Maria Sarti Leal M. Alves
Ivone da Silva Rebello
Jacqueline de Faria Barros
Jane Cleide dos Santos de Sousa
João Carlos Lopes
Rafael Guimarães Nogueira
Shirlei Campos Victorino

Revisão de Língua Portuguesa
Cristiane Brasileiro

Coordenação de Design Instrucional
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Design Instrucional
Cristiane Brasileiro
Livia Tafuri Giusti

Coordenação de Produção
Fábio Rapello Alencar

Projeto Gráfico e Capa
Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das
Unidades
Sami Souza

Diagramação

Alexandre d' Oliveira
Alessandra Nogueira
André Guimarães
Andreia Villar
Bianca Lima
Bruno Cruz
Carlos Eduardo Vaz
Juliana Fernandes

Ilustração

Bianca Giacomelli
Clara Gomes
Fernando Romeiro
Jefferson Caçador
Sami Souza

Produção Gráfica
Verônica Paranhos

Sumário

Unidade 5 • A linguagem nos textos informativos **5**

Unidade 6 • A língua portuguesa e as manifestações culturais africanas **33**

Unidade 7 • A poesia no Modernismo e na Literatura Contemporânea **75**

Unidade 8 • Modernismo e contemporaneidade nos textos em prosa **111**

Volume 2 • Módulo 4 • Língua Portuguesa e Literatura • Unidade 5

A linguagem nos textos informativos

Cristiane Brasileiro e Rafael Guimarães Nogueira

Introdução

Como sabemos, o mundo contemporâneo, com suas diversas tecnologias, disponibiliza um volume cada vez maior de informações e formas mais simples e rápidas para acessá-las. O conhecimento não está mais empilhado em bibliotecas ou armazenado em livros ou em enciclopédias impressas. Está acessível a todos em diversos formatos e meios: CD-ROM, pen-drive, tablet, celular e, sobretudo, na rede mundial de computadores.

Diante dessa facilidade, atualmente, um dos grandes desafios da escola é tornar o aluno um leitor competente, capaz de fazer um bom uso dessa quantidade inmensurável de informação, não se limitando apenas ao papel de mero reprodutor de textos e de ideias.

Nesse sentido, trabalharemos, nesta unidade, os *textos informativos*, como a *entrevista* e o *artigo científico*. Reconhecemos a função de cada desses gêneros e, questionando *Para quem se escreve?* *Com qual objetivo?* e *Qual meio se utiliza?*, observaremos como a linguagem desses textos se adequa a seu público-alvo, seu propósito discursivo e sua *media*.

Paralelamente, por tais textos se estruturarem, predominantemente, por meio da norma linguística padrão, destacaremos, na análise de exemplares, a estrutura sintática das *orações subordinadas reduzidas*, além de revisarmos aspectos da *regência verbal e nominal* e, assim, do *uso do acento grave*.

Para além dos objetivos visados em língua portuguesa, as atividades propostas neste material – muitas das quais adaptadas da Formação Continuada para professores dos cursos regulares da rede estadual – possibilitam a prática da interdisciplinaridade. Isso porque, pela exploração de textos informativos, discutiremos

temas e tópicos que exigem a compreensão de determinados conceitos, em torno dos quais gravitam diferentes disciplinas.

Portanto, o reconhecimento da função social desses gêneros textuais, além de colaborar para o domínio da leitura e da escrita, pode contribuir para ampliar o conhecimento técnico e científico do aluno, possibilitando-lhe um melhor desempenho escolar.

Bom trabalho!

Apresentação da unidade do material do aluno

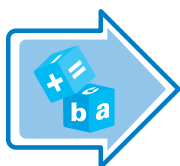
Disciplina	Volume	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
Português	2	4	5	08 aulas de 50 minutos

Titulo da unidade	Tema
A Linguagem nos Textos Informativos	Gêneros informativos jornalísticos e científicos: função e linguagem; Adequação linguística; Orações reduzidas; Regência nominal e verbal; Crase e uso do acento grave.
Objetivos da unidade	
Reconhecer a importância da norma culta da língua na elaboração de textos informativos;	
Compreender que a importância da sintaxe de concordância e de regência na linguagem de textos informativos;	
Estabelecer as relações de subordinação entre verbos e seus complementos, considerando a sintaxe de regência verbal;	
Identificar os mecanismos pelos quais os verbos comandam seus complementos e aplicá-los adequadamente.	
Seções	Páginas no material do aluno
Pra início de conversa...	115 e 116
Seção 1 – Os textos informativos	117 a 122
Seção 2 – A Sintaxe de Regência	123 a 136
O que perguntam por aí?	141 e 142

Recursos e ideias para o Professor

Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem os recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



Applets

São programas que precisam ser instalados em computadores ou *smart-phones* disponíveis para os alunos.



Avaliação

Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.



Exercícios

Proposições de exercícios complementares

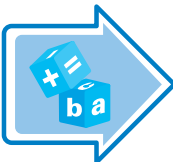
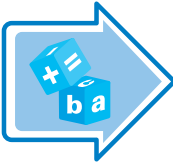
Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Desvendando a crase!	Computador e projetor (datashow)	Análise de um episódio do Projeto Educação sobre a crase, a fim de reconhecer a função e as características linguísticas dos textos informativos, além de revisar algumas regras de uso do acento grave.	Atividade com toda a turma.	30 minutos.

Seção 1 – Os textos informativos

Páginas no material do aluno

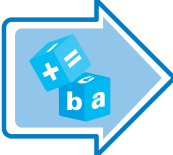
117 a 122

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Reportagem especial: quem tem preconceito?	Cópias da atividade.	Análise da reportagem “Pesquisa revela que 87% da comunidade escolar têm preconceito contra homossexuais”, a fim de observar a estrutura e a linguagem do gênero.	Atividade individual ou em dupla.	70 minutos.
	Lendo um artigo importante: a ciência contra o racismo	Cópias da atividade.	Análise do artigo “Contribuições da biologia à luta contra o racismo”, a fim de observar a estrutura e a linguagem do gênero.	Atividade individual ou em dupla.	70 minutos.

Seção 2 – A Sintaxe de Regência

Páginas no material do aluno

123 a 136

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Você já domina a regência?	Cópias da atividade.	Aplicação de questões de concurso e de vestibular, a fim de avaliar os conhecimentos sobre orações reduzidas, regência e uso do acento grave.	Atividade individual.	30 minutos.

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Produzindo um artigo de divulgação científica	Cópias da atividade.	Produção de um artigo de divulgação científica, a fim de fixar os conteúdos desenvolvidos nesta unidade.	A atividade pode ser desenvolvida em grupos de 05 alunos.	100 minutos.

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Desvendando a crase!	Computador e projetor (datashow)	Análise de um episódio do Projeto Educação sobre a crase, a fim de reconhecer a função e as características linguísticas dos textos informativos, além de revisar algumas regras de uso do acento grave.	Atividade com toda a turma.	30 minutos.

Aspectos operacionais

Apresente o vídeo aos alunos e analise-o por meio de questões como as que sugerimos.

Aspectos pedagógicos

A fim de que melhor orientar os alunos, apresente, inicialmente, as questões de análise e, em seguida, o vídeo. Desse modo, eles poderão voltar sua atenção aos aspectos mais relevantes da reportagem. Após discutir cada uma das questões, sintetize as respostas – em especial, destacando as dicas para o uso do acento grave.

Atividade

Dentre as muitas dúvidas que apresentamos ao escrever um texto, podemos destacar a crase. Para, então, revisarmos algumas regras do acento grave (`) e, ao mesmo tempo, revermos as principais características dos textos informativos, vamos assistir a este episódio do Projeto Educação.

Professora ensina dicas simples para usar crase com segurança



(04 minutos e 07 segundos)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kq1-IgIfFOQ>

Para guiar a análise desse vídeo, responda a estas questões:

Questão 1

Inicialmente, as repórteres traçam uma comparação entre alguns mecanismos de nosso idioma e outra forma de comunicação. O que essas linguagens têm em comum? E como essa comparação introduz o tema central do vídeo?

Questão 2

Na fala da especialista, a professora de Redação Fernanda Bérghamo, como se define a crase?

Questão 3

Qual seria, então, a regra geral para o uso do sinal grave?

Questão 4

Destaque, pelo menos, uma dica apresentada pela professora sobre o uso do sinal grave.

Questão 5

Tanto na fala da repórter quanto na explicação da professora, qual linguagem predomina? Formal ou informal? Em 1ª ou em 3ª pessoa gramatical? E de que maneira essa linguagem se relaciona aos objetivos e ao público-alvo do vídeo?

Respostas comentadas

Questão 1:

Logo no início do vídeo, as duas repórteres relacionam os signos linguísticos às placas de trânsito, sugerindo que, assim como, esses sinais orientam o tráfego, alguns mecanismos linguísticos – como a pontuação e a acentuação – norteiam a leitura, facilitando a construção do sentido de um texto. Dentre esses mecanismos, destaca-se o uso do sinal grave, tema central do vídeo.

Questão 2

A crase consiste no processo de fusão de vogais. Diferencia-se, portanto, do acento grave, que sinaliza esse fenômeno linguístico.

Questão 3

Deve-se utilizar o sinal grave toda vez que houver a fusão da preposição “a” com o artigo “a”.

Questão 4

Observando a regra geral da crase, uma primeira dica é: somente utilizar o acento grave quando a palavra for feminina (ex.: Fui à feira).

Além disso, a professora destaca que:

- “Com expressões adverbiais femininas, nós sempre utilizaremos crase.” (ex.: Virar à esquerda. Comprar à vista.)
- “A crase é utilizada em expressões que indicam hora, na expressão ‘à moda de’ e na expressão ‘à medida que’.”
- “Nós não devemos utilizar crase diante de palavra masculina.” (ex. Ele veio a pé.)
- “Também não devemos usar crase antes de verbos.” (ex. Ele saiu a correr.)
- “E também não devemos usar crase com expressões palavras repetidas.” (ex.: face a face)
- “Usando a crase devidamente, você evita o duplo sentido.” (ex.: A menina cheira à rosa X A menina cheira a rosa)

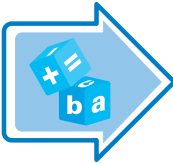
Questão 5

A repórter e a professora constroem seu texto em terceira pessoa gramatical (marcada pela conjugação dos verbos e pelo uso do pronome “você”) e em um registro mais formal, evitando gírias e seguindo o padrão culto da língua. Tais características são determinadas pelo objetivo do texto – discutir/explicar didaticamente o uso da crase – e pelos possíveis interlocutores do vídeo – estudantes. Dessa maneira, as escolhas linguísticas feitas pela repórter e pela professora legitimam seus papéis discursivos e, ao mesmo tempo, o conteúdo que apresentam. Afinal, qual credibilidade teria a professora se, ao explicar regras da escrita, não respeitasse a norma gramatical?

Seção 1 – Os textos informativos

Páginas no material do aluno

117 a 122

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Reportagem especial: quem tem preconceito?	Cópias da atividade.	Análise da reportagem “Pesquisa revela que 87% da comunidade escolar têm preconceito contra homossexuais”; a fim de observar a estrutura e a linguagem do gênero.	Atividade individual ou em dupla.	70 minutos.

Aspectos operacionais

Apresente o texto aos alunos e analise-o por meio de questões de análise como as que sugerimos.

Aspectos pedagógicos

Antes de ler todo o texto com os alunos, seria interessante destacar seu título e, a partir disso, pontuar o tema da reportagem. Em seguida, em um diálogo didático, pode-se solicitar aos alunos que recuperem casos conhecidos de homofobia. Se necessário, analise morfológicamente o termo, aprofundando sua conceituação. Feita essa contextualização, explore o texto, revisando, por meio das questões de análise, as principais características do gênero “reportagem”, estudadas no módulo 2.

Atividade

O texto abaixo trata de um tema atual que deve ser amplamente discutido por toda a sociedade: a homofobia.

Pesquisa revela que 87% da comunidade escolar têm preconceito contra homossexuais

(Amanda Cieglinski)

Nas escolas públicas brasileiras, 87% da comunidade – sejam alunos, pais, professores ou servidores – têm algum grau de preconceito contra homossexuais. O dado faz parte de pesquisa divulgada recentemente pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP) e revela um problema que estudantes e educadores homossexuais, bissexuais e travestis enfrentam diariamente nas escolas: a homofobia.

O levantamento foi realizado com base em entrevistas feitas com 18,5 mil alunos, pais, professores, diretores e funcionários, de 501 unidades de ensino de todo o país.

“A violência dura, relacionada a armas, gangues e brigas, é visível. Já o preconceito, a escola tem muita dificuldade de perceber porque não existe diálogo. Isso é empurrado para debaixo do tapete, o que impera é a lei é a do silêncio”, destaca a socióloga e especialista em educação e violência, Miriam Abramovay.

Um estudo coordenado por ela e divulgado este ano indica que nas escolas públicas do Distrito Federal 44% dos estudantes do sexo masculino afirmaram não gostariam de estudar com homossexuais. Entre as meninas, o índice é de 14%. A socióloga acredita que o problema não ocorre apenas no DF, mas se repete em todo o país.

“Isso significa que existe uma forma única de se enxergar a sexualidade e ela é heterossexual. Um outro tipo de comportamento não é admitido na sociedade e consequentemente não é aceito no ambiente escolar. Mas a escola deveria ser um lugar de diversidade, ela teria que combater em vez de aceitar e reproduzir”, defende.

A coordenadora-geral de Direitos Humanos do Ministério da Educação (MEC), Rosiléa Wille, também avalia que a escola não sabe lidar com as diferenças. “Você tem que estar dentro de um padrão de normalidade e, quando o aluno foge disso, não é bem-compreendido naquele espaço.”

Desde 2005 o MEC vem implementando várias ações contra esse tipo de preconceito, dentro do programa Brasil sem Homofobia. As principais estratégias são produzir material didático específico e formar professores para trabalhar com a temática.

“Muitos profissionais de educação ainda acham que a homossexualidade é uma doença que precisa ser tratada e encaminham o aluno para um psicólogo. Por isso nós temos pressionado os governos nas esferas federal, estadual e municipal para que criem ações de combate ao preconceito”, explica o presidente da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), Toni Reis.

As piadas preconceituosas, os cochichos nos corredores, as exclusões em atividades escolares e até mesmo as agressões físicas contra alunos homossexuais têm impacto direto na autoestima e no rendimento escolar desses jovens. Em casos extremos, os estudantes preferem interromper os estudos.

“Esse aluno desenvolve um ódio pela escola. Para quem sofre violência, independentemente do tipo, aquele espaço vira um inferno. Imagina ir todo dia a um lugar onde você vai ser violentado, xingado. Quem é violentado não aprende”, alerta o educador Beto de Jesus, representante na América Latina da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo (ILGA).

Especialistas ouvidos pela Agência Brasil acreditam que, para combater a homofobia, a escola precisa encarar o desafio em parceria com o Poder Público. “A escola precisa sair da lei do silêncio. Todos os municípios e estados precisam destampar a panela de pressão, fazer um diagnóstico para poder elaborar suas políticas públicas”, recomenda Miriam Abromovay.

Para Rosiléa Wille, o enfrentamento do preconceito não depende apenas da escola, mas deve ser um esforço de toda a sociedade. “A gente está tendo a coragem de se olhar e ver onde estão as nossas fragilidades, perceber que a forma como se tem agido na escola reforça a rejeição ao outro. Temos uma responsabilidade e um compromisso porque estamos formando nossas crianças e adolescentes. Mas o Legislativo, o Judiciário, a mídia, todas as instâncias da sociedade deveriam se olhar também.” (...)

Fonte: <http://www.ecodebate.com.br/2009/07/27/especial-pesquisa-revela-que-87-da-comunidade-escolar-tem-preconceito-contr-homossexuais/>

Questão 1

Como já estudamos, na estrutura da reportagem, encontramos, geralmente, os seguintes elementos: o **título**; o **lead**, cuja função é complementar o título, fornecendo as principais informações da reportagem; e o **corpo**, que é o desenvolvimento do texto propriamente dito.

Assim, identifique esses elementos do texto. Em seguida, explique como o tema anunciado no título do texto é resumido no lead e desenvolvido ao longo do texto.

Questão 2

Na reportagem, é comum que o jornalista cite opiniões de pessoas envolvidas com o assunto em questão para enriquecer o texto. Para mostrar como o recurso de personalização da internet reforça preconceitos e estereótipos nas relações, o jornalista responsável pela reportagem introduz a voz de outra pessoa.

- Retire do texto o trecho no qual aparece esse comentário.
- Que tipo de discurso é empregado: o direto ou o indireto?
- Na reportagem, qual é a importância do discurso citado?

Questão 3

A reportagem tem por objetivo oferecer informações de forma imparcial. Para isso, o repórter costuma empregar, em seu texto, uma linguagem impessoal, com o predomínio da 3ª pessoa gramatical. Retire, do texto, uma passagem que confirme essas informações.

Questão 4

Em uma reportagem, podem-se utilizar depoimentos e opiniões de envolvidos ou de estudiosos do assunto tratado, transpondo suas falas para a escrita. Em alguns casos, realiza-se uma simples *transcrição*, na qual se mantêm as hesitações, os truncamentos, as repetições e algumas palavras típicas da fala, como “ai”, “tá”, “né”. Outras vezes, o jornalista realiza uma *retextualização*, adaptando as falas às normas da linguagem escrita.

Com base no que foi dito, podemos afirmar que a autora dessa reportagem optou pelo processo de *transcrição* ou pelo processo de *retextualização*? Explique.

Questão 5

Nas falas registradas na reportagem, mesmo após a retextualização, ainda podemos perceber a presença de marcas próprias da oralidade. Observe os trechos a seguir e identifique esses elementos.

“Você tem que estar dentro de um padrão de normalidade e, quando o aluno foge disso, não é bem-compreendido naquele espaço.”

“A gente está tendo a coragem de se olhar e ver onde estão as nossas fragilidades, perceber que a forma como se tem agido na escola reforça a rejeição ao outro”.

Questão 6

Podemos perceber a atitude da pessoa que escreve ou fala na reportagem pelo emprego das formas verbais. Observe esta passagem do texto:

“Mas a escola **deveria** ser um lugar de diversidade, ela **teria** que combater em vez de aceitar e reproduzir.”

O que as formas verbais destacadas revelam sobre a opinião da socióloga Miriam Abramovay a respeito do papel da escola no combate a discriminação contra os homossexuais?

Respostas comentadas

Questão 1

O título da reportagem, “Pesquisa revela que 87% da comunidade escolar têm preconceito contra homossexuais”, chama a atenção do leitor por explicitar um dado estatístico curioso sobre a homofobia.

Essa informação é aprofundada no lead (1º parágrafo), que informa a fonte responsável pela pesquisa – a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP) – conferindo credibilidade ao que é dito. Ao longo do corpo da reportagem, pontuam-se dados mais específicos da pesquisa, que se entrelaçam a depoimentos e a outros levantamentos estatísticos.

Questão 2

Dentre as vozes introduzidas no texto, pode-se destacar a fala da socióloga e especialista em educação e violência, Miriam Abramovay: “A violência dura, relacionada a armas, gangues e brigas, é visível. Já o preconceito, a escola tem muita dificuldade de perceber porque não existe diálogo. Isso é empurrado para debaixo do tapete, o que impera é a lei é a do silêncio.”.

Nesse trecho, o repórter se vale do discurso direto, para, por meio da fala da especialista, comprovar o que já vinha sendo afirmado e, ao mesmo tempo, evidenciar que aquela proposição foi feita por um terceiro, se eximindo de qualquer responsabilidade sobre o afirmado.

O discurso direto ao dissociar claramente as duas instâncias da enunciação, a do discurso citante e a do discurso citado, satisfaz plenamente essas duas proposições: não só simula a reprodução das falas citadas como também exime o enunciador sobre o que está sendo dito.

Questão 3

A impessoalidade e a objetividade, determinadas pelo emprego de verbos e pronomes em terceira pessoa, têm o intuito de explicitar um ponto de vista o mais isento possível.

O repórter seria responsável, apenas, por transmitir os fatos/dados. Essa observação imparcial dos acontecimentos tende a conferir um estatuto de veracidade à reportagem, esperado no contexto da narrativa jornalística tradicional.

Como exemplo de impessoalidade, podemos apontar o trecho: “Desde 2005 o MEC vem implementando várias ações contra esse tipo de preconceito, dentro do programa Brasil sem Homofobia. As principais estratégias são produzir material didático específico e formar professores para trabalhar com a temática.”.

Questão 4

Como destaca o enunciado da questão, na transcrição de uma fala, passa-se um texto de sua realização sonora para a forma gráfica e não ocorre mudança do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. As interrupções, as interjeições e as expressões típicas da oralidade são reproduzidas sem que haja qualquer tipo de interferência da parte de quem faz a cópia.

Na retextualização, as especificidades próprias da língua na modalidade oral são apagadas, dando-se preferência ao registro culto da língua. Portanto, é possível afirmar que, nos exemplos de registro de fala presentes no texto, a autora optou pela retextualização.

Questão 5

O enfoque dessa questão é a compreensão das diferenças entre fala e escrita presentes nos registros contidos na reportagem. Os alunos devem perceber que a autora, ao retextualizar a fala das autoridades ouvidas, optou por manter certas marcas da oralidade, conferindo naturalidade e veracidade aos relatos.

No primeiro trecho, percebe-se o emprego do pronome de tratamento “você”, indicando informalidade, e a descontinuidade sintática ocasionada pela troca de pessoas do discurso: a estudiosa inicia o seu relato referindo-se à segunda pessoa do discurso (“Você tem que”) e, logo em seguida, o conclui utilizando a terceira pessoa (“quando o aluno”). No segundo relato, destaca-se, sobretudo, o emprego da forma coloquial “a gente”.

Questão 6

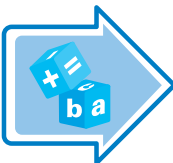
A modalização verbal é uma manifestação linguística que marca, na enunciação, o posicionamento do enunciador. Esse recurso pode tornar o texto mais polido ou mais autoritário, sendo extremamente útil na construção de enunciados.

No trecho selecionado, o aluno deverá notar que o emprego das formas verbais no futuro do pretérito demonstra não só que, na opinião da socióloga, as escolas são espaços igualitários para toda a diversidade de alunos, mas também que, na prática, isso não se verifica: o ambiente escolar também discrimina quem é considerado diferente. Se a estudiosa tivesse utilizado as formas verbais no presente do indicativo, suas afirmações soariam mais ríspidas ou incisivas.

Seção 1 – Os textos informativos

Páginas no material do aluno

117 a 122

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Lendo um artigo importante: a ciência contra o racismo	Cópias da atividade.	Análise do artigo “Contribuições da biologia à luta contra o racismo”, a fim de observar a estrutura e a linguagem do gênero.	Atividade individual ou em dupla.	70 minutos.

Aspectos operacionais

Apresente o texto aos alunos e analise-o por meio de questões de análise como as que sugerimos.

Aspectos pedagógicos

Como atividade de pré-leitura, pode-se destacar a relação entre o título do texto, seu subtema (ou seção) e sua autora. Assim, os alunos poderão, mais facilmente, reconhecer que o texto trata de um tema das Ciências Naturais. Em seguida, leia o texto com os alunos, fazendo referência ao vocabulário e auxiliando-os em outras possíveis dificuldades de compreensão. Explore o texto, revisando, por meio das questões de análise, as principais características do gênero “artigo de divulgação científica”.

Atividade

O texto que se segue é parte de um artigo de divulgação científica que, com base na biologia, critica o conceito de raça. Leia-o, com atenção, e responda às questões propostas.

Contribuições da biologia à luta contra o racismo

As ciências biológicas, assim como as ciências sociais, deram, durante muito tempo, estatuto científico ao racismo. Nelas, ele baseava-se especialmente na afirmação de que a espécie humana era composta de três grandes raças e cada uma delas tinha atributos intelectuais e comportamentais específicos que justificavam uma hierarquia biologicamente estabelecida. Quem pensava assim via na prática social a comprovação dessa hierarquia. O conceito de raça – ou subespécie – era, portanto, o alicerce científico para o passo seguinte, o racismo e seu **corolário**, a superioridade racial de um grupo privilegiado.

A principal pergunta pertinente às ciências biológicas sobre esta questão é: a espécie humana é, objetivamente, composta por raças diferentes? Respondida esta pergunta poderíamos, então, partir para a seguinte: uma raça é superior a outra?

Essas questões receberam respostas diferentes ao longo dos últimos 200 anos. Hoje, o desenvolvimento e o acúmulo dos conhecimentos sobre a evolução da espécie humana, fornecidos principalmente pela **paleoantropologia** e pela genética, estabeleceram provas **irrefutáveis** sobre a inexistência de raças na espécie humana e desmascararam a camisa de força imposta por cientistas para adequar a realidade à prática social e à ideologia.

(...)

Para entendermos o estágio em que a ciência se encontra, é necessário ter em mente que por trás de toda prática científica estão as ideias, que, por sua vez, são resultado do contato do homem com a natureza, com os outros homens e suas criações. As ciências biológicas não são exceção à regra. Elas também estão imersas no universo ideológico, e o debate sobre a existência de raças biologicamente definidas na espécie humana é uma demonstração de que a ciência e a ideologia são inseparáveis e de como é tortuoso o caminho que nos leva ao conhecimento da realidade. Mas é, ao mesmo tempo, a demonstração de que a ciência pode nos dar elementos importantes para o entendimento do mundo em que vivemos e auxiliar na proposição de lutas para torná-lo mais justo e mais humano.

(...)

Numa época em que, de um lado, a prática da escravidão estava no auge e, de outro, a ciência não dispunha de elementos para compreender a evolução humana – a paleoantropologia ainda engatinhava à procura de fósseis dos ancestrais humanos e não se conheciam os mecanismos de herança das características dos seres vivos – a ciência biológica europeia, é bom lembrar, associava traços culturais que não conseguia entender à variedade física dos povos, alegando que eram determinados pelo clima onde esses povos viviam. Assim, os traços culturais dos povos asiáticos e africanos eram associados às suas características físicas e como essas culturas eram consideradas inferiores à cultura europeia, que então procurava se impor nas diversas colônias, os povos mongoloides e negroides eram considerados inferiores.

Pode-se dizer que essas ideias predominaram nas ciências biológicas até o início do século XX, **acaçapando** as visões discordantes. O desenvolvimento de dois ramos das ciências biológicas, a paleoantropologia e a genética evolutiva, na primeira metade do século XX, e a ameaça representada pelas ideias nazistas e eugenistas durante a Segunda Guerra Mundial foram determinantes para destronar temporariamente aquela concepção no âmbito das ciências biológicas. E, após a derrota do nazismo, mesmo biólogos conservadores, como Edward O. Wilson, um dos fundadores da sociobiologia, diziam que a noção de raça ou subespécie era tão arbitrária que deveria ser abandonada.

(...)

Raça, um conceito ideológico, e não biológico

A luta contra as ideias racistas foi intensa. Apesar dos avanços posteriores à Segunda Guerra Mundial, o debate sobre a existência de raças **recrudescceu** na década de 1970, quando foram publicados livros como “O Macaco Nu”, de Desmond Morris, “Gene Egoísta”, de Richard Dawkins e “Sociobiologia”, de Edward O. Wilson. As ideias racistas e deterministas dessas obras, fartamente divulgadas pela imprensa da época, foram atacadas por cientistas progressistas, de inspiração marxista, como Richard Lewontin, Steven Rose, Leon Kamin, Marcel Blanc, Stephen J. Gould, entre outros, que promoveram uma verdadeira campanha de divulgação de experimentos e pesquisas científicas e demonstraram como as ideias apresentadas por aqueles autores não tinham fundamentos científicos e eram, apenas, conclusões de ordem moral e ideológica.

Nessa época, os livros do paleontólogo Stephen J. Gould começaram a chegar às livrarias mostrando que a teoria neodarwinista não era a única explicação para a origem de espécies novas. Uma das ideias combatidas por Gould é a de que as raças ou subespécies são estágios transitórios do processo de especiação. Ele é veemente no combate à ideia de que a evolução é um processo de “melhoramento” das espécies e de que há uma hierarquia entre elas. Ao contrário, ele defende que a seleção natural é um fator menor na origem das espécies e considera que o acaso é o principal motor da evolução. O acaso representado por catástrofes naturais, por alterações gradativas no ambiente, por mutações genéticas ou alterações mais profundas no material genético são responsáveis pelo desaparecimento da maior parte das espécies e pelo surgimento de novas.

Algumas ideias de Gould (muitas delas inspiradas em colegas que no início do século foram solapados pela força do neodarwinismo, como Richard Goldschmidt), foram reconhecidas e incorporadas por cientistas como Ernst Mayr, fundador do neodarwinismo.

Na segunda metade do século XX, os achados de fósseis de ancestrais humanos acrescentaram novos argumentos contra a existência de raças ao mostrarem que a espécie humana é muito nova na face da Terra – surgiu há apenas cerca de 160 mil anos, tempo insuficiente para que houvesse se diferenciado em raças. Além disso, mostraram que o intercruzamento, ao contrário do isolamento, é uma característica da espécie, impossibilitando a ocorrência do processo de especiação neodarwinista.

Atualmente, portanto, é consenso de que não existem raças biologicamente definidas entre os homens. Mesmo tendo destruído o conceito biológico de raça humana, não será a ciência que destruirá o racismo, cujas origens não são científicas e nem fazem parte da natureza humana. O racismo também não é um mero problema de atitude, um preconceito residual do tempo da escravidão, como a visão liberal tradicional deseja. As origens do racismo são ideológicas e suas bases se mantêm na medida em que o racismo reforça o sistema capitalista. As conclusões da paleoantropologia e da genética de populações, no entanto, devem ser incorporadas à luta contra o racismo com a mesma veemência que as conclusões pseudocientíficas o foram ao seu favor em tempos de triste memória.

Verônica Bercht, bióloga e jornalista.

(In: http://grabois.org.br/portal/cdm/revista.int.php?id_sessao=50&id_publicacao=188&id_indice=1502.
Fragmento adaptado.)

Vocabulário	
Achatando	Achatando, esmagando.
Corolário	Afirmação deduzida de uma verdade já demonstrada.
Irrefutáveis	Incontestáveis, evidentes.
Paleoantropologia	Estudo que, reunindo os campos da paleontologia e antropologia, trata dos fósseis de homínídeos (considerados os mais antigos representantes da humanidade).
Recrudescer	Tornou-se mais intenso, aumentou.

Questão 1

O artigo científico tem como objetivo divulgar resultados de pesquisa para conhecimento do público, permitindo refletir acerca das implicações deles decorrentes. A partir da divulgação de pesquisas, é possível reavaliar posturas e procedimentos e reorientar ações e políticas, bem como derrubar mitos.

- No artigo em foco, após a necessária contextualização feita nos primeiros parágrafos, é possível identificar a ideia central do texto. Qual é essa ideia núcleo?
- Os adeptos da teoria de que havia raças na espécie humana usavam o argumento da “variedade física dos povos, alegando que eram determinados pelo clima onde esses povos viviam”, para indicar a existência de raças e sua hierarquia. Um forte contra-argumento a essa teoria advém do pouco tempo de existência da espécie humana. Explícite esse contra-argumento.

Questão 2

No penúltimo parágrafo do texto de Verônica Bercht, a autora corrobora a ideia que motivou seu artigo através da apresentação da descoberta – propiciada pelos achados de fósseis – de que a espécie humana era nova na terra e de que “o intercruzamento, ao contrário do isolamento, é uma característica da espécie impossibilitando a ocorrência do processo de especiação neodarwinista”.

O primeiro argumento é seguido por um conectivo que indica a introdução de mais um argumento a favor da tese defendida. Indique de que operador discursivo se trata e a que conclusão ele leva.

Questão 3

Leia o fragmento abaixo atentando para as expressões destacadas no texto bem como para os nomes dos cientistas citados. Observe que as expressões em destaque estão associadas a duas correntes diferentes e opostas: a que defendia a ideia de raça na espécie humana e a que se posicionava contra essa perspectiva. Considerando a orientação argumentativa do artigo, é possível perceber que as expressões adjetivadoras e os adjetivos utilizados foram escolhidos de modo a reforçar a ideia que a autora estava defendendo:

A luta contra as ideias racistas foi intensa. Apesar dos avanços posteriores à Segunda Guerra Mundial, o debate sobre a existência de raças recrudescer na década de 1970, quando foram publicados livros como *O Macaco Nu*, de Desmond Morris, *Gene Egoísta* de Richard Dawkins e *Sociobiologia* de Edward O. Wilson. As **ideias racistas e deterministas** dessas obras, fartamente divulgadas pela imprensa da época, foram atacadas por **cientistas progressistas**, de inspiração marxista, como Richard Lewontin, Steven Rose, Leon Kamin, Marcel Blanc, Stephen J. Gould, entre outros, que promoveram uma verdadeira campanha de divulgação de **experimentos e pesquisas científicas** e demonstraram como as ideias apresentadas por aqueles autores não tinham fundamentos científicos e eram, apenas, **conclusões de ordem moral e ideológica**.

- Das expressões destacadas, indique quais se relacionam favoravelmente à existência de raças na espécie humana e quais se relacionam contra a ideia de raça.
- Explique por que a autora optou pelas expressões que você indicou para cada uma das ideias representadas. Considere, para sua resposta, a orientação argumentativa do texto.
- De que modo a citação de nomes de cientistas contribuiu para o processo argumentativo que faz a autora do artigo?

Respostas comentadas

Questão 1

- Os dois primeiros parágrafos deste artigo consistem em sua introdução, permitindo a apresentação, no terceiro parágrafo, da ideia central: o fato de que não existem raças na espécie humana. A afirmação a seguir mostra isso claramente: “o desenvolvimento e o acúmulo dos conhecimentos sobre a evolução da espécie humana, fornecidos principalmente pela paleoantropologia e pela genética, estabeleceram provas irrefutáveis sobre a inexistência de raças na espécie humana (...)”. Seria interessante chamar a atenção do aluno para o modo como todo o texto é estruturado de modo a provar a veracidade dessa informação, demonstrando:
 - o caráter ideológico que norteava as pesquisas científicas que tentavam provar a existência das raças – “Para entendermos o estágio em que a ciência se encontra é necessário ter em mente que por trás de toda prática

científica estão as ideias, que, por sua vez, são resultado do contato do homem com a natureza, com os outros homens e suas criações. As ciências biológicas não são exceção à regra. Elas também estão imersas no universo ideológico, e o debate sobre a existência de raças biologicamente definidas na espécie humana é uma demonstração de que a ciência e a ideologia são inseparáveis e de como é tortuoso o caminho que nos leva ao conhecimento da realidade”;

II – como as condições de produção (ou seja, todo o contexto social, econômico, histórico), aliadas à falta de informação científica:

- afetam o modo como a ciência é conduzida – “Numa época em que, de um lado, a prática da escravidão estava no auge e, de outro, a ciência não dispunha de elementos para compreender a evolução humana – a paleoantropologia ainda engatinhava à procura de fósseis dos ancestrais humanos e não se conheciam os mecanismos de herança das características dos seres vivos – a ciência biológica europeia, é bom lembrar, associava traços culturais que não conseguia entender à variedade física dos povos, alegando que eram determinados pelo clima onde esses povos viviam. Assim, os traços culturais dos povos asiáticos e africanos eram associados às suas características físicas e como essas culturas eram consideradas inferiores à cultura europeia que procurava se impor nas diversas colônias, os povos mongoloides e negroides eram considerados inferiores.”
- contém seu avanço – “O desenvolvimento de dois ramos das ciências biológicas, a paleoantropologia e a genética evolutiva, na primeira metade do século XX, e a ameaça representada pelas ideias nazistas e eugenistas durante a Segunda Guerra Mundial foram determinantes para destronar temporariamente aquela concepção no âmbito das ciências biológicas.”;

III – a divulgação de pesquisas que iam contra a ideia das raças – “cientistas progressistas, de inspiração marxista, como Richard Lewontin, Steven Rose, Leon Kamin, Marcel Blanc, Stephen J. Gould, entre outros, que promoveram uma verdadeira campanha de divulgação de experimentos e pesquisas científicas e demonstraram como as ideias apresentadas por aqueles autores não tinham fundamentos científicos e eram, apenas, conclusões de ordem moral e ideológica.”

IV – como a descoberta de fósseis ancestrais humanos forneceu novos argumentos contra a ideia de raça entre os humanos – “Na segunda metade do século XX, os achados de fósseis de ancestrais humanos acrescentaram novos argumentos contra a existência de raças ao mostrarem que a espécie humana é muito nova na face da Terra – surgiu há apenas cerca de 160 mil anos, tempo insuficiente para que houvesse se diferenciado em raças. Além disso, mostraram que o intercruzamento, ao contrário do isolamento, é uma característica da espécie impossibilitando a ocorrência do processo de especiação neodarwinista”.

- b. Para identificar o contra-argumento, o aluno deve perceber que o conceito de raça pressupõe que haja uma distância temporal enorme, de modo a tornar possível a diferenciação em raças. Os achados fósseis permitiram datar a existência da espécie humana na terra em 160 mil anos, o que tornava impossível o processo de especialização darwinista que origina as raças, teoria na qual estavam ancorados os cientistas que defendiam essa ideia. Assim, o fato de a espécie humana não existir há tempo suficiente para permitir sua divisão em raças tornou-se um poderoso contra-argumento, visto não poder ser refutada pelos que defendiam a teoria racial.

Questão 2

O professor pode iniciar a correção da questão fazendo o aluno localizar no texto os dois argumentos citados, assim ficará fácil de perceber que o operador discursivo que está estabelecendo a relação de coesão argumentativa entre ambos é “Além disso”.

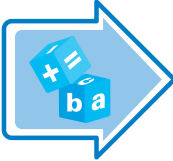
Questão 3

- É fundamental que, ao responder essa questão, o aluno já tenha percebido a orientação argumentativa do texto. No entanto, para garantir a compreensão, o professor pode reforçar que a autora argumenta contra a ideia da existência de raças humanas, ou seja, essa é a tese que ela está defendendo. Assim, ficará mais fácil para o aluno perceber que as expressões “ideias racistas e deterministas” e “conclusões de ordem moral e ideológica” estão associadas à corrente que defendia a existência de raças humanas, o que se evidencia pelo seu caráter depreciativo, e que as expressões “cientistas progressistas” e “experimentos e pesquisas científicas” estão associadas à corrente que negava essa existência, visto que têm uma carga semântica positiva, que enaltece a posição defendida.
- Para responder a essa questão é preciso que o aluno atente para os adjetivos usados para caracterizar “ideias”. As ideias daqueles que defendiam a existência de raças são ditas racistas e deterministas, adjetivos que servem para depreciar tais concepções. Em seguida, chame a atenção para o adjetivo utilizado para caracterizar os cientistas da corrente contrária, que atacaram tais ideias, pois a autora os caracteriza como sendo progressistas, um adjetivo de carga semântica positiva. Na sequência do texto, a autora explicita que esses cientistas progressistas desenvolveram “experimentos e pesquisas científicas”, ou seja, que possuíam um embasamento e um rigor aceitáveis, a fim de demonstrar que as ideias raciais não tinham esse mesmo cunho, sendo de ordem moral e ideológica. Se uma pesquisa é científica, ela é tida como positiva, séria, digna de confiança. Uma pesquisa que segue preceitos morais e ideológicos não possui caráter científico e, portanto, é desqualificada. Percebe-se, assim, que a escolha vocabular da autora foi importantíssima nesse jogo de desconstrução da validade das ideias raciais, visto que são utilizados, para caracterizá-las, termos que as depreciam, desqualificando-as (racistas, deterministas, moral, ideológica). Já no que diz respeito à teoria que nega a existência de raças humanas, os termos utilizados conferem-lhe um caráter inovador, digno de fé, pois teoria é progressista e desenvolve pesquisas efetivamente científicas.
- Verônica Bercht, ao citar tantos autores, bem como algumas de suas obras, deixa claro que seus argumentos são fruto de pesquisa e leitura. Seu leitor saberá que autores se posicionaram a favor e quais se colocaram contra as ideias que ela ora defende e até em que obras poderá encontrar as teorias de alguns deles. Ao citar fontes, a autora confere fidedignidade ao seu artigo além de, no que tange à citação dos autores que defendem a inexistência de raças entre os humanos, esses nomes funcionam como um argumento de autoridade, corroborando a tese que ela defende em seu texto. Vale ainda destacar para os alunos que a autora menciona somente os títulos das obras dos cientistas favoráveis à ideia de raça. Cada um publicou uma obra específica acerca do assunto. No caso dos autores contrários a essa ideia, não são mencionadas obras específicas, entretanto, ao dizer que tais cientistas “promoveram uma verdadeira campanha de divulgação de experimentos e pesquisas científicas”, deixa-nos subentender que a produção escrita desses autores foi verdadeiramente intensa, não se limitando a um único escrito cada um, como no caso de seus contraditores.

Seção 2 – A Sintaxe de Regência

Páginas no material do aluno

123 a 136

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Você já domina a regência?	Cópias da atividade.	Aplicação de questões de concurso e de vestibular, a fim de avaliar os conhecimentos sobre orações reduzidas, regência e uso do acento grave.	Atividade individual.	30 minutos.

Aspectos operacionais

Aplique as questões de múltipla escolha e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

O professor poderá avaliar os alunos de forma bem objetiva e ágil, utilizando as questões propostas, conforme serão apresentadas.

Atividade

A *regência* de um verbo ou de um nome diz respeito à exigência ou não de determinada preposição para completar seu sentido. Observe que, neste trecho do artigo “Contribuições da biologia à luta contra o racismo”, o nome “pertinente” exige uma complementação: X é pertinente a Y.

A principal pergunta pertinente às ciências biológicas sobre esta questão é: a espécie humana é, objetivamente, composta por raças diferentes?

Ao mesmo tempo, compreendemos que, neste exemplo, utilizou-se o *sinal grave* adequadamente, uma vez indica a fusão da preposição “a”, exigida pelo termo “pertinente”, com o artigo definido “as”, que introduz a expressão “as ciências biológicas”.

Atento, pois, a essas estruturas, responda às cinco questões objetivas que se seguem:

Questão 1: VUNESP – 2011 – SAP-SP – Analista Sociocultural – PedagogiaParte superior do formulário

Leia e analise as charges.



As charges apresentam desvios de regência verbal em relação à norma culta da língua portuguesa.

Assinale a alternativa correta quanto à regência e ao uso ou não da crase.

- a. Você está namorando à mim ou à minha carteira?
- b. Você está namorando eu ou a minha carteira?
- c. Preciso chegar logo a casa para assistir à novela.
- d. Preciso chegar logo à casa para assistir à novela.
- e. Preciso chegar logo em casa para ver à novela.

Questão 2: CESGRANRIO – 2007 – TCE-RO – Analista de SistemasParte inferior do formulário

Assinale a opção em que há uso **INADEQUADO** da regência verbal, segundo a norma culta da língua.

- a. É interessante a obra de Freyre com a qual a de Sérgio Buarque compõe uma dupla magistral.
- b. É necessário ler estes livros nos quais nos vemos caracterizados.
- c. Chico Buarque, por quem os brasileiros têm grande admiração, é filho de Sérgio Buarque.
- d. É tão bom escritor que não vejo alguém de quem ele possa se comparar.
- e. Valoriza-se, sobretudo, aquele livro sob cujas leis as pessoas traçam suas vidas.

Questão 3: ASPERHS – 2010 – Prefeitura de Catende – PE – Psicólogo



Sobre a regência dos verbos na charge:

- a. 'iria perder' deveria ter complemento regido por preposição.
- b. No primeiro balão o termo 'os pobres coitados' funciona como objeto direto da locução verbal 'vai ajudar'.
- c. Para reproduzir a fala popular, o autor empregou a regência incorreta do verbo 'ajudar', que no caso é transitivo indireto.
- d. Todo verbo empregado em sua forma infinitiva é definido como intransitivo pela impossibilidade de se complementá-lo quando em sua forma nominal.
- e. 'iria perder' pedia como complemento um objeto direto preposicionado.

Questão 4: CESPE – 2007 – TRE-PA – Analista Judiciário – Área Administrativa Parte superior do formulário

Com referência às relações de regência e ao emprego do sinal indicativo de crase, assinale a opção **incorreta**.

- a. Todos os eleitores faltosos permanecem sujeitos àquelas penalidades previstas em lei.
- b. A posse dos deputados estaduais eleitos compete às assembleias legislativas dos estados.
- c. A população assistiu, ao vivo e em cores, à contagem dos votos no último processo eleitoral.
- d. A escolha dos dirigentes do Poder Executivo para seus cargos submete-se à vontade popular.
- e. Ninguém tem o direito de alegar à ignorância no que diz respeito à necessidade e à importância do voto.

Questão 5: CESGRANRIO – 2006 – EPE – Técnico de Nível Superior – Área Tecnologia da Informação

“É preciso corrigir o estilo de vida para manter a memória funcionando bem.”

Substituindo, no período acima, as orações reduzidas pelas desenvolvidas correspondentes, tem-se:

- a. É preciso que se corrija o estilo de vida para que se mantenha a memória funcionando bem.
- b. É preciso a correção do estilo de vida para se manter a memória funcionando bem.
- c. É preciso que o estilo de vida seja corrigido a fim de se manter a memória funcionando bem.
- d. É preciso que se corrija o estilo de vida para a boa manutenção funcional da memória.
- e. É preciso corrigir o estilo de vida a fim de que se mantenha a memória funcionando bem.

Respostas comentadas

Questão 1

Resposta: Letra C. Os verbos “chegar” e “assistir” exigem a preposição “a”; logo, a frase está correta. A alternativa (a) está incorreta, pois o verbo “namorar” é transitivo direto; não exige, pois, preposição. Na alternativa (b), é incorreto o uso do pronome pessoal do caso reto “eu” exercendo a função de objeto direto – o correto seria “me namorando” ou “namorando a mim”. A alternativa (d) está incorreta, visto que, na frase, “à casa” não é um termo determinado; logo, não deveria apresentar o artigo definido e, por conseguinte, o sinal grave. Finalmente, a alternativa (e) também está incorreta, uma vez que não respeita a regência padrão do verbo “chegar” (que exige a preposição “a”) e do verbo “ver” (que não exige preposição).

Questão 2

Resposta: Letra D. O erro reside no desrespeito à regência do verbo “se comparar”, que exige a preposição “a” (e não “de”). Logo, o correto seria: “É tão bom escritor que não vejo alguém a quem ele possa se comparar.”

Questão 3

Resposta: Letra B. Segundo a norma padrão, o verbo “ajudar” seleciona um objeto direto; logo, não exige preposição. Na charge, o termo que exerce essa função sintática é o sintagma “os pobres coitados”.

Questão 4

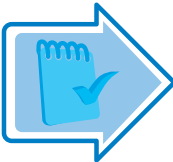
Resposta: Letra E. O erro consiste no uso do sinal grave em “à ignorância”, visto que o verbo “alegar” é transitivo direto (não exige preposição). Nas demais alternativas, o acento foi empregado corretamente, pois há a fusão da preposição “a” exigida por nome ou verbo com o artigo definido “a”.

Questão 5

Resposta: Letra A. A frase original (“É preciso corrigir o estilo de vida para manter a memória funcionando bem.”) estrutura-se, sintaticamente, por meio do verbo de ligação “É”, que relaciona o predicativo do sujeito “preciso” à oração subordinada substantiva subjetiva “corrigir o estilo de vida”. Destaca-se, ainda, a oração subordinada adverbial final “para manter a memória funcionando bem”.

Assim, frase apresentada na alternativa (a) é a que mais se aproxima, sintática e semanticamente, da frase original, pois, nessa reescritura, apenas transformaram-se as orações reduzidas de infinitivo substantiva subjetiva (“corrigir”) e adverbial final (“manter”) em orações desenvolvidas (introduzidas pela conjunção integrante “que” e estruturadas a partir de verbos flexionados): “É preciso / que se corrija o estilo de vida / para que se mantenha a memória funcionando bem.”.

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Produzindo um artigo de divulgação científica	Cópias da atividade.	Produção de um artigo de divulgação científica, a fim de fixar os conteúdos desenvolvidos nesta unidade.	A atividade pode ser desenvolvida em grupos de 05 alunos.	100 minutos.

Aspectos operacionais

Leia a proposta de produção textual junto aos alunos; divida-os em grupos; oriente-os em suas produções; corrija os textos.

Aspectos pedagógicos

Em um diálogo didático, discuta a proposta de produção textual, destacando conhecimentos e aspectos do tema que poderão estruturar os textos dos alunos. Em seguida, oriente os grupos em seus planejamentos, solicitando que realizem uma delimitação do tema, a fim de que sua produção não o aborde de forma muito ampla e/ou imprecisa. Durante a escritura, revise a estrutura do gênero “artigo de divulgação científica”, relendo, se necessário, o texto analisado na atividade anterior ou destacando outro exemplar. Na etapa de revisão, oriente os alunos a verificar em que medida o objetivo do texto foi contemplado. Ainda nesta etapa, enfatize a importância da regência padrão de verbos e nomes, bem como o uso do acento grave.

Atividade

Nesta unidade, a partir dos textos informativos que analisamos, foi possível notar o perigo da orientação ideológica no desenvolvimento da ciência. Você viu que interpretações equivocadas sobre a espécie humana foram responsáveis pela consolidação de vários preconceitos. A história testemunhou esses terríveis equívocos algumas vezes, como no final do século XIX ou durante o nazismo alemão. E atualmente? Será que a humanidade está livre desse tipo de erro? Para alguns pensadores, parece que não.

Os mais recentes avanços científicos permitiram mapear os genes humanos, o que representa um caminho para a cura de doenças graves. Por outro lado, esse conhecimento aponta para o risco de uma discriminação genética, como mostra o seguinte fragmento:

O conhecimento advindo da decodificação do código genético trouxe à tona sérias questões de ética. O “livro” do genoma traz promessas de benefícios às pessoas, como tratamentos definitivos para o câncer, doenças cardíacas e outras enfermidades. Mas traz também lembranças do pesadelo nazista, das políticas de eugenia contra portadores de genes ligados a doenças e quaisquer outras características físicas. Os mesmos testes de diagnóstico que poderão ajudar uma pessoa com predisposição genética para doenças cardíacas a prevenir complicações poderão ser usados por seguradores e empregadores para discriminá-la. Se exames feitos ainda no útero da mãe mostrarem que uma criança sofre de uma doença genética com incapacidade física ou mental, quais parâmetros serão analisados na interrupção da gestação?

(Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/bs?dd1=13&dd99=view>)

Neste momento, você está convidado a produzir um artigo de divulgação científica que aborde as implicações éticas do mapeamento genético humano. Para isso, você deve pesquisar informações sobre o tema.

Antes de escrever, porém, não se esqueça de elaborar um *roteiro*, de delimitar o tema, de estabelecer a sua ideia central. Além disso, como importantes traços do gênero, não podem faltar, no seu texto, a referência aos termos da área científica e a linguagem simples, acessível a um público mais amplo e não especializado. Para organizar melhor o texto, você também pode pedir auxílio ao seu professor.

Agora, mãos à obra!

Comentário

Para atender ao tema proposto nesta atividade, o professor pode chamar a atenção da turma para as novas questões que os recentes avanços da ciência colocam para a sociedade contemporânea.

Até que ponto o mapeamento genético não servirá também para promover discriminação entre as pessoas?

Como garantir que isso não ocorra? O tema, com certeza, é bastante atual, mas a questão de fundo é a mesma há séculos e diz respeito à rara habilidade de lidar com as diferenças. Por tudo isso, esse assunto tem grande relevância para os estudantes.



Volume 2 • Módulo 4 • Língua Portuguesa e Literatura • Unidade 6

A língua portuguesa e as manifestações culturais africanas

Jacqueline de Faria Barros, Shirlei Campos Victorino e Ivone da Silva Rebello

Introdução

Em cumprimento à lei 10.639, que determina o ensino da cultura e da história de África, assim como à lei 11.645, que complementa a anterior, sancionando o ensino da cultura e da história dos povos indígenas, este material busca contemplar essas duas diretrizes da Educação Básica.

O objetivo desta unidade é apresentar ao aluno, através da arte literária, um pouco mais das culturas indígena e africana. Veremos que a literatura advinda dos escritos de autores africanos e indígenas possui uma riqueza cultural, política e histórica incalculável. Por isso, desprezar tal conhecimento seria desprezar a nossa própria constituição como povo e sucumbir a nossa própria desqualificação.

Nesse sentido, dentre outros aspectos, buscaremos desenvolver alguns princípios importantes, como: a consciência da diversidade (política e histórica), o fortalecimento da identidade e, conseqüentemente, do estado de direito com ações de incentivo; e o combate ao racismo e a discriminação, nas mais amplas esferas.

A despeito das dificuldades ainda existentes de se encontrar mais material disponível para estudo dessas literaturas, conseguimos trazer uma seleção de textos e atividades que comportam parte da riqueza que as mesmas carregam. Com grande prazer, convidamos você a estar conosco nesse caminho de descoberta e desvelamento, pois nossa trajetória se presta, a partir da literatura africana e indígena, ao encontro de nossos medos e de nossas origens.

Vamos lá!

Apresentação da unidade do material do aluno

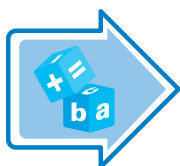
Disciplina	Volume	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
Português	2	4	6	08 aulas de 50 minutos

Titulo da unidade	Tema
A língua portuguesa e as manifestações culturais africanas	Literatura africana e indígena: temáticas recorrentes, elementos da cosmovisão e de comparação entre as culturas.
Objetivos da unidade	
Reconhecer as principais tendências e temáticas das produções africanas através de análise de textos.	
Relacionar argumentos sobre o conceito de negritude e africanidade através de textos literários.	
Seções	Páginas no material do aluno
Para início de conversa...	143 a 148
Seção 1 – A África fala português	149 a 154
Seção 2 – Herança africana no Brasil	154 a 167
Seção 3 – Na língua, um pede e o outro complementa. É a sintaxe de regência!	168 a 176
O que perguntam por aí?	183

Recursos e ideias para o Professor

Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem os recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



Applets

São programas que precisam ser instalados em computadores ou *smart-phones* disponíveis para os alunos.



Avaliação

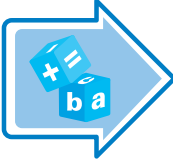
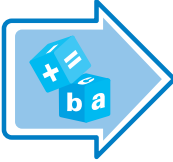
Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.



Exercícios

Proposições de exercícios complementares

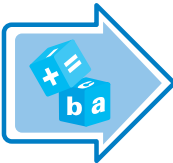
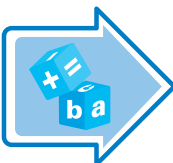
Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Realidade ou ficção? Conhecendo a África.	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do conto "A fogueira", de Mia Couto, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade com toda a turma.	50 minutos.
	Vem fazer batuque!	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do poema "Quero ser tambor", de José Craveirinha, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade individual.	30 minutos.

Seção 1 – A África fala português

Páginas no material do aluno

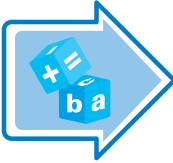
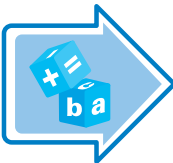
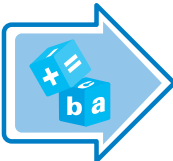
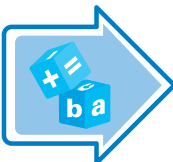
149 a 154

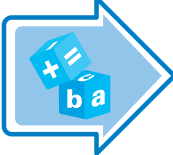
Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Comparando dois países	Cópias da atividade.	Análise do poema "Você: Brasil", a fim de reconhecer pontos positivos e negativos que aproximam Cabo Verde e o Brasil.	Atividade individual.	30 minutos.
	Um poema sobre poesia	Cópias da atividade.	Análise do poema "Intimidar o poema a ser raiz", de poeta Ondjaki, a fim de explorar aspectos da rede de influências que compõe a literatura africana.	Atividade individual.	30 minutos.

Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

154 a 167

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Sinais de vida da África	Cópia da atividade.	Análise de um fragmento do romance <i>Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba</i> , do escritor moçambicano Mia Couto, a fim de reconhecer elementos da cultura africana.	A atividade pode ser desenvolvida individualmente ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	100 minutos.
	Um conto africano	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do conto "Vôô Bartolomeu", de Antonio Jacinto, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade individual.	50 minutos.
	Captando traços da cultura indígena	Cópias da atividade.	Análise comparativa entre uma descrição acerca dos hábitos indígenas e trechos do poema "A história vem de um tempo longo, médio, recente", de Adalberto Maru Kaxinawá e Joaquim Mana Kaxinawá, a fim de reconhecer contribuições da cultura indígena na formação da cultura nacional.	Atividade com toda a turma.	30 minutos.
	Ouvindo um pajé	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do romance <i>O sinal do pajé</i> , de Daniel Mundukuru, a fim de identificar aspectos da cosmovisão indígena.	Atividade individual.	50 minutos.



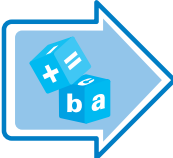
Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Por uma herança mais rica	Cópias da atividade.	Análise comparativa entre o poema indígena “Eu não tenho minha aldeia”, de Eliane Potiguara, o um trecho da comunicação “Eu o outro – o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”, de Manuel Rui, a fim de reconhecer traços históricos e culturais comuns aos povos indígena e africano.	Atividade com toda a turma.	30 minutos.

Atividade de Avaliação



Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A África no Enem	Cópias da atividade.	Aplicação de questões do Enem, que tratam das manifestações artísticas africanas e indígenas.	Atividade individual.	15 minutos.

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Realidade ou ficção? Conhecendo a África.	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do conto "A fogueira", de Mia Couto, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade com toda a turma.	50 minutos.

Aspectos operacionais

Após leitura do texto narrativo, apresente aos alunos questões de análise como as que sugerimos, orientando a análise.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, contextualize o texto e apresente o autor moçambicano Mia Couto. O professor mostrará que a cultura de África, principalmente nos países que falam a Língua Portuguesa, reflete muito de sua colonização e história. Após esses esclarecimentos, o professor poderá, ainda, relembrar os conceitos de texto narrativo e os elementos que o compõe (narrador, personagem, tempo, espaço e enredo). Na exploração do texto, convém destacar junto aos alunos de que maneira os símbolos dessa narrativa refletem, metafórica e metonimicamente, elementos centrais da cultura africana.

Atividade

Selva, leão, tambor, savana... Quando pensamos no continente africano, são essas, em geral, as imagens que nos vêm à mente. No entanto, imaginar que a cultura africana se resume a esses aspectos é o mesmo que limitar o nosso país a belas praias, ao samba e ao futebol.

Para, então, irmos pouco a pouco desconstruindo essa imagem estereotipada do continente africano, vamos analisar um trecho do conto “A fogueira”, do escritor Mia Couto. Nesse fragmento, observaremos um dos elementos centrais da cultura africana.

A Fogueira

A velha estava sentada na esteira, parada na espera do homem saído do mato. As pernas sofriam o cansaço de duas vezes: dos caminhos idosos e dos tempos caminhados.

A fortuna dela estava espalhada pelo chão: tigelas, cestas, pilão. Em volta era o nada, mesmo o vento estava sozinho.

O velho foi chegando, vagaroso como era seu costume. Pastoreava suas tristezas desde que os filhos mais novos foram na estrada sem regresso.

“Meu marido está diminuir”, pensou ela. “É uma sombra”.

Sombra, sim. Mas só da alma porque o corpo quase não tinha. O velho chegou mais perto e arrumou a sua magreza na esteira vizinha. Levantou o rosto e, sem olhar a mulher, disse:

– Estou a pensar.

– É o quê, marido?

– Se tu morres é que eu, sozinho, doente e sem forças, como é que eu vou-lhe enterrar?

Passou os dedos magros pela palha do assento e continuou:

– Somos pobres, só temos nada. Nem ninguém não temos. É melhor começar já abrir a tua cova, mulher.

A mulher, comovida, sorriu:

– Como és bom, marido! Tive sorte no homem da minha vida.

O velho ficou calado, pensativo. Só mais tarde a sua boca teve ocasião:

– Vou ver se encontro uma pá.

– Onde podes levar uma pá?

– Vou ver na cantina.

– Vais daqui até na cantina? É uma distância.

– Hei-de vir da parte da noite.

Todo silêncio ficou calado para ela escutar o regresso do marido. Farrapos de poeira demoravam o último sol, quando ele voltou.

– Então, marido?

– Foi muito caríssima – e levantou a pá para melhor a acusar.

– Amanhã de manhã começo o serviço de covar.

E deitaram-se, afastados. Ela, com suavidade, interrompeu-lhe o adormecer:

- Mas, marido...
- Diz lá.
- Eu nem estou doente.
- Deve ser que estás. Você és muito velha.
- Pode ser – concordou ela. E adormeceram.

Ao outro dia, de manhã, ele olhava-a intensamente.

- Estou a medir o seu tamanho. Afinal, você é maior que eu pensava.
 - Nada, sou pequena.
- Ela foi à lenha e arrancou alguns toros.
- A lenha está para acabar, marido. Vou no mato levar mais.
 - Vai, mulher. Eu vou ficar covar seu cemitério.
 - Ela já se afastava quando um gesto a prendeu à capulana e, assim como estava, de costas para ele disse:
 - Olha, velho. Estou a pedir uma coisa...
 - Queres o quê?
 - Cova pouco fundo. Quero ficar em cima, perto do chão, tocar a vida quase um bocadinho.
 - Está certo. Não lhe vou pisar com muita terra.

Durante duas semanas o velho dedicou-se ao buraco. Quanto mais perto do fim mais se demorava. Foi de repente, vieram as chuvas. A campa ficou cheia de água, parecia um charco sem respeito. O velho amaldiçoou as nuvens e os céus que as trouxeram.

(Mia Couto, Vozes Anoitecidas)

Questão 1

Destaque um fragmento do conto em marcas típicas da fala estejam presentes e compare essa construção à forma correspondente na norma padrão.

Questão 2

A temática central desse conto é a relação entre o passado e o presente. A partir disso, o que pode representar, metaforicamente, a cova aberta pelo marido?

Questão 3

O fogo é um elemento simbolicamente ambivalente: por um lado, aquece, protege e ilumina; por outro, pode causar dor, morte e extinção. E a fogueira? Explique de que maneira Mia Couto, ao dar esse título ao conto, dá rendimento literário à essa imagem.

Respostas comentadas

Questão 1

No conto, as marcas de oralidade estão presentes, principalmente, nas falas das personagens. Dentre os exemplos, destacam-se:

“– Se tu morres é que eu, sozinho, doente e sem forças, como é que eu vou-lhe enterrar?”

Nesse trecho, observa-se, inicialmente, a quebra sintática entre as duas primeiras orações, com a primeira sendo retomada e reestruturada sintaticamente mais adiante com o elemento que faltava (“como”), como na língua oral é comum fazermos dado o menor grau de planejamento do discurso. Além disso, observa-se o uso do pronome “lhe”, que, segundo a regência padrão do verbo “enterrar” (transitivo direto), deveria ser substituído por “-la”. Dessa forma, segundo o padrão linguístico, o trecho poderia ser reescrito da seguinte maneira:

“– Se tu morres, como é que eu, sozinho, doente e sem forças, vou te enterrar?”

“– Somos pobres, só temos nada. Nem ninguém não temos.”

Destaca-se, na segunda frase, o uso da dupla negação, construída por meio das expressões “nem”, “ninguém” e “não”. Segundo a norma padrão, tal expressão seria considerada redundante (ou, até mesmo, incoerente). No entanto, no conto, essa construção sintática evidencia a carência e o isolamento das personagens.

“Você és muito velha.”

Evidencia-se, neste fragmento, a não concordância verbal entre o pronome que exerce a função de sujeito – “você” (de 3ª pessoa do singular) – e o verbo de ligação – “és” (conjugado na 2ª pessoa do singular).

Pode-se sublinhar ainda, que na expressão “Meu marido está diminuir”, a locução verbal não apresenta a preposição “a”. Tal construção poderia representar um processo fonético-fonológico muito comum: a crase; neste caso, da vogal “a”.

O uso dessas marcas de oralidade representa uma estratégia literária: ao mesmo tempo em que tais marcas reconhecem e exaltam, como salienta o enunciado da questão, o discurso e a cultura dos personagens; também por meio delas, corporificam-se mais densamente, do ponto de vista linguístico, as personagens apresentadas, buscando-se com isso conferir maior legitimidade ao texto.

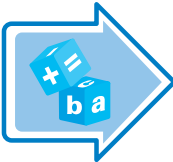
Questão 2

A cova simboliza a preparação para a morte, o fim da vida, numa situação em que o aparente isolamento dos personagens não daria margem para que eles tivessem mais nenhuma expectativa além dessa.

Questão 3

Se o fogo é um elemento ambivalente, a fogueira, nesse conto, pode ser interpretada como a ação e a compreensão do homem sobre a efemeridade da vida. Uma fogueira é fonte de calor e, por isso, espaço para congregação; tem, contudo, um prazo para durar, o que pode simbolizar a ideia da vida como um ciclo. No conto, o marido observa a proximidade do fim da vida de sua esposa, à semelhança do fim previsível de chama da fogueira e, por conta disso, decide abrir uma cova.

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Vem fazer batuque!	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do poema “Quero ser tambor”, de José Craveirinha, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade individual.	30 minutos.

Aspectos operacionais

Após leitura do texto, apresente aos alunos questões interpretativas relacionadas ao poema e ao verbete; discuta-as; e corrija-as.

Aspectos pedagógicos

A sugestão é que, antes da leitura do texto, o professor o contextualize e apresente o poeta moçambicano José Craveirinha. O professor mostrará que a poesia africana reflete, através das metáforas, a colonização, a história e os confrontos do negro. Após esses esclarecimentos, o professor poderá, ainda, relembrar alguns pontos importantes da poesia como sua composição em versos e estrofes, além de sua linguagem diferenciada e simbólica, muito utilizada pelo escritor africano em questão.

Atividade

Exploraremos, nesta atividade, a construção do ideário do negro como aquele que ama a sua terra e a sua identidade. Para isso, analisaremos um trecho do poema “Quero ser tambor”, de José Craveirinha. Nele, o negro africano é apresentado a partir da figura do tambor, representação do som da voz desse povo. Em seguida, aprofundaremos nossa análise relacionando esse poema à definição da expressão “batuque”.

Quero ser tambor, de José Craveirinha

Tambor está velho de gritar

Ó velho Deus dos homens

Deixa-me ser tambor

Só tambor gritando na noite quente dos trópicos

(...)

Só tambor ecoando a canção da força e da vida

Só tambor noite e dia

Dia e noite só tambor

Até a consumação da grande festa do batuque!

(CRAVEIRINHA, José. "Quero ser tambor". In: MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha Mama África*. São Paulo: Epopeia, 1987, p.160)

Questão 1

O poeta apresenta o tambor como a personificação de si mesmo e, ao mesmo tempo, como uma metáfora do negro na terra africana. De que maneira você interpreta essa metáfora, considerando o que esse tambor-homem-continente deseja expressar?

Questão 2

No poema, o eu-lírico afirma que seu desejo é ser tambor "até a consumação da grande festa do batuque!". Com base no verbete abaixo, como podemos interpretar esse último verso do poema?

Batuque: Termo genericamente aplicado pelos portugueses aos ritmos e danças dos africanos; por extensão, designação comum a certas danças afro-brasileiras e denominação genérica dos cultos afro-gaúchos. Dos batuques dos povos bantos de Angola e Congo originaram-se os principais ritmos e danças do Brasil e das Américas, como o samba e o jongo.

(LOPES, Nei. *Dicionário Escolar afro-brasileiro*. São Paulo: Selo Negro edições, 2006, p.28)

Respostas comentadas

Questão 1

O aluno poderá fazer diversas reflexões, ligando a imagem do tambor a uma afirmação da pulsação da própria vida, seja pra se queixar do passado ou pra reclamar liberdade e igualdade.

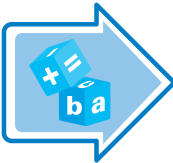
Questão 2

De acordo com o verbete, “batuque” designa os ritmos e as danças dos africanos e, por extensão, certas danças afro-brasileiras e cultos afro-gaúchos. Dos batuques dos povos bantos de Angola e Congo, originaram-se os principais ritmos e danças do Brasil e das Américas, como o samba e o jongo. Com base nessas informações, “a grande festa do batuque” pode representar a realização da “canção da força e da vida”: a celebração da liberdade plena e da conquista da igualdade para os povos africanos.

Seção 1 – A África fala português

Páginas no material do aluno

149 a 154

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Comparando dois países	Cópias da atividade.	Análise do poema “Você: Brasil”, a fim de reconhecer pontos positivos e negativos que aproximam Cabo Verde e o Brasil.	Atividade individual.	30 minutos.

Aspectos operacionais

Proponha questões de análise e corrija-as, junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

A fim de aprofundar a apresentação do autor, pode ser interessante traçar uma síntese de sua biografia (cf. [http://www.infopedia.pt/\\$jorge-barbosa](http://www.infopedia.pt/$jorge-barbosa)). De forma semelhante, convém explicitar alguns traços de Cabo Verde, localizando o país geográfica e culturalmente (cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo_Verde). A partir disso, apresente as questões de análise, destacando a comparação feita entre os dois países.

Atividade

O poema abaixo foi escrito por Jorge Vera–Cruz Barbosa, um dos membros mais importantes do movimento *Claridade*, que defendia a emancipação cultural, social e política da sociedade de Cabo Verde, um país africano constituído por dez ilhas.

Atento à realidade seu país, o poeta denuncia, em suas obras, a miséria, a fome e a morte do povo cabo–verdiano. No poema que se segue, por exemplo, essa denúncia é feita por meio de uma comparação entre Cabo Verde e o Brasil.

Leia-o com atenção e responda às questões que se seguem.

VOCÊ: BRASIL

Eu gosto de você, Brasil,
porque você é parecido com a minha terra.
Eu bem sei que você é um mundo
e que a minha terra são
dez ilhas perdidas no Atlântico,
sem nenhuma importância no mapa.
Eu já ouvi falar de suas cidades:
A maravilha do Rio de Janeiro,
São Paulo dinâmico, Pernambuco, Bahia de Todos–os–Santos.
Ao passo que as daqui
Não passam de três pequenas cidades.
Eu sei tudo isso perfeitamente bem,
mas Você é parecido com a minha terra.
E o seu povo que se parece com o meu,
que todos eles vieram de escravos
com o cruzamento depois de lusitanos e estrangeiros.
(...)
Você, Brasil, é parecido com a minha terra,
as secas do Ceará são as nossas estiagens,

com a mesma intensidade de dramas e renúncias.
Mas há no entanto uma diferença:
é que os seus retirantes
têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem
porque seria para se afogarem no mar...
(...) Eu gostava enfim de o conhecer de mais perto
e você veria como é que eu sou bom camarada.
Havia então de botar uma fala
ao poeta Manuel Bandeira
de fazer uma consulta ao Dr. Jorge de Lima
para ver como é que a poesia receitava
este meu fígado tropical bastante cansado.
Havia de falar como Você
Com um i no si
— “si faz favor”
de trocar sempre os pronomes para antes dos verbos
— “mi dá um cigarro!”
Mas tudo isso são coisas impossíveis, — Você sabe? Impossíveis.
(In: FERREIRA, Manoel. *50 poetas africanos*. Lisboa: Plátano, 1986, p. 170.)

Questão 1

Na comparação feita entre Cabo Verde e Brasil, o eu-lírico, logo nos primeiros versos do poema, destaca uma oposição entre os dois países. Qual seria?

Questão 2

No poema, há uma aproximação entre a fala e alma de brasileiros e cabo-verdianos. Quais seriam os aspectos positivos e negativos comuns entre os dois países?

Questão 3

Que características do português falado no Brasil são invocadas pelo escritor cabo-verdiano?

Respostas comentadas

Questão 1

A oposição entre os dois países se refere a um aspecto geopolítico: por um lado, o Brasil é apresentado como “um mundão”, em cuja vastidão se destacam cidades maravilhosas; por outro, Cabo Verde é caracterizado como um conjunto de “dez ilhas perdidas no Atlântico”, um país pequeno e “sem nenhuma importância no mapa”.

Questão 2

Nesta questão, espera-se que os alunos discutam a relação de proximidade e a admiração que os cabo-verdianos têm pelo Brasil. Dentre os aspectos comuns aos dois países, destaca-se: positivamente, o modo amistoso e acolhedor de ser dos dois países; negativamente, o formação do povo como tendo se originado principalmente por escravos, e ainda as questões relativas à seca/estiagem (“Você, Brasil, é parecido com a minha terra,/ as secas do Ceará são as nossas estiagens,/ com a mesma intensidade de dramas e renúncias.”).

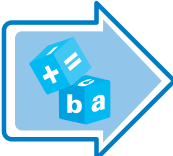
Questão 3

O escritor cabo-verdiano ressalta o modo de fala dos brasileiros que tende a substituir o som final da palavras (permutação de vogais) e a anteposição do pronome antes do verbo com flexão melódica de entonação vocabular.

Seção 1 – A África fala português

Páginas no material do aluno

149 a 154

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Um poema sobre poesia	Cópias da atividade.	Análise do poema “Intimidar o poema a ser raiz”, de poeta Ondjaki, a fim de explorar aspectos da rede de influências que compõe a literatura africana.	Atividade individual.	30 minutos.

Aspectos operacionais

Proponha questões de análise como as que sugerimos e corrija-as, junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

A fim de aprofundar a apresentação do autor, pode ser interessante traçar uma síntese de sua biografia (cf. <http://www.infoescola.com/biografias/ondjaki/>). De forma semelhante, convém explicitar alguns traços de Angola, localizando o país geográfica e culturalmente (cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Angola>). A partir disso, apresente as questões de análise.

Atividade

O poema abaixo foi escrito por Ndalu de Almeida, popularmente conhecido como Ondjaki. O poeta africano nasceu na cidade de Luanda, metrópole e capital angolana, em 1977.

Este poema é uma obra metalinguística, uma vez que aborda o próprio fazer poético. Veremos que, num diálogo com outras obras e autores, exalta-se a literatura em Língua Portuguesa.

Leia-o com atenção e responda às questões que se seguem.

Intimidar o poema a ser raiz (Ondjaki)

era um poema lateral aos sentidos.

ganhava formato ébrio

ao nem ser escrito.

(...)

imitava uma pedra

[aí as palavras drummondeavam].

longe das lógicas

– com tendência vagabunda –

o poema driblava lados avessos

(...)

[aqui as sílabas manoelizam, barrentas].

mas uma estrela nunca brilha

tão solitária;

encarece-se também de luuandinar,

miar à coute,

esvair-se para guimarães...

era um poema carente de afectar-se

a ramos gracilianos.

(...)

(ONDJAKI. Materiais para Confecção de um Espanador de tristezas. Portugal: Editorial Caminho, 2009, p. 34)

Questão 1

Ondjaki dialoga, nesse poema, com alguns dos nossos melhores poetas e prosadores. Você conhece alguns desses nomes? Como ele faz isso?

Questão 2

Um dos traços mais visíveis da africanidade no Brasil e em outros países da Diáspora – que é a dispersão de povos africanos pelo mundo, trazidos pelo Atlântico, o Índico e o Mar Vermelho – consiste no léxico. No Brasil, houve a predominância das línguas do grupo Banto (o quicongo, o quimbundo e o umbundo, todas línguas angolanas). Você conseguiu perceber alguns traços dessas contribuições e influências das línguas africanas no português do Brasil?

Respostas comentadas

Questão 1

Neste poema, o escritor angolano traz para a cena literária os seus afetos e inspirações, principalmente autores brasileiros – Drummond, Manoel Bandeira, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos – além dos autores africanos Mia Couto e José Luandino Vieira (pseudônimo literário de José Vieira Mateus da Graça, autor da premiada obra *Luuanda*).

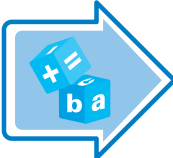
Questão 2

Espera-se que os alunos releiam os fragmentos estudados e façam o levantamento de palavras e/ou expressões presentes de nosso vocabulário muito usadas no dia a dia herdadas do continente africano, procedentes de diferentes grupos linguísticos, como os iorubás e, especialmente, os povos bantos.

Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

154 a 167

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Sinais de vida da África	Cópia da atividade.	Análise de um fragmento do romance <i>Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba</i> , do escritor moçambicano Mia Couto, a fim de reconhecer elementos da cultura africana.	A atividade pode ser desenvolvida individualmente ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	100 minutos.

Aspectos operacionais

Apresente os textos e, em seguida, proponha questões como as que sugerimos, corrigindo-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Inicie uma roda de conversas com o grupo chamando a atenção para a complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra no Brasil. Pergunte se conhecem algo sobre esse assunto, se já leram algum texto que tratasse dos povos africanos. Lembre aos alunos que as histórias e personagens da mitologia africana estão presentes na cultura do mundo todo e, já aquecidos com o debate, comente que houve um estreitamento de laços entre os escritores africanos de língua portuguesa e os escritores brasileiros do séc. XIX até os dias atuais, com particular ênfase no período modernista. Depois, passe à leitura do texto proposto para análise.

Atividade

A cultura brasileira é muito influenciada pela África: músicas, danças, esculturas, pinturas, língua, culinária e técnicas de produção definem a nossa identidade e norteiam a afetividade nas nossas relações sociais.

“

O que se define por um *proprium* africano (vida, força, coletividade e ancestralidade) deve ser procurado no meio ambiente cultural, levando-se em conta três variáveis: físicas, socioeconômicas e históricas. Essa percepção compreende:

as manifestações de atitude que certos povos africanos têm em relação ao universo e à sociedade. Ex. Nos jogos, não há a oposição do perder e ganhar, pois concretizam uma atitude perante o universo, a vida e a sociedade, sendo uma questão comportamental que resgata valores éticos;

os provérbios – que constituem longas e amadurecidas reflexões sobre o mundo, sendo resultado de experiências anônimas confirmadas;

as artes – como manifestação da humanização;

as práticas religiosas – que conservam e traduzem a relação com o mundo do homem africano, exprimindo os valores e contra valores da sociedade;

as Escolas de iniciação – que representam a informação e formação do indivíduo;

o corpo – que remete à unidade corpo/espírito, ao individual/coletivo.

(Adaptado de: AGUESSY, Honorat. “Visões e percepções tradicionais”. In: SOW, Alpha et al. *Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1980, pp. 95–135)

”

A fim de observarmos alguns desses traços culturais da África, analisaremos o texto abaixo, um trecho do romance *Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba*, do escritor moçambicano Mia Couto. No fragmento, apresenta-se um diálogo entre Bartolomeu Sozinho (ex-mecânico naval da Companhia de Navegação Colonial e nativo de Vila Cacimba, uma vila imaginária em Moçambique) e Dr. Sidónio Rosa (médico local, de nacionalidade portuguesa).

– Noutro dia, você zangou-se comigo porque eu não o chamava pelo seu nome inteiro. Mas eu conheço o seu segredo.

– Não tenho segredos. Quem tem segredos são as mulheres.

– O seu nome é Tsotsi. Bartolomeu Tsotsi.

– Quem lhe contou isso? De certeza que foi o cabrão do Administrador.

Acabrunhado, Bartolomeu aceitou. Primeiro, foram os outros que lhe mudaram o nome, no baptismo. Depois, quando pôde voltar a ser ele mesmo, já tinha aprendido a ter vergonha de seu nome original. Ele se colonizara a si mesmo. E Tsotsi dera origem a Sozinho [Bartolomeu Sozinho].

– Eu sonhava ser mecânico, para consertar o mundo. Mas aqui para nós que ninguém nos ouve: um mecânico pode chamar-se Tsotsi?

– Ini nkabe dziua.

– Ah, o Doutor já anda a aprender a língua deles?

– Deles? Afinal, já não é a sua língua?

– Não sei, eu já nem sei...

O português confessa sentir inveja de não ter duas línguas. E poder usar uma delas para perder o passado. E outra para ludibriar o presente.

– A propósito de língua, sabe uma coisa, Doutor Sidinho? Eu já me estou a desmulatar.

E exhibe a língua, olhos cerrados, boca escancarada. O médico franze o sobrolho, confrangido: a mucosa está coberta de fungos, formando uma placa esbranquiçada.

– Quais fungos? – reage Bartolomeu. – Eu estou é a ficar branco de língua, deve ser porque só falo português...

O riso degenera em tosse e o português se afasta, cauteloso, daquele foco contaminoso. [...]

O médico olha para o parapeito e estremece de ver tão frágil, tão transitório aquele que é seu único amigo em Vila Cacimba. O aro da janela surge como uma moldura da derradeira fotografia desse teimoso mecânico reformado.

– Posso fazer-lhe uma pergunta íntima?

– Depende – responde o português.

– O senhor já alguma vez desmaiou, Doutor?

– Sim.

– Eu gostava muito de desmaiar. Não queria morrer sem desmaiar.

O desmaio é uma morte preguiçosa, um falecimento de duração temporária. O português, que era um guarda-fronteira da Vida, que facilitasse uma escapadela dessas, uma breve perda de sentidos.

– Me receite um remédio para eu desmaiar.

O português ri-se. Também a ele lhe apetecia uma intermitente ilucidez, uma pausa na obrigação de existir.

– Uma marretada na cabeça é a única coisa que me ocorre.

Riem-se. Rir junto é melhor que falar a mesma língua. Ou talvez o riso seja uma língua anterior que fomos perdendo à medida que o mundo foi deixando de ser nosso.

(COUTO, Mia. *Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 110–113) Fragmento.

Questão 1

Identidade nacional representa um conjunto de sentimentos que fazem com que um indivíduo se sinta parte de uma sociedade ou nação. A língua é um importante elemento na constituição da identidade de um povo. Ela permite reconhecer membros da comunidade, diferenciar estrangeiros e transmitir tradições. No texto, podemos perceber uma certa crise de identidade por parte do personagem africano Bartolomeu, obrigado a conviver com duas línguas. Com base nessas informações, responda:

De que países eram essas duas línguas?

Selecione um fragmento do texto que confirme a crise de identidade de Bartolomeu devido à adoção/convivência com as duas línguas.

Questão 2

A cosmovisão de um povo relaciona-se à forma como esse povo concebe o mundo e age para transformá-lo. Muitos aspectos da cosmovisão africana estão presentes no texto de Mia Couto e compõem a cultura afro-brasileira. Qual aspecto da cosmovisão africana tem maior destaque no trecho: “Riem-se. Rir junto é melhor que falar a mesma língua.”

- a. Ancestralidade.
- b. Musicalidade.
- c. Religiosidade.
- d. Coletividade/Socialização.
- e. Oralidade.

Questão 3

O movimento da negritude, nas primeiras décadas do século XX, tinha por objetivo o resgate e a valorização das raízes culturais negras no que dizia respeito à emancipação dos povos africanos que ainda viviam sob a dominação colonial. Muitos textos em poesia e prosa firmarão projetos nacionalistas que tinham por objetivo valorizar a identidade pessoal, apoiados no conceito de africanidade e negritude que consiste no reconhecimento do homem negro-africano como sujeito livre e portador de uma cultura própria.

Essa atitude está presente no comportamento de Bartolomeu Sozinho? Comente. Retire uma passagem do texto que apoie as suas considerações.

Questão 4

Dois conceitos ocupam lugar estratégico nos estudos de cultura negra: negritude e africanidade que estão interrelacionados. Vejamos esses conceitos por meio do quadro abaixo:

Negritude	Africanidade
Tem sua origem nas primeiras décadas do século XIX, no contexto de uma espécie de renascimento negro. Representa uma busca pela revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares.	Engloba a cultura, a arte, a língua, as tradições, as instituições, as crenças e as visões de mundo do povo africano.

O diálogo entre Bartolomeu Sozinho e Dr. Sidónio Rosa revela, entre outras questões, que o negro e nativo identifica no branco europeu qualidades e superioridades que inveja e deseja para si. Por que isso acontece?

Destaque alguns elementos do texto associados ao conceito de africanidade.

Questão 5

Compare o romance ao poema do escritor afro-brasileiro Cuti, reproduzido logo a seguir, e responda: que papéis o sujeito poético assume em algumas circunstâncias de sua vida que difere do sujeito narrativo (Bartolomeu Sozinho), presente no texto de Mia Couto?

Quebranto

às vezes sou o policial que me suspeito
me peço documentos
e mesmo de posse deles
me
prendo
às vezes sou o zelador
não me deixando entrar em mim mesmo
a não ser
pela porta de serviço
às vezes sou o meu próprio delito

o corpo de jurados
a punição que vem com o veredito
(...)
às vezes faço questão de não me ver
e entupido com a visão deles
me sinto a miséria concebida como um eterno
começo
(...)
Às vezes!...

(Cuti. In: *Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p. 58)

Questão 6

Nos dois fragmentos abaixo, que questões relativas à representação literária da identidade e da condição dos negros no Brasil são apontadas já a partir dos títulos?

Fragmento 1:

A carne

(Compositores: Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette)

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que vai de graça pro presídio

E para debaixo do plástico

Que vai de graça pro subemprego

E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história

Segurando esse país no braço

(...)

Mas mesmo assim

Ainda guardo o direito

De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(<http://letras.mus.br/elza-soares/281242/>)

Fragmento 2:

“às vezes faço questão de não me ver
e entupido com a visão deles
me sinto a miséria concebida como um eterno
começo”
(Cuti, In: “Quebranto”)

Respostas comentadas

Questão 1

Através da conversa das personagens, vemos tratar-se da língua portuguesa e de uma das línguas africanas (no caso, a moçambicana *chesena*, falada no centro do país).

- *Ini nkabe dziua.*
- Ah, o Doutor já anda a aprender a língua deles?
- Deles? Afinal, já não é a sua língua?
- Não sei, eu já nem sei...

Questão 2

Resposta: Letra D. A cooperação e o comunitarismo refletem modos africanos e afro-brasileiros de ver/viver o mundo, uma vez que não existe cultura negra/afro-brasileira na solidão, mas em coletivo, porque traduz a manifestação da cultura identitária de um povo. O fato de estarem juntos, rindo, se sobrepõe ao fato de falarem a mesma língua. É preciso ressaltar que a roda, a circularidade estão no seio dessa existência, por exemplo, geralmente, não se come feijoada sozinho e nem se realiza uma roda de samba sem parceiros.

Questão 3

Não. A personagem Bartolomeu Tsotsi demonstra ter vergonha de seu nome de batismo que confirma a sua pertença à identidade africana, uma vez que está escrito em língua chesena. Essa negação acaba por negar a sua identidade pessoal e a esconder as suas raízes africanas, fundamentais à constituição do projeto nacionalista em oposição ao colonialismo de que as sociedades africanas foram vítimas. Trechos que confirmam isso: “Ele se colonizara a si mesmo” e “Eu já estou a desmulatar”

Questão 4

Bartolomeu Sozinho foi obrigado a mudar de nome de batismo devido à imposição do sistema colonial português que instituiu a língua portuguesa como língua oficial. O novo nome não é mencionado, apenas o que ele próprio escolheu, “Sozinho”, o que denota o profundo sentimento de perda/solidão na configuração da nova realidade sociocultural e histórica da sociedade moçambicana da qual faz parte.

A permanência da língua chesena como marca da identidade cultural moçambicana;

a ideia de que o passado e o presente não são tempos distintos e hierárquicos, mas cíclicos e circulares, porque remetem à ancestralidade; a aceitabilidade da vida e a morte como estágios da existência em abertura com os antepassados; o princípio da experiência.

Questão 5

No poema, o sujeito poético assume o papel de policial, representando a opressão/repressão; o papel de zelador, que se autodiscrimina, porque se sente inferior, tornando-se (tornado) invisível aos olhos da sociedade. No entanto, pode-se depreender que tais papéis não são permanentes, pois a passagem final, em reticências, sugere uma atitude oposta que é a autovalorização. A diferença do sujeito narrativo apresentado por Mia Couto é que Bartolomeu Sozinho parece estar cansado para rebelar-se, embora ciente do regime de opressão a que foi/é submetido, daí o pedido de remédio para desmaiar.

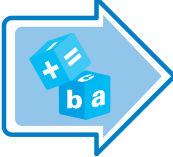
Questão 6

Os textos refletem a visão negativa que se tem do homem negro/da mulher negra na sociedade brasileira, veiculadas por jornais, programas de televisão, anúncios, novelas, enfim, os meios de comunicação que reproduzem uma visão estereotipada e discriminatória de racismo e exclusão. Ambos os títulos chamam a atenção para o efeito devastador dessa tomada de posição em que o corpo negro foi subjugado e lhe foi tirada a sua humanidade, através de práticas efetivas de discriminação e/ou no olhar de pena e/ou desvalorização que o significado de “quebranto”, mau-olhado, deixa entrever.

Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

154 a 167

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Um conto africano	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do conto "Vôvô Bartolomeu", de Antonio Jacinto, a fim de identificar elementos da cultura africana.	Atividade individual.	50 minutos.

Aspectos operacionais

Proponha questões de análise como as que sugerimos e corrija-as, junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

A fim de aprofundar a apresentação do autor, pode ser

Atividade

O texto a seguir é um trecho do conto *Vôvô Bartolomeu*, escrito pelo angolano Antonio Jacinto, que participou ativamente da luta de libertação nacional pelo seu país.

Leia com atenção e responda às questões que se seguem.

Vôvô Bartolomeu

Vôvô Bartolomeu desde manhãzinha que olhava o pardacento céu, enrugando a já bem engelhada testa.

_ Vôvô , que é que você está a ver no céu?

_ Estou vendo uma coisa que você vai ver só, logo no meio-dia, e que a estas horas já chegou lá no sô Luca.

_ Que é que tem lá no sô Luca?

- Diga nos homens para trabalhar com pressas, senão você vai ver só: ninguém que pára com chuva

E vôvô Bartolomeu entrou arrastadamente na cubata, donde saía um fumo bem de fogueira quente. Ainda o ouvi cantar

Mano Santo iá Kifumbe

Eh! Eh! Eh! Eh!

_ Eh! pessoal! Vamos despachar o serviço. Vôvô Bartolomeu disse que vai vir chuva.

E todo o pessoal começou a trabalhar com força, para acabar de recolher o milho, quase para o meio-dia.

A colheita não tinha sido má, e para este ano havia de pagar todas as contas e ainda sobrava dinheiro para dar o alembamento da filha do velho Gongga.

(...) Aquele milho bonito que devia dar pra pagar as contas do alembamento. Ainda devia chegar pro imposto e escapar de ir no contrato. Se o imposto subiu? Não sei, mas parece que este ano o imposto está mais caro! Depois tinha de comprar fiado um sobretudo na loja do sô Maganlanji.

(...) Ficou tudo escuro. O pessoal estava satisfeito, mesmo nunca na minha vida ficara tão contente. Se vendia milho ia amigar com a filha do velho Gongga.

(...) Nisto, do céu caiu um raio e caiu mesmo em cima da cubata que tinha o milho e tudo começou a queimar. Eu, o pessoal, as mulheres, a garotada, e o vôvô Bartolomeu viemos para fora, sem medo da chuva que chovia, para apagar o fogo. Qual nada! O milho queimou mesmo.

(...) Estava a olhar as cinzas e nos olhos veio água, muita água de chorar, que não era chuva, não.

Vôvô Bartolomeu ficou muito grande, rijo, muito grande, pôs-me a mão no ombro e disse:

_ Sorte de preto!

Olhei o meu arimbo. Meus pés descalços pisaram bem aquele chão, aquela terra que cheirava a chuva e era toda minha. No meu nariz entrou a força toda que vinha da terra grande. A chuva corria como o rio lá ao fundo naquela baixa. E os paus de café estavam lavados, estavam verdes, estavam bonitos, bonitos e novos como a ilha do velho Gongga.

Não, eu não ia ficar assim parado a pensar na sorte de preto que vôvô falou. Não. Aquela terra tinha força. Eu também.

Amanhã eu ia mesmo, com a minha força toda, limpar a lavra do café.

(In: SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985, pp. 55-7)

Questão 1

De que maneira o respeito aos mais velhos, típico da tradição africana, está presente nesse conto?

Questão 2

A herança africana está por toda parte. Um dos legados dessa milenar cultura para a brasileira é o fato de que o ato de aprender envolve o coletivo em sua totalidade. Não se aprende só com a cabeça, denominada **ori**, mas com o coração, com os olhos, com os ouvidos, com os braços, com as pernas, enfim, com todo o corpo. Você acha que essa filosofia (modo de ser/viver/conhecer/saber) está presente no conto Vovô Bartolomeu? Comente.

Questão 3

Embora seguindo a tradição de que os anciãos são os detentores da sabedoria e dos valores da tradição, Antonio Jacinto também delega à juventude um outro papel. É possível ver isso no trecho do conto lido?

Questão 4

Pensando na realidade de nosso país, quais relações de trabalho aparecem no nesse trecho? Sabendo que esse conto foi escrito em 1979, você acha que houve alguma mudança nas relações sociais de trabalho?

Questão 5

A partir da leitura do fragmento abaixo, retirado do poema da escritora contemporânea Vera Duarte, de Cabo Verde, que relação intertextual podemos estabelecer com o trecho do conto Vovô Bartolomeu?

Ai se um dia...

Ai se um dia...

Ai se em outubro chovesse

a terra molhasse

o milho crescesse

e a fome acabasse

Ai se o milho crescesse

a fome acabasse

o homem sorrisse

e a terra molhasse

(...)

Acordaremos, camaradas,

As chuvas de outubro não existem!

O que existe

É suor cansado

Dos homens que querem

O que existe

É a busca constante

Do pão que abundante virá

(Disponível em: http://www.dhnet.org.br/redes/caboverde/cultura/poesias_vera/um_dia.htm)

Respostas comentadas

Questão 1

Sim. A experiência em ler o mundo/a natureza e com ela interagir está presente na figura de Vovô Bartolomeu, que dá título ao conto – o que confirma a importância do mais velho como guardião da sociedade.

Questão 2

Sim. Percebe-se o sentimento de solidariedade e comunhão no trabalho de plantação e colheita do milho. Além disso, a sabedoria do Vovô Bartolomeu, que vê a chuva no céu bem cedinho e a confirma, “enrugando a já bem

engelhada testa”, confirma esse aprendizado integral. Há, ainda, o respeito do neto, que segue imediatamente para avisar aos trabalhadores das palavras do ancião.

Questão 3

Sim. O respeito aos mais velhos, típico da sociedade africana, não impede que o neto, muito triste e choroso, vislumbre novas perspectivas de futuro. Ele interpreta a fala do Vovô Bartolomeu “Sorte de preto” não como uma benção por terem escapado do fogo (reconhecendo-se aí a resistência diante da força bruta da natureza), mas o chamado para a volta por cima que supere a interpretação fatalista – o que está expresso nas palavras finais do menino: “Amanhã eu ia mesmo, com a minha força toda, limpar a lavra do café”.

Questão 4

Espera-se que os alunos reflitam sobre a péssimas condições de trabalho a que é submetida uma boa parte da nação brasileira, discutindo as relações desiguais de trabalho e a exploração dos menos favorecidos, especialmente os trabalhadores rurais, que têm, na exportação de seus produtos, um entrave socioeconômico devido aos altos impostos e taxas alfandegárias.

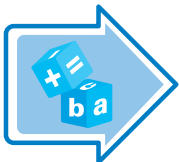
Questão 5

A chuva é esse ponto intertextual, pois o eu-poético clama pelo derrame das águas que fará a colheita prosperar e crescer; no conto, ao contrário, a chuva aparece, apenas, como um dado da natureza que não é relativo à geografia do lugar como no caso de Cabo Verde.

Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

154 a 167

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Captando traços da cultura indígena	Cópias da atividade.	Análise comparativa entre uma descrição acerca dos hábitos indígenas e trechos do poema “A história vem de um tempo longo, médio, recente”, de Adalberto Maru Kaxinawá e Joaquim Mana Kaxinawá, a fim de reconhecer contribuições da cultura indígena na formação da cultura nacional.	Atividade com toda a turma.	30 minutos.

Aspectos operacionais

Aplique as questões de análise e corrija-as.

Aspectos pedagógicos

Para aprofundar os objetivos da atividade, pode-se desenvolver, inicialmente, um diálogo didático. Por meio dessa estratégia, os alunos poderão ser estimulados a resgatar traços indígenas que fundamentaram a cultura de nosso país. Essas contribuições podem ser sistematizadas no quadro. Dessa maneira, os alunos poderão, mais facilmente, responder às questões de análise comparativa.

Atividade

A cultura indígena é uma das principais bases da formação de nosso país. Para, então, resgatarmos essa contribuição de nossos antepassados, compare os dois textos abaixo, respondendo às questões propostas.

Depois do jantar, noite cerrada, no pátio que uma fogueira ilumina e aquece, reúnem-se os velhos indígenas, os estrangeiros, para fumar e conversar até que o sono venha. Evocações de caçadas felizes, de pescarias abundantes, aparelhos esquecidos para prender animais de vulto. Figuras de chefes mortos, lembranças de costumes passados, casos que fazem rir, mistérios da mata, assombros, explicações que ainda escurecem o sugestivo apelo da imaginação, todos os assuntos vão passando, examinados e lentos, no ambiente tranqüilo.(...)Todas as coisas (...) têm uma História religiosa, hierárquica, e uma literatura folclórica adjacente.

(CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1984, pp. 78 e 87).



A história vem de um tempo longo, médio, recente

Adalberto Maru Kaxinawá

Joaquim Mana Kaxinawá

A história vem de um tempo longo,

médio,

recente.

De ontem, hoje, amanhã.

História é um caminho muito longo.

Enquanto o tempo vai passando, mais histórias vamos construindo.

História é passado, história é presente.

A história não é só do ser humano. Também é dos encantados, dos animais,
da floresta, dos rios e dos legumes.

História está em todo lugar do mundo.

passado, história é presente.

(FREIRE, José Ribamar Bessa; MACIEL, Ira; MONTE, Nietta; SANTOS, Núbia Melhem Orgs. Te mandei um passarinho... prosas e versos de índios no Brasil. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Coleção Literatura para todos).

”

Questão 1

Câmara Cascudo relata o modo de vida dos povos indígenas. No poema dos escritores indígenas Adalberto Maru Kaxinawá e Joaquim Mana Kaxinawá também podemos ver alguns desses hábitos. Pontue algumas dessas características culturais.

Questão 2

Que alimentos característicos dos povos indígenas são apresentados nessa descrição de Câmara Cascudo? Que outros alimentos característicos dos indígenas você conhece? E quais permanecem na culinária brasileira?

Questão 3

A cultura indígena e a sua influência na formação da sociedade nacional aparece bastante nas histórias escritas pelo líder indígena Daniel Mundurucu, em que se discute o modo de ver o mundo e de explicar a relação do ser humano com seu ambiente. Extrapolando, agora, os textos lidos, podemos lembrar que existem várias lendas adaptadas da cosmologia indígena presentes no imaginário nacional: Caipora, Boitatá, Iara, Cobra Grande, Vitória Régia, Saci Pererê etc. Que importância podemos reconhecer nessas lendas?

Respostas comentadas

Questão 1

Espera-se que os alunos discutam o modo como analisamos a cultura indígena, identificando traços culturais dessas nações presentes em nossos costumes regionais. Devem reconhecer a diferença como traço constitutivo de cada sociedade sem hierarquização de superioridade versus inferioridade.

Questão 2

Dentre os hábitos alimentares, destaca-se o consumo de carnes vermelhas e de peixes adquiridos pela caça e pela pesca, além de hortaliças e legumes que são cultivados na agricultura familiar. Com seus ingredientes e técnicas, a culinária indígena é uma das bases da culinária brasileira, sendo a mandioca, em forma de farinha e de bijus, muito usada no preparo de vários outros alimentos. Há, também, uma variedade de frutas trazidas para a cultura brasileira pelos indígenas, além do milho e dos pirões.

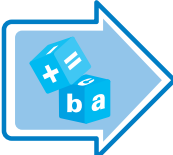
Questão 3

Espera-se que os alunos reconheçam que as lendas indígenas fazem parte do folclore brasileiro, registrando crenças, costumes e tradições populares muito presentes no interior do Brasil, algumas criadas a partir de fatos verídicos e que tiveram como personagens heróis antepassados que se sobressaíram pelo poder, beleza, bondade etc. De tradição oral, as lendas são histórias fantásticas repletas de mistérios sobrenaturais e, nas aldeias, eram muito utilizadas para ensinar indígenas jovens e ariscos; possuem, pois, um caráter doutrinador/disciplinador.

Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

154 a 167

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Ouvindo um pajé	Cópias da atividade.	Análise de um trecho do romance <i>O sinal do pajé</i> , de Daniel Mundukuru, a fim de identificar aspectos da cosmovisão indígena.	Atividade individual.	50 minutos.

Aspectos operacionais

Leia o texto junto aos alunos; aplique as questões; corrija-as.

Aspectos pedagógicos

Como estratégia de contextualização, pode-se comparar os aspectos das culturas africana e indígena, já observados nas atividades anteriores, a fim de identificar pontos comuns e, assim, sistematizar elementos da cosmovisão africana e indígena.

Atividade

O texto que segue é um trecho do romance indígena *O sinal do pajé*, de Daniel Mundukuru. O romance retrata o rito de passagem de um curumim à vida adulta e mostra as mesmas angústias, conflitos e questionamentos comuns a todos os jovens.

O sinal do pajé

Na nossa época, Curumim – falou o velho pajé como se tivesse lido seu pensamento –, não tínhamos muito tempo para brincar, não. Vivíamos constantes tensões. Era um tempo de guerra contra outras gentes do lado oposto do rio. Era também uma época em que os homens brancos estavam chegando em nossas aldeias. Éramos jovens e torcíamos para que nossos líderes permitissem que interceptássemos os barcos que traziam os homens de roupa comprida. Mas tínhamos medo, muito medo. (...)

– Vocês tinham medo do quê? – quis saber o menino.

– Naquela ocasião, não sabíamos direito do que tínhamos medo, mas o fato é que aquelas pessoas que estavam vindo para cá encontrar-se conosco eram muito estranhas, muito feias, muito selvagens. Seus olhos eram diferentes, seus rostos sujos de pelos nos causavam medo. Seus rostos não nos permitiam ver sua pele; não sobrava nada onde se pudesse fazer uma pintura de boas-vindas. Então, não ficávamos seguros sobre o que eles realmente queriam.

– E eles não podiam ser amigos? E se só quisessem o bem de nossa gente? – questionou o garoto.

– Isso tudo, Curumim – retomou a palavra a avó –, nossos líderes também se perguntavam. Quando começamos a ouvir o sonho de nossos avós sobre a chegada dos homens peludos, era tudo engraçado. Alguns dos nossos avós chegaram a dizer que eles sabiam voar dentro de pássaros gigantes e que nossas flechas nunca poderiam impedi-los de voar, por serem grandes e fortes. Outros pajés diziam ter visto em seus sonhos que aqueles estrangeiros eram muito perigosos porque tinham medo da floresta, dos animais, dos peixes, dos rios.

– E por que isso os tornava perigosos? – perguntou o velho pajé com a intenção de provocar a curiosidade no Curumim. – Porque com medo, as pessoas fazem coisas sem pensar direito. E se temos medo de algo, nosso primeiro pensamento é destruir o que nos assusta. Eles iriam destruir nossa terra, disso tínhamos certeza.

A conversa parou por ali. O curumim sabia que seus avós tinham um tempo certo de falar e calar, e este tempo tinha chegado ao final. Ele sabia que não adiantava mais fazer perguntas, pois eles não responderiam a mais nada naquele momento. (...)

(MUNDUKURU, Daniel. *O sinal do pajé*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2003, pp. 13–15)

Questão 1

Quais marcas linguísticas foram utilizadas pelo pajé para se referir à própria sociedade, a outros grupos indígenas e aos europeus?

Questão 2

O que essas marcas podem revelar sobre a cosmovisão indígena?

Respostas comentadas

Questão 1

As marcas linguísticas utilizadas pelo pajé para se referir à própria sociedade são expressas pelas palavras na 1ª pessoa do plural, que revelam a relação de pertencimento a um grupo. São elas os pronomes possessivos “nossa”, “nossas”, “nossos” e os verbos “tínhamos”, “vivíamos”, “éramos”, “torcíamos”, “interceptássemos”, “tínhamos”; Em relação a outros grupos indígenas, são utilizadas as expressões “outras gentes do lado oposto do rio” / “do lado posto”, que marcam a ideia de diferença e pertencimento, mesmo dentro das sociedades indígenas. Com respeito aos europeus, o pajé utiliza as expressões “homens brancos” e “homens de roupa comprida”, características que opõem indígenas e europeus quanto ao fenótipo e marcas culturais, por exemplo, a relação que se tem com o corpo.

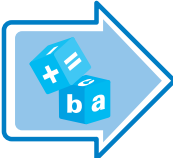
Questão 2

As marcas linguísticas apontadas revelam a visão de sua própria sociedade como um coletivo que age em função de um bem comum, como podemos perceber na escolha da 1ª pessoa do plural nos pronomes e nos verbos.

Seção 2 – Herança africana no Brasil

Páginas no material do aluno

154 a 167

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Por uma herança mais rica	Cópias da atividade.	Análise comparativa entre o poema indígena “Eu não tenho minha aldeia”, de Eliane Potiguara, o um trecho da comunicação “Eu o outro – o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”, de Manuel Rui, a fim de reconhecer traços históricos e culturais comuns aos povos indígena e africano.	Atividade com toda a turma.	30 minutos.

Aspectos operacionais

Leia os textos junto aos alunos, discuta-os, aplique a questão de análise e corrija-a.

Aspectos pedagógicos

A fim de apresentar os dois escritores e, assim, seus textos, pode ser interessante destacar a biografia e outras obras da escritora indígena Eliane Potiguara (cf. <http://elianepotiguara.blogspot.com.br/>) assim como do escritor angolano Manuel Rui (cf. http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/angola/manuel_rui.html).

Atividade

Nesta atividade buscaremos identificar pontos comuns entre as culturas indígena e africana. Para isso, iremos comparar dois textos. O primeiro é um poema da poeta Elaine Potiguara. O segundo é um trecho de uma comunicação proferida pelo escritor angolano Manuel Rui, no Encontro Perfil da Literatura Negra, em São Paulo, 23/05/1985.

Ambos os textos focalizam um fato histórico que marca os processos de colonização a que foram submetidos os povos indígenas e africanos. Responda, então: em que medida podemos perceber a permanência desses conflitos nos dias atuais, levando em conta as questões que envolvem as situações de racismo/preconceito e discriminação?

Texto 1

Eu não tenho minha aldeia

Eu não tenho minha aldeia
Mas tenho o fogo interno
Da ancestralidade que queima
Que não deixa mentir
Que mostra o caminho
Porque a força interior
É mais forte que a fortaleza dos preconceitos.
Ah! Já tenho minha aldeia
Minha aldeia é Meu Coração Ardente
É a casa de meus antepassados
E do topo dela eu vejo o mundo
Com o olhar mais solidário que nunca
Onde eu possa jogar
Milhares de luzes
Que brotarão mentes
Despossuídas de racismo e preconceito.

(FREIRE, José Ribamar Bessa; MACIEL, Ira; MONTE, Nietta; SANTOS, Núbia Melhem Orgs. Te mandei um passarinho... prosas e versos de índios no Brasil. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Coleção Literatura para todos.)

Texto 2

“Quando chegaste mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto não apenas pela fala, mas porque havia árvores, parrelas sobre o crepitar de braços da floresta. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido visto. É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões”.

(RUI, Manoel. “Eu o outro – O invasor ou em poucas três linhas uma maneira de ver o texto. In: MEDINA, Cremilda. *Sonha Mama África*. São Paulo, Epopeia. Secretaria de Estado de Cultura, 1987, pp. 308–310).

Resposta comentada

Espera-se que os alunos percebam, nos fragmentos dados, a barbárie a que foram submetidos os indígenas e os africanos a partir da empresa colonialista, mercadológica e capitalista, fazendo tábula rasa de culturas milenares que moldaram o nosso jeito de ser e viver.

Espera-se, também, que a discussão seja o mote para o aprofundamento das questões que permeiam o racismo ainda muito presente na sociedade atual, persistindo no Brasil um imaginário étnico-racial que valoriza as raízes europeias em detrimento das raízes indígenas, africanas e asiática.

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A África no Enem	Cópias da atividade.	Aplicação de questões do Enem, que tratam das manifestações artísticas africanas e indígenas.	Atividade individual.	15 minutos.

Aspectos operacionais

Aplique as questões de múltipla escolha e corrija-as.

Aspectos pedagógicos

O professor poderá avaliar os alunos de forma bem objetiva e ágil, utilizando as questões propostas, conforme serão apresentadas.

Atividade

Para testar seus conhecimentos sobre a cultura africana, responda às duas questões do Enem que se seguem.

Questão 1

Palavra indígena

A história da tribo Sapucaí, que traduziu para o idioma guarani os artefatos da era da computação que ganharam importância em sua vida, como *mouse* (que eles chamam de angojhá) e *windows* (oventã).

Quando a internet chegou àquela comunidade, que abriga em torno de 400 guaranis, há quatro anos, por meio de um projeto do Comitê para Democratização da Informática (CDI), em parceria com a ONG *Rede Povos da Floresta* e com antena cedida pela *Star One* (da Embratel), Potty e sua aldeia logo vislumbraram as possibilidades de comunicação que a *web* traz.

Ele conta que usam a rede, por enquanto, somente para preparação e envio de documentos, mas perceberam que ela pode ajudar na preservação da cultura indígena.

A apropriação da rede se deu de forma gradual, mas os guaranis já incorporaram a novidade tecnológica ao seu estilo de vida. A importância da internet e da computação para eles está expressa num caso de rara incorporação: a do vocabulário.

— Um dia, o cacique da aldeia Sapucaí me ligou. “A gente não está querendo chamar computador de “computador”. Sugerir a eles que criassem uma palavra em guarani. E criaram aiú irú rive, “caixa pra acumular a língua”. Nós, brancos, usamos *mouse*, *windows* e outros termos, que eles começaram a adaptar para o idioma deles, como angojhá (rato) e oventã (janela) — conta Rodrigo Baggio, diretor do CDI.

(Disponível em: <http://www.revistalingua.uol.com.br>. Acesso em: 22 jul. 2010.)

O uso das novas tecnologias de informação e comunicação fez surgir uma série de novos termos que foram acolhidos na sociedade brasileira em sua forma original, como: *mouse, windows, download, site, homepage*, entre outros. O texto trata da adaptação de termos da informática à língua indígena como uma reação da tribo Sapucaí, o que revela:

- a. a possibilidade que o índio Potty vislumbrou em relação à comunicação que a web pode trazer a seu povo e à facilidade no envio de documentos e na conversação em tempo real.
- b. o uso da internet para preparação e envio de documentos, bem como a contribuição para as atividades relacionadas aos trabalhos da cultura indígena.
- c. a preservação da identidade, demonstrada pela conservação do idioma, mesmo com a utilização de novas tecnologias características da cultura de outros grupos sociais.
- d. adesão ao projeto do Comitê para Democratização da Informática (CDI), que, em parceria com a ONG Rede Povos da Floresta, possibilitou o acesso à web, mesmo em ambiente inóspito.
- e. a apropriação da nova tecnologia de forma gradual, evidente quando os guaranis incorporaram a novidade tecnológica ao seu estilo de vida com a possibilidade de acesso à internet.

Questão 2

A Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desenvolveu o projeto “Comunidades Negras de Santa Catarina”, que tem como objetivo preservar a memória do povo afrodescendente no sul do País. A ancestralidade negra é abordada em suas diversas dimensões: arqueológica, arquitetônica, paisagística e imaterial. Em regiões como a do Sertão de Valongo, na cidade de Porto Belo, a fixação dos primeiros habitantes ocorreu imediatamente após a abolição da escravidão no Brasil. O Iphan identificou nessa região um total de 19 referências culturais, como os conhecimentos tradicionais de ervas de chá, o plantio agroecológico de bananas e os cultos adventistas de adoração.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=14256&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>. Acesso em: 1 jun. 2009. (com adaptações).

O texto acima permite analisar a relação entre cultura e memória, demonstrando que:

- a. as referências culturais da população afrodescendente estiveram ausentes no sul do País, cuja composição étnica se restringe aos brancos.
- b. a preservação dos saberes das comunidades afrodescendentes constitui importante elemento na construção da identidade e da diversidade cultural do País.
- c. a sobrevivência da cultura negra está baseada no isolamento das comunidades tradicionais, com proibição de alterações em seus costumes.

- d. os contatos com a sociedade nacional têm impedido a conservação da memória e dos costumes dos quilombolas em regiões como a do Sertão de Valongo.
- e. a permanência de referenciais culturais que expressam a ancestralidade negra compromete o desenvolvimento econômico da região

Respostas comentadas

Questão 1

Resposta: Letra C. Observando o texto, percebemos a ação da tribo indígena em alterar o nome dos componentes ligados a informática, contribui para a preservação da identidade cultural daquele grupo social.

Questão 2

Resposta: Letra B. O resgate e a preservação de elementos históricos e culturais da cultura africana pode ampliar a compreensão da cultura nacional. Por conta disso, o projeto é de responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Volume 2 • Módulo 4 • Língua Portuguesa e Literatura • Unidade 7

A poesia no Modernismo e na Literatura Contemporânea

Cristiane Brasileiro, Rafael Guimarães Nogueira, Giselle Maria Sarti Leal Muniz Alves, Jane Cleide dos Santos de Sousa

Introdução

Olá, professor(a)!

Como sabemos, o Modernismo no Brasil teve como marco a Semana de Arte Moderna, em 1922, que, apesar de abarcar grande diversidade estética, propunha uma reflexão crítica e nacionalista da realidade brasileira. Numa tentativa de desconstruir modelos arraigados e reerguer a cultura nacional, acreditando ser necessário destruir regras e conceitos para instaurar uma nova ordem estética, este período, designado por *primeira fase modernista*, foi marcado por inovações formais e estéticas e serviu para consolidar o ideário da Semana de Arte Moderna.

A partir de 1930, já com a liberdade formal conquistada, a poesia brasileira passou a mesclar os novos conceitos modernistas aos recursos tradicionais da literatura. A esse período, conhecido por *segunda fase do modernismo*, os artistas, assumiram posição mais combativa, aumentando o seu diálogo com a realidade social e com os fatos históricos; focalizaram, portanto, a realidade e seus problemas.

A *terceira fase modernista* é caracterizada pela tradição e a experimentação da linguagem. Opondo-se às inovações da 1ª fase modernista, os poetas pós-modernos negavam a liberdade formal, as ironias, as sátiras, buscando uma poesia mais “equilibrada e séria”.

Contemplando, portanto, essa diversidade de temas e propostas poéticas, reunimos, neste material, atividades adaptadas do Curso de Formação Regular (2ª e 3ª Séries do Ensino Médio) e do Enem, a fim de oferecer diferentes possibilidades de exploração dos textos em verso.

Bom trabalho!

Apresentação da unidade do material do aluno

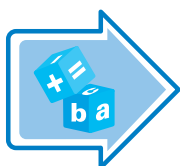
Disciplina	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
Língua Portuguesa	4	7	8 aulas de 50 minutos

Titulo da unidade	Tema
A poesia no Modernismo e na Literatura Contemporânea	Poesia no Modernismo e na Literatura contemporânea: Principais objetivos, temas e traços estilísticos das três fases do Modernismo e da Literatura Contemporânea
Objetivos da unidade	
Reconhecer o conceito de poesia no Modernismo e na Literatura Contemporânea a partir da análise de textos.	
Estabelecer relações entre textos de épocas diferentes, situando aspectos do contexto histórico, social e político do Brasil.	
Relacionar as concepções poéticas das várias fases do Modernismo.	
Reconhecer as várias manifestações poéticas na Literatura Contemporânea.	
Seções	Páginas no material do aluno
Para início de conversa...	185 e 186
Seção 1 – Modernismo: da insatisfação à ruptura	187 a 190
Seção 2 – Primeira fase modernista: uma tropa de choque	190 a 197
Seção 3 – Segunda fase modernista: uma poesia para transformar o mundo	197 a 207
Seção 4 – Terceira fase modernista: poesia para reflexão	207 a 211
Seção 5 – Literatura contemporânea: uma nova ruptura	212 a 214
O que perguntam por aí?	221 e 222

Recursos e ideias para o Professor

Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem os recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



Avaliação

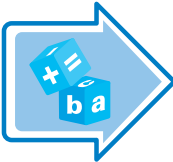
Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.



Exercícios

Proposições de exercícios complementares

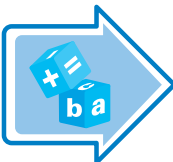
Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Entrando no espírito combativo	Computador e projetor (datashow).	Análise da música "Até quando?", de Gabriel O Pensador, a fim de identificar seu caráter transgressor, próprio das produções da 1ª fase do Modernismo.	Atividade com toda a turma.	40 minutos

Seção 1 – Modernismo: da insatisfação à ruptura

Páginas no material do aluno

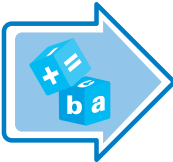
187 a 190

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Rindo do passado	Cópias da atividade.	Análise do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira, a fim de reconhecer a proposta modernista de negação das estéticas anteriores.	Atividade individual ou em dupla.	40 minutos

Seção 2 – Primeira fase modernista: uma tropa de choque

Páginas no material do aluno

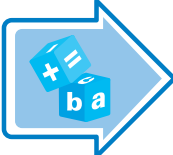
190 a 197

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Redescobrimo o Brasil: um "friúme por dentro"	Cópias da atividade.	Análise de fragmentos dos textos "Dois poemas acreanos", de Mário de Andrade, a fim de identificar a linguagem inovadora e a perspectiva crítica sobre a história do país, próprias dos textos modernistas.	Atividade individual ou em dupla.	70 minutos

Seção 3 – Segunda fase modernista: uma poesia para transformar o mundo

Páginas no material do aluno

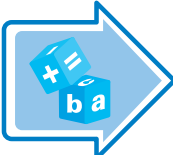
197 a 207

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Entre o presente e o futuro: o que será?	Cópias da atividade.	Análise do poema "José", de Carlos Drummond de Andrade, a fim de observar uma temática comum aos textos da 2ª fase modernista.	Atividade individual.	30 minutos

Seção 4 – Terceira fase modernista: poesia para reflexão

Páginas no material do aluno

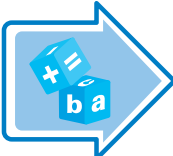
207 a 211

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Tecendo reflexões	Cópias da atividade.	Análise do poema "Tecendo a manhã", de João Cabral de Melo Neto, a fim de identificar um tema comum às produções da 3ª fase do Modernismo.	Atividade individual.	30 minutos

Seção 5 – Literatura contemporânea: uma nova ruptura

Páginas no material do aluno

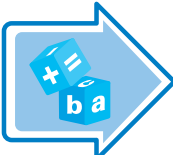
212 a 214

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O que cabe no poema contemporâneo?	Cópias da atividade.	Análise do poema "Não há vagas", de Ferreira Gullar, a fim de identificar um tema comum às produções desse autor e de outros poetas contemporâneos.	Atividade individual.	20 minutos

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Literatura no ENEM: do Modernismo em diante	Cópias da atividade.	Aplicação de questões do Enem, que visam à exploração de textos modernistas e contemporâneos.	Atividade individual.	30 minutos

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Entrando no espírito combativo	Computador e projetor (datashow).	Análise da música "Até quando?", de Gabriel O Pensador, a fim de identificar seu caráter transgressor, próprio das produções da 1ª fase do Modernismo.	Atividade com toda a turma.	40 minutos

Aspectos operacionais

Apresente o vídeo aos alunos e promova o debate por meio de questões como as que sugerimos.

Aspectos pedagógicos

A fim de que melhor orientar os alunos, pode-se apresentar, inicialmente, as questões de análise e, em seguida, o vídeo-clipe. Desse modo, eles poderão voltar sua atenção aos aspectos mais relevantes da música. Após discutir cada uma das questões, sintetize as respostas – em especial, destacando a temática central da música: o apelo à mudança.

Atividade

O Modernismo, principalmente em sua 1ª fase, caracteriza-se pela busca da inovação, pela agressividade e pela subversão radical dos padrões de arte tradicional.

Para, então, começarmos a entender a este movimento artístico que redefiniu a concepção do próprio fazer poético, vamos analisar uma composição de Gabriel O Pensador – um artista contemporâneo cujas produções, em geral, se destacam pela transgressão e pela crítica social.

Assista ao videoclipe da música *Até quando?* e, em seguida, por meio de um debate com toda a turma, discuta as questões propostas.

Até quando?, de Gabriel O Pensador



(04 minutos e 23 segundos)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1nliOU1qDUg>

Para guiar o debate, destacamos, abaixo, alguns trechos da música e elaboramos sugestões de questões para o debate.

Até quando?

Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer
E muita greve, você pode, você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus
Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer! [...]

Até quando você vai levando? [...]
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando? [...]
Até quando vai ser saco de pancada?

A polícia só existe pra manter você na lei
Lei do silêncio, lei do mais fraco
Ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco
A programação existe pra manter você na frente
Na frente da TV, que é pra te entreter
Que é pra você não ver que o programado é você! [...]
Muda que quando a gente muda o mundo muda com a gente
A gente muda o mundo na mudança da mente
E quando a mente muda a gente anda pra frente
E quando a gente manda ninguém manda na gente! [...]

Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/ate-quando.html>

Questão 1

O título da música apresenta uma pergunta. Qual seria uma interpretação possível para esse questionamento?

Questão 2

Considerando o emprego de uma linguagem mais coloquial, mais espontânea, a quem se dirige essa música?

Questão 3

Identifique alguns versos que revelam o uso dessa linguagem mais coloquial.

Questão 4

A música faz severas críticas às instituições oficiais como a polícia e a mídia televisiva. Explique essas críticas.

Questão 5

O refrão da música, destacado em *itálico*, apresenta uma sequência de perguntas. Qual seria a intencionalidade ou propósito comunicativo desse refrão?

Questão 6

O verso “Muda que quando a gente muda o mundo muda com a gente” faz um forte apelo ao interlocutor, incitando-o à mudança. Que tipo de mudança você pensa que seria essa?

Respostas comentadas

Questão 1

O título da música “Até quando?” dá uma ideia de delimitação temporal, ou seja, o compositor questiona até quando o povo se submeterá à desigualdade social sem reagir, sem procurar mudá-la.

Questão 2

Provavelmente, o aluno responderá que a música se dirige às pessoas mais pobres, mais carentes. No entanto, para além disso, o uso de uma variedade linguística mais coloquial seria uma forma de interagir com diferentes interlocutores de maneira que eles possam entender, mais facilmente, a mensagem da música.

Questão 3

Existem vários versos que revelam o uso dessa linguagem coloquial, tais como: “Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer”; “Virar a cara pra não ver”; “Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus”; “Muda que quando a gente muda o mundo muda com a gente”. Nesses versos, pode-se apontar o uso de pronomes mais informais como “você” e “a gente”; há também expressões coloquiais como “virar a cara” e “se liga aí”. Pode-se ressaltar, também, a mistura de pronomes, uso condenado pela norma culta, de segunda e terceira pessoas “te” e “você”, respectivamente. Tal ocorrência é reflexo da inserção do pronome de tratamento “você” no quadro de pronomes pessoais para indicar a segunda pessoa, o interlocutor, em substituição à forma canônica “tu”.

Questão 4

A polícia é vista, na música, como metáfora do poder da lei que, no Brasil, geralmente, é aplicada aos pobres que não podem pagar advogados para se defenderem, enquanto os ricos, muitas vezes, ficam impunes. A ideia predominante é que nem todos são iguais perante a lei como conclama a democracia. Pode-se ressaltar que a música é de 2001 e que, nesta última década, tem-se observado uma lenta mudança em direção à aplicação justa da lei.

Quanto ao poder da mídia televisiva, você pode frisar o papel de formador de opinião desse veículo de comunicação e seu poder de manipulação ao alienar as pessoas em relação à realidade, ofertando-lhes, muitas vezes, uma programação de baixa qualidade cultural e informativa que entretém o telespectador e o mantém alheio à realidade.

Questão 5

O refrão é uma tentativa de chamar a atenção desse interlocutor que vive subjugado nessa sociedade, levá-lo a refletir sobre sua situação e sair dessa inércia, dessa submissão.

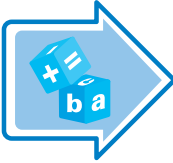
Questão 6

Os versos finais da música reiteram esse apelo basicamente no sentido de que cada um de nós saia do comodismo, lute pelos seus direitos e passe a atuar, de fato, como cidadão.

Seção 1 – Modernismo: da insatisfação à ruptura

Páginas no material do aluno

187 a 190

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Rindo do passado	Cópias da atividade.	Análise do poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira, a fim de reconhecer a proposta modernista de negação das estéticas anteriores.	Atividade individual ou em dupla.	40 minutos

Aspectos operacionais

Leia o texto, aplique as questões e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, convém recuperar junto aos alunos os objetivos da Semana de Arte Moderna. Paralelamente, podem ser retomadas as principais características das estéticas anteriores ao Modernismo – em especial, o Romantismo e o Parnasianismo, às quais o poema “Os sapos” faz referência. Feita essa contextualização, explore a oposição entre os sapos do poema e, assim, pontue os objetivos dos poetas modernistas.

Atividade

O texto a seguir apresenta fragmentos do poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira: uma obra também representativa da primeira fase modernista. Esse poema foi lido na segunda noite da Semana de Arte Moderna de 1922 e revela uma das características mais marcantes desse período: a forte rejeição à poesia parnasiana.

Os sapos

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: – “Meu **cancioneiro**
É bem **martelado**.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos **cognatos**.
O meu verso é bom
Frumento sem **joio**.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

(...)

Urra o sapo-boi:
– “Meu pai foi rei”. – “Foi!”.
– “Não foi!”. – “Foi!”.
– “Não Foi!”.

Brada em um **assomo**
O sapo-tanoeiro:
– “A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem **estatuário**,
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo.”

(...)

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No **perau** profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

(BANDEIRA, Manuel. **Os sapos**. Disponível em <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/jogo/certo3.asp>)

Vocabulário:

Assomo – Sinal.

Cancioneiro – Coleção de canções, coleção de poesias líricas.

Cognatos – Palavras que apresentam o mesmo radical. Ex.: pedra, pedreiro.

Estatuário – Relativo a estátuas. Escultor de estátuas.

Frumento – Trigo. Qualquer cereal.

Joio – Planta que infesta a seara. Coisa má que, misturada com as boas, as prejudica e deprecia.

Lavor – Trabalho.

Martelado – verbo martelar. Insistir, teimar. Repetir muitas vezes, para aprender ou decorar.

Perau – Declive rápido do fundo do mar ou de um rio, junto à costa ou à margem.

Questão 1

Uma tendência forte do primeiro momento do Modernismo foi fazer o poema-piada, modalidade em que se enquadra “Os sapos”. Manuel Bandeira satiriza o movimento parnasiano, criticando a preocupação excessiva com o aspecto formal. Essa foi outra grande tendência do movimento modernista: criticar a literatura parnasiana, que os modernistas consideravam ultrapassada. Recupere, no poema, trechos que evidenciem a referência crítica à arte parnasiana

Questão 2

O poema procura discutir como a poesia deveria ser, portanto, é um poema metalinguístico. Os sapos são uma metáfora dos tipos de poetas. O sapo-tanoeiro, por exemplo, representa o poeta parnasiano, enquanto o sapo-cururu é a figuração do poeta modernista. Assinale a alternativa que apresenta a correlação adequada entre os tipos de sapo descritos no poema e as características do movimento literário que cada um representa:

(1) Sapo-tanoeiro (2) Sapo-cururu

() Uso de linguagem cotidiana.

() Perfeição formal.

() Descritivismo.

() Simplicidade.

() Uso de palavras raras.

(a) 1, 1, 2, 2, 1.

(b) 2, 1, 2, 1, 1.

(c) 2, 1, 1, 2, 1.

(d) 1, 2, 2, 1, 2.

(e) 2, 2, 1, 1, 1.

Respostas comentadas

Questão 1

Na paródia “Os sapos”, a preocupação estética, comum aos textos parnasianos, é colocada como “ridícula”, sem valor. Dessa forma, o aluno deve ser levado a entender que a paródia desconstrói um dos principais dogmas parnasianos: A arte pela arte. O poema modernista critica o aprisionamento da forma poética, praticado pelo Parnasianismo, que impõe modelos, regras e formas preestabelecidas. Ao contrário disso, o modernismo pregava a liberdade de expressão formal e de conteúdo.

Nos versos “O sapo-tanoeiro, / Parnasiano aguado, / Diz: – “Meu cancioneiro / É bem martelado.”, apresenta-se uma crítica ao princípio básico do Parnasianismo: preocupação excessiva com a forma e com a arte pura (“arte pela arte”). Essa crítica é reiterada em outros versos, como em “E nunca rimo / Os termos cognatos”, que se refere justamente ao rigor na forma do poema. Rimar termos cognatos, ou seja, de mesma família etimológica, significaria fazer rima pobre, o oposto do que se buscava no Parnasianismo. É importante acrescentar, ainda que os modernistas concebiam os parnasianos de “fábricas de sonetos”, ridicularizando a forma poética fixa mais amplamente adotada no período.

Questão 2

Resposta: Letra C. Esta questão solicita do aluno a identificação das características do Modernismo e do Parnasianismo (combatido na arte moderna). É interessante orientar os alunos a perceberem que, em boa parte do poema, o sapo-tanoeiro (parnasiano aguado) descreve seu cancioneiro, a sua poética. Acrescente que o sapo-tanoeiro pode representar a “sociedade literária” de uma determinada época, neste caso, o Parnasianismo. Sua fala tece elogios

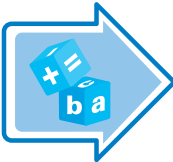
a esse fazer poético, cujo ideal estético era “A arte pela arte”. Nesse sentido, o fazer poético era comparado ao trabalho do ourives, como atesta a fala do sapo-tanoeiro: “A grande arte é como Lavar de joalheiro.”. Assim, a poesia é valorizada por sua beleza em si, o que explica a busca pela perfeição formal. O uso de palavras raras também é outro recurso utilizado pelos parnasianos para elevar a qualidade da poesia e alcançar esse ideal estético.

Paralelo a esse aspecto, você pode acrescentar que a poesia parnasiana, muitas vezes, apresentava como temática a descrição de objetos, evidenciando sua natureza mais objetiva e seu distanciamento dos fatos sociais. A arte estava acima dessas questões. A esse recurso de apresentar detalhes, minúcias do objeto descrito, denomina-se descritivismo, uma das características predominantes da literatura parnasiana. Assim, o aluno poderá recuperar as seguintes características parnasianas: perfeição formal, uso de palavras raras e descritivismo. É interessante, ainda, chamar a atenção para o fato de tais características estão presentes na paródia de Manuel Bandeira, com o intuito de mostrar como não se deve fazer poesia.

Na segunda parte do poema, a situação descrita é a do sapo-cururu que se destaca dos demais (“longe dessa grita (...) / e solitário é”) e passa ser visto como o poeta não parnasiano. Vale ressaltar que o sapo-cururu é um tipo bastante conhecido dentro da cultura popular – remete à simplicidade e ao cotidiano – dois pontos presentes na poética modernista. Além disso, os versos finais estabelecem uma intertextualidade com a cantiga popular “Sapo cururu”. Assim, a figura do sapo-cururu rompe com a tradição, com os valores preestabelecidos e propõe uma nova forma de fazer poético, com uso de uma linguagem cotidiana, mais próxima do falar do povo. A poesia modernista está na vida cotidiana e a vida cotidiana está na poesia. Assim, as características modernistas, presentes no poema, são: simplicidade e uso de linguagem cotidiana. É interessante, ainda, destacar, para os alunos, que a sátira “Os sapos” inaugura uma nova forma de fazer poesia e rompe com os valores estéticos da tradição literária brasileira.

Seção 2 – Primeira fase modernista: uma tropa de choque

Páginas no material do aluno
190 a 197

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Redescobrimo o Brasil: um “friúme por dentro”	Cópias da atividade.	Análise de fragmentos dos textos “Dois poemas acreanos”, de Mário de Andrade, a fim de identificar a linguagem inovadora e a perspectiva crítica sobre a história do país, próprias dos textos modernistas.	Atividade individual ou em dupla.	70 minutos

Aspectos operacionais

Proponha exploração do poema a partir de questões de análise como as que sugerimos e corrija-as.

Aspectos pedagógicos

Para facilitar a análise do poema, convém lembrar aos alunos que a primeira fase do Modernismo (de 1922 a 1930) é o período mais radical, justamente em consequência da necessidade de romper com as estruturas do passado. Logo, os principais temas dessa literatura são: A LIBERDADE DE CRIAÇÃO (negação dos valores consagrados em outras épocas/escolas); O NACIONALISMO (volta às origens, pesquisa das fontes quinhentistas) e O COTIDIANO (valorização das situações banais e corriqueiras).

Atividade

O texto a seguir é composto por fragmentos de “Dois poemas acreanos”, de Mário de Andrade. Essa é uma obra representativa da primeira fase do Modernismo brasileiro (1922-1930), que se caracterizou como um movimento de renovação radical na linguagem, nos formatos e no conteúdo, marcando a ruptura definitiva da arte tradicional. Além disso, os modernistas defendiam a reconstrução da cultura brasileira sobre bases nacionais e a promoção de uma revisão crítica de nosso passado histórico e de nossas tradições culturais.

Dois poemas acreanos

a Ronald de Carvalho

I

Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus! muito longe de mim
Na escuridão ativa da noite que caiu
Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu.

II

Acalanto do seringueiro

Seringueiro brasileiro,
Na escuridão da floresta
Seringueiro, dorme.
Ponteando o amor eu forcejo
Pra cantar uma cantiga
Que faça você dormir.
(...)
Seringueiro, seringueiro,
Queria enxergar você...
Apalpar você dormindo,
Mansamente, não se assuste,
Afastando esse cabelo
Que escorreu na sua testa.
Algumas coisas eu sei...
Troncudo você não é.
Baixinho, desmerecido,
Pálido, Nossa Senhora!
Parece que nem tem sangue.
Porém cabra resistente

Está ali. Sei que não é
Bonito nem elegante...
(...)
Mas porém é brasileiro,
Brasileiro que nem eu...
Fomos nós dois que botamos
Pra fora Pedro II...
Somos nós dois que devemos
Até os olhos da cara
Pra esses banqueiros de Londres...
Trabalhar nós trabalhamos
Porém pra comprar as pérolas
Do pescocinho da moça
Do deputado Fulano.
Companheiro, dorme!
(...)
Seringueiro, dorme!
Num amor-de-amigo enorme
Brasileiro, dorme!
Brasileiro, dorme.

(ANDRADE, Mário. *Clã do Jaboti*. In: _____. **Poesias completas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1980)

Questão 1

O texto abaixo corresponde a trechos extraídos do Manifesto Pau Brasil, publicado em 1924, que defendia a necessidade de se criar uma arte verdadeiramente brasileira.

Manifesto da Poesia Pau-Brasil

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

[...] O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

Toda a história bandeirante e a história comercial do Brasil. O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. [...]

O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.

A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

Uma única luta – a luta pelo caminho. Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação. [...]

(ANDRADE, Oswald de. **Manifesto da Poesia Pau-Brasil**. Disponível na íntegra em <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>)

Esse manifesto propõe uma nova forma de fazer arte, a qual é concretizada no poema “Dois poemas acreanos”, de Mário de Andrade.

Dessa maneira, transcreva de “Dois poemas acreanos” versos que comprovem os seguintes traços defendidos no manifesto:

- Valorização da natureza brasileira;
- Volta às origens, por meio da crítica ao passado histórico;
- Construção de uma arte com maior liberdade formal;
- Utilização de uma linguagem mais informal, coloquial.

Questão 2

“Descobrimento” retrata a imersão do poeta em sua vida de intelectual e de morador de uma das maiores cidades do país: São Paulo. Em meio a esse cotidiano, ele descobre um outro ambiente, que retrata uma realidade brasileira diferente. Pode-se dizer que o poema revela uma tentativa de:

- a. distanciamento dessa outra realidade.
- b. aproximação dessa outra realidade.
- c. desvalorização dessa outra realidade.
- d. depreciação dessa outra realidade.
- e. negação dessa outra realidade.

Questão 3

Em “Acalanto do seringueiro”, há predomínio da primeira pessoa do singular (“Algumas coisas **eu** sei...”). No entanto, em determinado ponto do poema, passa-se a utilizar a primeira pessoa do plural (“Trabalhar **nós** trabalhamos”). Tendo em vista os ideais da primeira fase modernista, justifique essa mudança de pessoa verbal. Destaque versos que comprovem sua resposta.

Respostas comentadas

Questão 1

Nesta questão, espera-se que os alunos reconheçam as características fundamentais da primeira fase do modernismo brasileiro: repensar e recriar a arte brasileira com base em elementos que, verdadeiramente, identifiquem nossa nacionalidade (nacionalismo crítico).

No item (A), os alunos podem apontar a referência ao norte, às florestas e ao próprio seringueiro: “Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus!”, “Seringueiro brasileiro, / Na escuridão da floresta”.

Para responder ao item (B), os alunos podem recorrer à terceira estrofe do poema

“Acalanto do seringueiro”. Nos versos “Fomos nós dois que botamos/ Pra fora Pedro II...”, há uma menção ao período histórico de transição de um Brasil Imperial, ainda sob as rédeas da colônia portuguesa, para um Brasil República, movimento instaurado em 15 de novembro de 1889. Outro exemplo são os versos “Somos nós dois que devemos / Até os olhos da cara / Pra esses banqueiros de Londres...”, que remetem à contração de uma grande dívida externa, iniciada ainda no período Imperial e ampliada nos governos posteriores. Para pagar essa dívida, o povo brasileiro passou por vários momentos de arroxo salarial, diminuição do poder aquisitivo, altas taxas de inflação entre outros elementos. Pode-se destacar, ainda, que nos versos, “Trabalhar nós trabalhamos / Porém pra comprar as pérolas / Do pescocinho da moça / Do deputado Fulano”, percebe-se uma crítica contundente em relação à corrupção política, muito presente até hoje em nosso país. O ônus desse “hábito” traz grandes danos ao desenvolvimento econômico e social do Brasil e, com isso, todos são prejudicados, ricos e pobres.

No item (C), você pode estimular os alunos a perceberem que os versos não apresentam rimas, como pode ser constatado nos seguintes excertos: “Seringueiro, seringueiro, / Queria enxergar você... / Apalpar você dormindo, / Mansamente, não se assuste, / Afastando esse cabelo / Que escorreu na sua testa”. É interessante acrescentar que, no poema de Andrade, todos os versos apresentam a mesma quantidade de sílabas poéticas (7), no entanto, esse formato (redondilha maior) é extremamente popular.

No item (D), os alunos, possivelmente, apontarão alguns dos seguintes versos como exemplo dessa liberdade de uso da língua: “Algumas coisas eu sei... / Troncudo você não é. / Baixinho, desmerecido, / Pálido, Nossa Senhora! / Parece que nem tem sangue. / Porém cabra resistente / Está ali. Sei que não é / Bonito nem elegante...”. Nesses trechos, observa-se a ocorrência de palavras e expressões bem populares como “troncudo”, “Pálido, nossa senhora”, “Cabra resistente”. É importante você destacar que ao usar essa linguagem, o poeta buscava uma aproximação com as camadas mais populares, que ficaram alijadas da arte literária, principalmente, a parnasiana.

Questão 2

Resposta: Letra B. Esta questão está diretamente associada à anterior, já que exige do aluno uma reflexão mais crítica sobre o nacionalismo, defendida pelos modernistas, e o reconhecimento de uma postura mais engajada da arte em relação às questões sociais. A primeira estrofe do poema revela um eu-lírico mergulhado em sua vida de intelectual, se conscientizando de que a realidade brasileira é muito mais ampla e diversa do que a que ele conhecia, concluindo que os livros não expõem, de fato, essa situação. A partir daí, pode-se recuperar uma constatação de que há brasileiros que vivem uma rotina dura de trabalho e estão alheios ao que se passa em seu próprio país, como o seringueiro, distante social e geograficamente do eu-lírico. É importante que o aluno perceba que esse desejo de aproximação de uma realidade distinta está em consonância com os ideais, defendidos pelos modernistas da primeira fase, relacionados à valorização das riquezas e contrastes do Brasil.

Questão 3

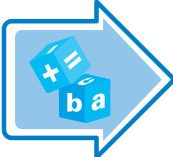
Esta questão reforça o que vem sendo mostrado nas outras a respeito do nacionalismo crítico, praticado pelos modernistas. A geração da primeira fase modernista apresentava uma poesia engajada com a realidade do nosso país. Buscava, através da arte, difundir a cultura brasileira e sua diversidade.

É interessante que os alunos notem que, no poema, inicialmente, o poeta fala de seu próprio sentimento, de suas angústias em relação ao seu fazer poético e da sua descoberta em relação a uma realidade bastante diversa da sua, o que justifica a predominância da primeira pessoa do singular. Já na segunda parte, o poeta constata que, apesar das diferenças que o distanciam do seringueiro, ambos são frutos de uma mesma nação, apresentam a mesma identidade nacional e são atingidos pelos mesmos fatores: exploração estrangeira, corrupção da classe política brasileira entre outros, o que justifica a ocorrência da primeira pessoa do plural. Espera-se que os alunos apontem os versos “Mas porém é brasileiro, / Brasileiro que nem eu...” como ponto de transição, no poema, de um distanciamento do próprio eu, marcando o caráter individualista da poesia, para uma aproximação com o outro, sinalizando um sentimento mais coletivo, um desejo de busca de uma identidade nacional, importante propósito da primeira fase modernista.

Seção 3 – Segunda fase modernista: uma poesia para transformar o mundo

Páginas no material do aluno

197 a 207

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Entre o presente e o futuro: o que será?	Cópias da atividade.	Análise do poema "José", de Carlos Drummond de Andrade, a fim de observar uma temática comum aos textos da 2ª fase modernista.	Atividade individual.	30 minutos

Aspectos operacionais

Aplique as questões e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Para facilitar a análise do poema, convém relembrar aos alunos que a segunda fase do Modernismo (de 1930 a 1945) é marcada, formalmente, pelo uso do verso livre e, do ponto de vista temático, pelo questionamento da existência humana, do sentimento de "estar-no-mundo", da inquietação social, religiosa, filosófica e amorosa.

Atividade

O texto abaixo é um fragmento do poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade, um dos poetas mais representativos da segunda fase modernista. Neste texto, retrata-se a angústia e a solidão de um personagem diante do mundo.

JOSÉ

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

(ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesias**. Ed. José Olympio, 1942.)

Vocabulário:

Teogonia: Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses; conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta.

Questão 1

A segunda fase do modernismo brasileiro apresenta obras que revelam uma retomada da consciência da realidade brasileira ampliando, solidificando e aprofundando os objetivos da primeira geração modernista. A partir do poema de Drummond, identifique um ponto de *convergência* e um de *divergência* desse texto em relação aos ideais da primeira fase modernista.

Questão 2

O José sem sobrenome, sem origem definida parece simbolizar a perda da individualidade num momento histórico tenso, no qual se busca um significado para a vida. É a síntese do homem num beco sem saída. Observe os versos, retirados do poema, e marque a opção que melhor exemplifica a ideia de um José sem norte:

- a. "E agora, José? / A festa acabou"
- b. "E agora, você? / Você que é sem nome".
- c. "Você marcha José! / José, para onde?"
- d. "Mas você não morre/ você é duro, José."
- e. "Sem cavalo preto/ que fuja a galope".

Questão 3

O texto a seguir é composto por excertos do samba-enredo da União da Ilha do Governador de 1978, *O amanhã*¹. A música se popularizou com a gravação de Simone, em 1983. Até os dias atuais, *O amanhã* faz parte do repertório de inúmeros músicos brasileiros.

O AMANHÃ

A cigana leu o meu destino
Eu sonhei
Bola de cristal, jogo de búzios, cartomante
Eu sempre perguntei
O que será o amanhã?
Como vai ser o meu destino?
Já desfolhei o mal-me-quer
Primeiro amor de um menino
[...]
Como será o amanhã?
Responda quem puder
O que irá me acontecer?
O meu destino será como Deus quiser.

¹ Disponível em <http://letras.mus.br/uniao-da-ilha-rj/474651/>

Vimos que o poema de Drummond intensifica a problemática existencialista ao abordar a angústia decorrente da falta de saída para José. Já esse samba-enredo, apesar de também retratar dúvida em relação ao futuro, apresenta uma postura final diferente perante a vida. Considerando essas informações:

- a. retire, do samba-enredo, uma passagem em que também se expresse a inexistência de um destino certo.
- b. compare a postura em relação ao destino no poema e no samba-enredo.

Respostas comentadas

Questão 1

O poema converge com os ideais da primeira fase, principalmente, em relação ao vocabulário simples, à linguagem cotidiana e à estruturação com versos livres. No entanto, apesar de também valorizar aspectos do cotidiano, o poema diverge da primeira fase por incorporar uma temática mais social, voltada ao questionamento de valores da existência humana; o poema propõe uma reflexão mais aprofundada do estar-no-mundo, aspecto não presente na primeira fase. Você pode acrescentar que o texto em análise revela a angústia e o pessimismo de uma época de tensão, com acontecimentos como a segunda grande guerra e a ditadura de Vargas. Outro ponto importante é mostrar, para os alunos, que, enquanto a primeira fase se concentrou em uma revolução, principalmente, estética, mais voltada à forma e à linguagem, a segunda teve um caráter mais ideológico, voltado ao aprofundamento de temáticas sociais.

Questão 2

Resposta: Letra C. Isso porque, essa alternativa expressa de forma contundente a angústia de José, que apesar de todas as tentativas de encontrar alguma solução para sua falta de perspectiva, continua caminhando, mesmo que não saiba para onde vai, intensificando o sentimento de dúvida diante da vida.

A alternativa (A) faz uma referência somente ao término da festa, ou seja, observa-se que a alegria e a felicidade já não mais existem; em seu lugar ficou a escuridão, o frio, o abandono. A opção (B) apresenta um José sem nome, um desconhecido que vive no anonimato, ao mesmo tempo em que pode ser qualquer um de nós. A opção (D) traz apenas a negação da morte com a resistência de José, que mesmo não tendo alternativas insiste em continuar vivo. Já a alternativa (E) demonstra que José não possui recursos físicos (um cavalo preto) para fugir. Dessa forma, as opções (A), (B), (D) e (E) são inválidas.

Questão 3

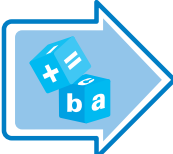
No item (a), os alunos, provavelmente, apontarão versos, como “O que será o amanhã?”, “Como vai ser o meu destino?”, “Como será o amanhã?”, “O que irá me acontecer?” para expressar a dúvida diante de um destino incerto.

Em (b), devem perceber que, enquanto o poema evidencia uma postura mais pesada e angustiada diante do futuro, o samba-enredo apresenta mais leveza e otimismo ao entregar a preocupação do futuro a um ser superior (“O meu destino será como Deus quiser”).

Seção 4 – Terceira fase modernista: poesia para reflexão

Páginas no material do aluno

207 a 211

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Tecendo reflexões	Cópias da atividade.	Análise do poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto, a fim de identificar um tema comum às produções da 3ª fase do Modernismo.	Atividade individual.	30 minutos

Aspectos operacionais

Leia o texto, aplique as questões e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Para facilitar a análise do poema, convém lembrar aos alunos que a terceira fase do Modernismo (a partir de 1945) é também denominada Pós-modernismo, exatamente por romper com a proposta da 1ª e da 2ª fase modernistas, apresentando gêneros literários diversos, em verso e em prosa. Em se tratando, especificamente, da poesia da 3ª fase do Modernismo, convém ressaltar que as produções apresentavam maior profundidade de temas, de preocupação social e investigação psicológica.

Atividade

A poesia da terceira fase modernista centraliza-se no amadurecimento de algumas das propostas modernistas, na sedimentação da trajetória de poetas de grande envergadura. Por outro lado, vemos a produção literária da Geração de 45, que era menos afinada à tradição modernista e tinha como proposta trabalhar uma linguagem precisa e equilibrada com a recuperação de formas fixas e classicizantes de escrever poesia. Recebe destaque, dentro dessa terceira fase do modernismo, a obra de João Cabral de Melo Neto, esteticamente muito reflexiva e cerebrina, e ao mesmo tempo sensível a questões sociais mais amplas. Analisemos um de seus poemas.

Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. In: Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 199, p. 345)

Questão 1

Podemos afirmar que o esse texto inicia com uma referência a um provérbio que anuncia uma ideia em defesa no poema. Assinale a alternativa que apresenta, adequadamente, esse provérbio e essa ideia:

- (A) "Casa de ferreiro, espeto de pau" – utilização de um ofício para os outros, mas não em causa própria.
- (B) "Uma andorinha só não faz verão" – valorização da ação coletiva sobre o trabalho individual.
- (C) "Quem tudo quer, nada tem" – depreciação de uma postura gananciosa diante dos acontecimentos.
- (D) "Quem tudo quer, nada tem" – exaltação da insistência diante dos desafios.
- (E) "Uma andorinha só não faz verão" – crítica à ganância e valorização do contentamento diante do que se tem.

Questão 2

O neologismo é um processo de criação de novas palavras na língua ou de atribuição de um novo significado a uma palavra já existente. Recupere, no poema, um exemplo de criação de uma nova palavra e identifique que outros vocábulos podem se relacionar a esse neologismo.

Questão 3

O poema “Tecendo a manhã” apresenta duas partes, representadas pelas duas estrofes que o compõem. A primeira parte trata do nascimento da manhã, que surge pelo canto de vários galos; a segunda, do resultado dessa ação conjunta.

Assinale a alternativa que apresente, mais adequadamente, a relação existente entre as expressões “Um galo sozinho”, que abre o poema, e “luz balão”, que o encerra:

- a. Coletivo e individual.
- b. Consequência e causa.
- c. Produtor e produto.
- d. Obra e autor.
- e. Ação e reação.

Questão 4

A metáfora é uma figura de linguagem em que se substitui um termo por outro devido a uma relação de semelhança entre seus significados. No poema, podemos observar uma aproximação do canto do galo, que tece a manhã, com o canto do poeta, que tece, verso a verso, o poema. A metáfora utilizada para se referir ao resultado da ação de galo e poeta é:

- a. galo sozinho.
- b. outros galos.
- c. fios de sol.
- d. teia tênue.
- e. luz balão.

Respostas comentadas

Questão 1

Resposta: Letra B. Pela própria semelhança estrutural com a sentença inicial, os alunos, provavelmente, identificarão a referência ao provérbio “Uma andorinha só não faz verão”. Tal referência, por sua vez, vai ao encontro da ideia em defesa no poema: a valorização da ação coletiva em detrimento do trabalho individual.

Em (a), a relação entre o provérbio e a ideia que dele emana está adequada, no entanto não se associa à temática do poema, o que também ocorre na alternativa (c); já em (d) e (e), essa adequação entre provérbio e ideia não ocorre. Pode-se perguntar que provérbios seriam mais adequados às ideias presentes nessas opções. Em (d), por exemplo,

eles podem apontar o provérbio “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura” como mais adequado. Em (e), o provérbio “Mais vale um pássaro na mão que dois voando”, por exemplo, seria mais condizente à ideia exposta.

Questão 2

Nesta atividade, os alunos, provavelmente, identificarão que o neologismo está presente na segunda estrofe do poema: entreendendo (13º verso). A partir daí, leve-os a recuperarem as outras palavras, não somente presentes no poema, que o neologismo pode evocar. Eles poderão apontar algumas palavras, como “tenda”, “entre”, “tender”, “entender”, “entreter”.

Questão 3

Resposta: Letra C. Nesta atividade, espera-se que os alunos atentem para o sentido que emerge das estrofes. Estimule-os a recuperarem a relação entre “galo” e “manhã”, metaforicamente representada no poema por “luz balão”. A relação existente entre os termos é de produtor e produto, o que torna válida a alternativa (c). O produto somente é possível a partir da ação coletiva; nesse aspecto, remeter “luz balão” a individual não procede, invalidando a opção (a). Em (b), “galo” não representa a consequência, tampouco a causa, que estaria associada à ação de “outros galos”. Em (d), a ordem dos termos aparece invertida: “galo” poderia equivaler a autor e manhã (“luz balão”) à obra, no entanto a inversão dos termos invalida a alternativa. Em (e), o termo “reação” sugere uma atitude em resposta a uma ação prévia; no poema, a manhã (“luz balão”) não é reação do ato do “galo sozinho”, mas produto/resultado dessa ação coletiva laboriosa.

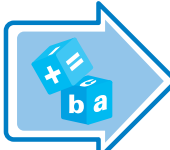
Questão 4

Resposta: Letra E. Entre todas as opções apresentadas, a metáfora “luz balão” é correta por apresentar o produto (a manhã, o poema) já construído em forma de luz. As opções (a) e (b) citam, metaforicamente e respectivamente, a presença de um indivíduo e outros parceiros na realização do produto. Em (c), é representado o material com o que o produto está sendo feito. As alternativas (c) e (d), aliás, se referem mais ao processo de produção que ao produto em si.

Seção 5 – Literatura contemporânea: uma nova ruptura

Páginas no material do aluno

212 a 214

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O que cabe no poema contemporâneo?	Cópias da atividade.	Análise do poema “Não há vagas”, de Ferreira Gullar, a fim de identificar um tema comum às produções desse autor e de outros poetas contemporâneos.	Atividade individual.	20 minutos

Aspectos operacionais

Leia o texto, aplique as questões e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Para facilitar a análise do poema, convém destacar para os alunos que, abandonando a poesia concreta, Ferreira Gullar recupera a função social da poesia, que, para ele, deveria tratar da realidade do país.

Atividade

Ferreira Gullar é um poeta representativo da literatura contemporânea. Participante, primeiramente, da poesia concreta, mostrou-se avesso aos firmamentos por ela evidenciados e resolveu se engajar no chamado Neoconcretismo, voltando-se ativamente para a construção de uma poesia participante.

Não há vagas

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
A luz o telefone [...]
– porque o poema, senhores,
está fechado: “não há vagas”
Só cabem no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira

(GULLAR, Ferreira. **Dentro da noite veloz**. In: Toda poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p. 162.)

Atento a isso, leia o poema abaixo e responda às questões que se seguem.

Questão 1

Ferreira Gullar participou do movimento concretista, mas, aos poucos, abandona o experimentalismo formal e parte para uma trajetória com tom próprio. O discurso engajado e a busca pelo sentido do poema são temas recorrentes em sua obra.

No poema “Não há vagas”, são enumerados alguns elementos que não cabem na poesia como feijão, arroz, gás, luz e telefone. Essa lista pode revelar que a temática defendida na obra do poeta é de caráter:

- a. existencialista.
- b. linguístico.
- c. individual.
- d. intimista.
- e. social.

Questão 2

A expressão “não cabe no poema” é repetida várias vezes e deixa subtendido que os elementos em questão (como feijão, arroz e gás) não têm espaço e lugar na poesia e, portanto, não serão tratados nela. No entanto, ao analisar o poema, percebe-se que:

- a. o eu lírico privilegia o uso de figuras idealizadas (mulher, homem, fruta) no poema.
- b. o eu lírico reforça a ideia do que realmente deveria estar contido em um poema.
- c. o eu lírico critica a presença de elementos menos refinados em poemas.
- d. o eu lírico deprecia a utilização de temas sociais em poemas.
- e. o eu lírico defende a produção poética mais sentimentalista.

Respostas comentadas

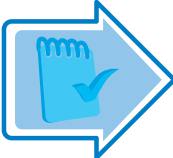
Questão 1

Resposta: Letra E. As condições de vida de muitos trabalhadores, sem remuneração suficiente para acompanhar o preço de alimentos da cesta básica (arroz, feijão) e de serviços essenciais (gás, luz, telefone) deixa em evidência o destaque que o eu-lírico confere a questões de caráter social. Segundo ele, “não há vagas no poema” para a realidade do país.

Questão 2

Resposta: Letra B. Por meio da negação, o eu-lírico acaba por afirmar o que deveria estar contido no poema, defendendo, portanto, uma poesia mais social. Pode-se recuperar uma ironia na negação "não cabe", já que, a partir dela, se inserem no poema elementos do cotidiano que são deixados de lado em uma poesia de cunho mais sentimental/choroso, o que invalida as opções (c), (d) e (e). A opção (a) está incorreta, pois sinaliza o oposto da mensagem do poema, que é a defesa de uma temática social na poesia em detrimento de personagens idealizados.

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Literatura no ENEM: do Modernismo em diante	Cópias da atividade.	Aplicação de questões do Enem, que visam à exploração de textos modernistas e contemporâneos.	Atividade individual.	30 minutos

Aspectos operacionais

Aplique as questões de múltipla escolha e corrija-as.

Aspectos pedagógicos

O professor poderá avaliar os alunos de forma bem objetiva e ágil, utilizando as questões propostas, conforme serão apresentadas.

Atividade

Para testar seus conhecimentos sobre a poesia do Modernismo e da Literatura Contemporânea, responda às cinco questões do Enem que se seguem.

Questão 1 – Enem 2000²

“Poética”, de Manuel Bandeira, é quase um manifesto do movimento modernista brasileiro de 1922. No poema, o autor elabora críticas e propostas que representam o pensamento estético predominante na época.

Poética

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e

[manifestações de apreço ao Sr. diretor.

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o

[cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

.....

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbedos

O lirismo difícil e pungente dos bêbedos

O lirismo dos clowns de Shakespeare

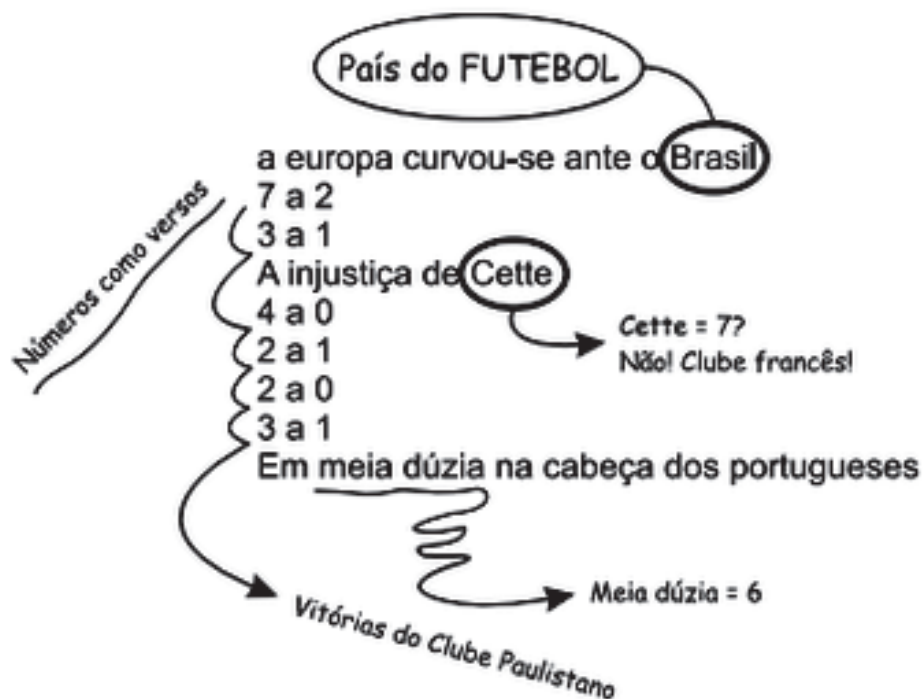
– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro. Aguilar, 1974)

Com base na leitura do poema, podemos afirmar corretamente que o poeta:

- a. critica o lirismo louco do movimento modernista.
- b. critica todo e qualquer lirismo na literatura.
- c. propõe o retorno ao lirismo do movimento clássico.
- d. propõe o retorno ao lirismo do movimento romântico.
- e. propõe a criação de um novo lirismo.

brasilidade em construção



MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Oswald de Andrade: o culpado de tudo. 27 set.2011 a 29 jan. 2012. São Paulo: Prof. Gráfica. 2012. (Foto: Reprodução)

O poema de Oswald de Andrade remonta à ideia de que a brasilidade está relacionada ao futebol. Quanto à questão da identidade nacional, as anotações em torno dos versos constituem:

- a. direcionamentos possíveis para uma leitura crítica de dados histórico-culturais.
- b. forma clássica da construção poética brasileira.
- c. rejeição à ideia do Brasil como o país do futebol.
- d. intervenções de um leitor estrangeiro no exercício de leitura poética
- e. lembretes de palavras tipicamente brasileiras substitutivas das originais.

² Disponível em: <http://educacao.globo.com/provas/enem-2013/questoes/129.html>

Questão 3 – Enem 2006³

Namorados

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

– Antônio, ainda não me acostumei com o seu
[corpo, com a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

– Você não sabe quando a gente é criança e de
[repente vê uma lagarta listrada?

A moça se lembrava:

– A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

– Antônio, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

– Antônio, você é engraçada! Você parece louca.
(Manuel Bandeira).

No poema de Bandeira, poeta modernista, destaca-se como característica da escola literária dessa época:

- a. a reiteração de palavras para a construção de rimas ricas.
- b. a utilização expressiva da linguagem falada em situações do cotidiano.
- c. a simetria de versos para reproduzir o ritmo do tema abordado.
- d. a escolha do tema do amor romântico, caracterizador do estilo literário dessa época.
- e. o recurso ao diálogo, gênero discursivo típico do Realismo.

Questão 4 – Enem 2012⁴

O sedutor médio

Vamos juntar

Nossas rendas e

expectativas de vida

querida,

o que me dizes?

Ter 2, 3 filhos

e ser meio felizes?

³ Disponível em: <http://www.enemvirtual.com.br/questoes-do-enem-resolvidas/>

⁴ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/educacao/slider-questoes-enem/graficos/pdf/questoes-118.pdf> (VERISSÍMO, L. F. Poesia numa hora dessas?!. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.)

No poema *O sedutor médio*, é possível reconhecer a presença de posições críticas:

- a. nos três primeiros versos, em que “juntar expectativas de vida” significa que, juntos, os cônjuges poderiam viver mais, o que faz do casamento uma convenção benéfica.
- b. na mensagem veiculada pelo poema, em que os valores da sociedade são ironizados, o que é acentuado pelo uso do adjetivo “médio” no título e do advérbio “meio” no verso final.
- c. no verso “e ser meio felizes?”, em que “meio” é sinônimo de metade, ou seja, no casamento, apenas um dos cônjuges se sentiria realizado.
- d. no dois primeiros versos, em que “juntar rendas” indica que o sujeito poético passa por dificuldades financeiras e almeja os rendimentos da mulher.
- e. no título, em que o adjetivo “médio” qualifica o sujeito poético como desinteressante ao sexo oposto e inábil em termos de conquistas amorosas.

Questão 5 – Enem 2012⁵

Das irmãs

os meus irmãos sujando-se
na lama
e eis-me aqui cercada
de alvura e enxovais
eles se provocando e provando
do fogo
e eu aqui fechada
provendo a comida
eles se lambuzando e arrotando
na mesa
e eu a temperada
servindo, contida
os meus irmãos jogando-se
na cama
e eis-me afi
ançada
por dote e marido

(QUEIROZ, Sônia. *O sacro ofício*. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.)

5 Disponível em: <http://veja.abril.com.br/educacao/enem-resolvido-2012/Q117.pdf>

O poema de Sônia Queiroz apresenta uma voz lírica feminina que contrapõe o estilo de vida do homem ao modelo reservado à mulher. Nessa contraposição, ela conclui que:

- a. A mulher deve conservar uma assepsia que a distingue de homens, que podem se jogar na lama.
- b. A palavra “fogo” é uma metáfora que remete ao ato de cozinhar, tarefa destinada às mulheres.
- c. A luta pela igualdade entre os gêneros depende da ascensão financeira e social das mulheres.
- d. A cama, como sua “alvura e enxovais”, é um símbolo da fragilidade feminina no espaço doméstico.
- e. Os papéis sociais destinados aos gêneros produzem efeitos e graus de autorrealização desiguais.

Respostas comentadas

Questão 1

Resposta: Letra E. O poeta faz, de fato, uma crítica ao lirismo, como se afirma nas alternativas (A) e (B). Mas sua crítica se dirige não a qualquer tipo de lirismo, mas a um tipo específico – o lirismo dos puristas –, que não é o “lirismo louco do movimento modernista”. Logo, essas duas primeiras alternativas estão incorretas. As alternativas (C) e (D) também estão incorretas porque sugerem que o poeta tenha proposto o retorno a um lirismo de outros tempos, o clássico e o romântico, respectivamente. E o poeta não o faz, definitivamente. Ao contrário, ele está cansado do lirismo expresso até então. O que ele faz, realmente, é propor a criação de um novo lirismo, dos loucos e dos bêbados, um lirismo que seja libertação.

Questão 2

Resposta: Letra A. As anotações junto aos versos ao longo do poema possibilitam direcionamentos possíveis para uma leitura crítica de dados histórico-culturais por parte dos leitores, como a que explica que Brasil é o país do futebol, ou que Cete não é um número, mas sim um time. Além disso, o todo do poema explicita a supremacia do futebol como marca de brasilidade.

(Disponível em: <http://educacao.globo.com/provas/enem-2013/questoes/129.html>)

Questão 3

Resposta: Letra B. Nesta questão, o ENEM quer saber se o vestibulando reconhece alguns recursos linguísticos utilizados pelo Modernismo com finalidades literárias. O principal deles é o uso da linguagem cotidiana, a linguagem falada, coloquial ou ainda informal. Opondo-se ao Parnasianismo, movimento anterior que pregava o preciosismo linguístico (uso de palavras raras, construção de rimas ricas), o Modernismo propõe uma liberdade quanto ao uso da língua, podendo o poeta recorrer à linguagem do dia a dia, desde que com algum objetivo, buscando a construção da literariedade do texto. Um bom exemplo disso é o poema “Pronominais”, de Oswald de Andrade. Não poderia ser a (A), pois não há rimas ricas no poema (não há se quer rimas, os versos são livres ou brancos). A alternativa (C) também não

se sustenta, pois fala em simetria de versos (versos com as mesmas medidas), o que não ocorre. A alternativa (D) fala em tema do amor romântico, característica própria do Romantismo e não do Modernismo (aliás, o poema desconstrói a visão do amor romântico, satirizando a conversa entre namorados). Por fim, a (E) fala em recurso ao diálogo, mas cita o Realismo, o que é um contrassenso, pois a pergunta se refere ao Modernismo.

(Disponível em: <http://www.enemvirtual.com.br/questoes-do-enem-resolvidas/>)

Questão 4

Resposta: Letra B. No poema, a imagem do sedutor é ironizada, pois cria um significado além do aparente. Ao pedir à outra parte que faça uma composição de rendas e expectativas de vida, a conquista amorosa se traduz em partilha de realizações da vida matrimonial. O adjetivo “médio” do título e o advérbio “meio” no último verso corroboram o comportamento desidealizante e irônico em relação à expectativas românticas que tradicionalmente estariam ligadas à abordagem pretensamente “sedutora” de um homem diante de uma mulher.

(Disponível em: <http://veja.abril.com.br/educacao/slider-questoes-enem/graficos/pdf/questoes-118.pdf>)

Questão 5

Resposta: Letra E. O texto associa papéis sociais diferentes aos homens e às mulheres: os primeiros “sujam-se na lama”, “provocam e provam do fogo”, “lambuzam-se e arrotam na mesa”. Portanto, têm uma vida livre de qualquer regramento de caráter moral ou social. Por sua vez, o eu-lírico feminino atribui a si um papel social ligado à preservação do conforto, da moral e da educação domésticas, por meio das referências a enxovais, provimento de comida, dote e marido. Nota-se a assimetria dessas relações, pois, ao papel social do homem, estão relacionados elementos ligados à liberdade, enquanto às mulheres, associam-se elementos ligados a uma vida marcada pela privação de liberdade (a enunciadora se diz “fechada”), pela contenção (ela serve aos irmãos “contida”) e pelo recato doméstico. Tal diferença produz “graus de autorrealização desiguais”, como afirma a alternativa (E).

(Disponível em: <http://veja.abril.com.br/educacao/enem-resolvido-2012/Q117.pdf>)

Volume 2 • Módulo 4 • Língua Portuguesa e Literatura • Unidade 8

Modernismo e contemporaneidade nos textos em prosa

Ivone da Silva Rebello, Jane Cleide dos Santos de Sousa

Introdução

Olá, professor(a)!

Revisitando a estética moderna e abrindo portas à estética contemporânea, a literatura revela grande diversidade, na qual uma mescla de gêneros e uma narrativa mais direta apontam como uma tendência. A nova forma de ver e de escrever sobre o Brasil, construída e consolidada pelos modernistas, autorizou a total liberdade criativa e o experimentalismo radical da arte contemporânea.

Dessa maneira, é importante mostrar aos alunos que a beleza de uma obra também pode estar em sua objetividade, em sua irreverência, em sua ousadia. Pela exploração de diferentes gêneros literários, deve-se apontar que os artistas contemporâneos tomam a arte como instrumento para, dentre outros aspectos, expressar o pluralismo da vida: suas questões, suas misérias morais, sua desorientação, seus anseios e seus conflitos.

Por isso, nesta unidade, revisitaremos mais uma vez, inicialmente, *as três fases do Modernismo* e, em seguida, *a literatura contemporânea* – focalizando agora, no entanto, os textos em prosa. Analisando exemplares dos gêneros *manifesto*, *conto*, *romance* e *peça de teatro*, destacaremos ainda algumas características temáticas e formais dessas estéticas. Tal estudo será, por vezes, aprofundado por meio de diálogos intertextuais, concretizados na comparação de textos literários e obras plásticas, como *pinturas* e *desenho*, que apresentam um mesmo tema.

Além disso, em se tratando dos textos narrativos, desejamos desenvolver no aluno a habilidade de identificar o uso do *discurso indireto livre*. Isso porque esse recurso estilístico exige do leitor maior atenção e sensibilidade: ele deve reconhecer, nessa aproximação narrador-personagem, os efeitos estéticos gerados a partir dessa súbita incorporação de uma outra voz à do narrador.

Por tudo isso, esperamos que esta última unidade de Língua Portuguesa possa, mais uma vez, ampliar suas aulas – em especial, nesta conclusão do estudo historiográfico da literatura brasileira. No entanto, compreendendo a língua e a literatura como constructos sociais dinâmicos, desejamos que este material, assim como aqueles referentes às unidades anteriores, seja um convite à pesquisa e a novas possibilidades de ensino.

Obrigado pela parceria!

Apresentação da unidade do material do aluno

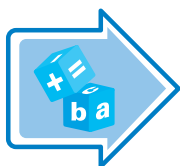
Disciplina	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
Língua Portuguesa	4	8	8 aulas de 50 minutos

Titulo da unidade	Tema
Modernismo e contemporaneidade nos textos em prosa	Prosa do Modernismo Brasileiro: Principais características e temas da 1ª, 2ª e 3ª fase; A estrutura do romance modernista. Prosa da Literatura contemporânea: o conto. Discurso indireto livre.
Objetivos da unidade	
Reconhecer a estrutura do romance modernista.	
Distinguir as principais características do romance nas diferentes fases do Modernismo e na Literatura Contemporânea.	
Reconhecer as diferentes manifestações em prosa na Literatura Contemporânea, bem como a presença da prosa poética.	
Identificar o discurso indireto livre como um dos recursos de estilo usado no período em estudo.	
Seções	Páginas no material do aluno
Para início de conversa...	223 e 224
Seção 1 – Primeira geração modernista: da Amazônia a São Paulo	226 a 229
Seção 2 – Segunda geração modernista: o romance da geração de 30	229 a 240
Seção 3 – Terceira geração modernista: a linguagem reinventada	240 a 245
Seção 4 – Literatura contemporânea: cada um por si	245 a 249
O que perguntam por aí?	257

Recursos e ideias para o Professor

Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem os recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



Avaliação

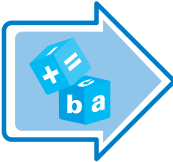
Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.



Exercícios

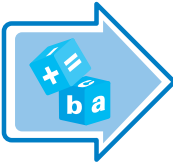
Proposições de exercícios complementares

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A semana de arte moderna: um evento <i>mega</i> importante	Cópias da atividade.	A partir da análise de um fragmento “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade, identificar a proposta modernista de ruptura com as estéticas anteriores e com a cultura importada.	Atividade individual.	50 minutos

Seção 1 – Primeira geração modernista: da Amazônia a São Paulo

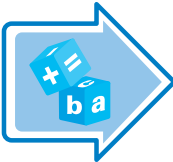
Páginas no material do aluno
226 a 229

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A estética da primeira fase	Cópias da atividade	Análise de um fragmento de <i>Memórias sentimentais de João Miramar</i> , de Oswald de Andrade, a fim de identificar características centrais da 1ª fase do Modernismo.	Atividade individual.	80 minutos

Seção 2 – Segunda geração modernista: o romance da geração de 30

Páginas no material do aluno

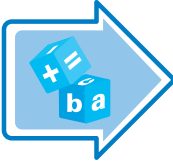
229 a 240

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A seca como marca de denúncia social	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do romance <i>A bagaceira</i> , de José Américo de Almeida (1887-1980), a fim de reconhecer a crítica social como um dos principais objetivos da segunda geração modernista.	Atividade realizada com toda a turma ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	80 minutos

Seção 3 – Terceira geração modernista: a linguagem reinventada

Páginas no material do aluno

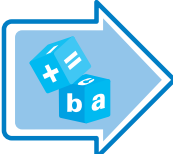
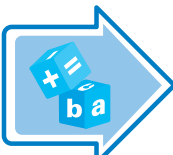
240 a 245

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O teatro popular de Ariano Suassuna	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do texto dramático <i>Auto da Compadecida</i> , de Ariano Suassuna, a fim de observar traços da 3ª geração modernista.	Atividade realizada com toda a turma ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	50 minutos

Seção 4 – Literatura Contemporânea: cada um por si

Páginas no material do aluno

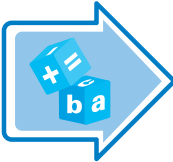
245 a 249

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A estética contemporânea de Dalton Trevisan	Cópias da atividade.	Análise do conto “Dois velhinhos”, de Dalton Trevisan, visando a observar características da prosa contemporânea brasileira.	Atividade individual.	30 minutos
	Lendo um conto contemporâneo	Cópias da atividade.	Análise do conto “O ciclista”, de Dalton Trevisan, a fim de reconhecer características do estilo do autor e, metonimicamente, da prosa contemporânea.	Atividade individual.	50 minutos

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Prosa no ENEM: do regionalismo em diante	Cópias da atividade.	Aplicação de questões do Enem e de vestibular que tratam da prosa modernista e contemporânea.	Atividade individual.	30 minutos

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A semana de arte moderna: um evento <i>mega</i> importante	Cópias da atividade.	A partir da análise de um fragmento “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade, identificar a proposta modernista de ruptura com as estéticas anteriores e com a cultura importada.	Atividade individual.	50 minutos

Aspectos operacionais

Apresente o texto e as questões de análise. Aplique-as e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Distribua o texto. Leia-o com os alunos. Esclareça dúvidas de vocabulário. Inicie discussão recapitulando aspectos contextuais e reforce o ideário de liberdade formal, rompimento com conservadorismos estéticos e a reconstrução de uma identidade nacional. Motive o aluno a perceber a Semana de Arte Moderna como um evento importante que mudou a forma de pensar e fazer arte no país. A partir deste evento, o país se incluiu na Modernidade ao reavaliar a arte e a própria noção de brasilidade.

Atividade

O movimento iniciado pela Semana de Arte Moderna provocou mudanças radicais no entendimento do *quê*, do *como* e do *porquê* da arte na era moderna. O *Manifesto Antropófago* (1928), de Oswald de Andrade, foi um de vários que expressava o desejo de valorização da cultura nacional e do rompimento com uma estética conservadora. Leia o fragmento e responda às questões que se seguem.

Manifesto Antropófago

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. (...)

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. (...)

A existência papável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy- Bruhl estudar.

Queremos a revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. (...)

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. (...)

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia.

Questão 1

Como você sabe, a antropofagia é o hábito de comer carne humana. No Brasil, era um ritual indígena praticado pela crença de que o antropófago absorveria as qualidades do inimigo. Considerando essas informações, que relação se pode estabelecer entre o antropofagismo e os ideais modernistas presentes no manifesto analisado?

Questão 2

Apesar de ter recebido influências dos movimentos europeus de vanguarda, o Modernismo preocupava-se, sobretudo, com a cultura e a realidade brasileira. Que elementos presentes no texto marcam esse foco na nossa brasilidade?

Questão 3

Uma das principais preocupações dos modernistas era libertar-se dos padrões portugueses de linguagem, inovando na forma de escrever. Sobre este aspecto, que característica marcante podemos observar no fragmento destacado?

Respostas comentadas

Questão 1

Espera-se que o aluno seja capaz de estabelecer a relação de que o manifesto propunha a “devoração” das técnicas importadas, a deglutição do legado cultural europeu para “digeri-lo”, ou seja, reelaborá-lo em uma arte tipicamente brasileira, autônoma. Defendia-se que, semelhantemente ao que acreditavam os índios antropófagos, a deglutição/renovação do que é estrangeiro poderia fortalecer a nossa própria identidade.

Questão 2

O Manifesto propõe a valorização de uma arte brasileira, a exportação de nossa cultura e do nosso fazer artístico em consonância com os ideais modernistas. Visando a essa valorização, evidencia o “Tupi” – designação de uma grande nação indígena que habitava a América do Sul, e também representante de um importante tronco linguístico dessa América. A inclusão desse vocábulo em consagrada frase de Shakespare, em língua inglesa, remete à valorização do que é nacional e, ao mesmo tempo, reflete a possibilidade de incorporação dos referenciais culturais estrangeiros às nossas questões e até mesmo a exportação do produto cultural nacional. Da mesma forma, a comparação da grandiosidade da Revolução Francesa com a Revolução Caraíba, reforça esse desejo de valorização do que é nacional e da elevação da autoestima brasileira em relação ao que vem de fora.

Questão 3

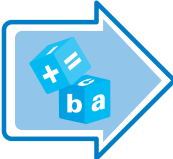
O Manifesto é enfático em expressar a sua contrariedade em relação a todo tipo de catequização, principalmente a portuguesa. Buscando combater a dominação através da imposição de padrões e da rigidez formal, o Manifesto é escrito em prosa-poética, estrutura que aproxima prosa e poesia.

Além disso, destaca-se o emprego de períodos curtos, marcados por pontos, como em “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.”, além da utilização de uma fala explicitamente combativa “Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.” e da livre e ágil associação de ideias “Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.”.

Seção 1 – Primeira geração modernista: da Amazônia a São Paulo

Páginas no material do aluno

226 a 229

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A estética da primeira fase	Cópias da atividade	Análise de um fragmento de <i>Memórias sentimentais de João Miramar</i> , de Oswald de Andrade, a fim de identificar características centrais da 1ª fase do Modernismo.	Atividade individual.	80 minutos

Aspectos operacionais

Aplique e corrija questões de análise como as que sugerimos.

Aspectos pedagógicos

Leia o texto com os alunos. Esclareça dúvidas de vocabulário e, se necessário, disponibilize o dicionário para pesquisa. Encaminhe-os para a realização das atividades, destacando a proposta modernista de ruptura com estéticas literárias anteriores.

Atividade

Os modernistas da primeira geração acreditavam que era necessário destruir regras tradicionais para instaurar uma nova estética; por isso, a preocupação formal teve grande importância nesse período.

Memórias sentimentais de João Miramar é um romance que apresenta uma técnica de composição revolucionária. Nele, a história do protagonista é contada em 163 episódios numerados.

Análise, então, os três episódios que destacamos abaixo e, em seguida, responda às questões.

Memórias sentimentais de João Miramar

3. Gare do Infinito

Papai doente na cama e vinha um carro e um homem e o carro ficava esperando no jardim.

Levaram-me para uma casa velha que fazia doces e nos mudamos para a sala do quintal onde tinha uma figueira na janela.

No desabar do jantar noturno a voz toda preta de mamãe ia me buscar para a reza do Anjo que carregou meu pai.

62. Comprometimento

O Forde levou-nos para igreja e notário entre matos derrubados e a vasta promessa das primeiras culturas.

Jogaram-nos flores como bênçãos e sinos tilintaram.

A lua substituiu o sol na guarita do mundo mas o dia continuou tendo havido entre nós apenas uma separação precavida de bens.

75. Natal

Minha sogra ficou avó.

Questão 1

Como foi dito, o romance *Memórias sentimentais de João Miramar* é constituído por 163 episódios que narram a história do personagem. Destacamos acima os episódios 3, 62 e 75, respectivamente. Após leitura atenta, assinale a alternativa que melhor traduz a temática dos episódios.

- a. casamento, divórcio, nascimento
- b. morte, casamento, nascimento
- c. nascimento, casamento, divórcio
- d. divórcio, nascimento, morte

Questão 2

Observando a construção do texto, responda a estes itens que focalizam as principais características formais do romance:

- a. O vocabulário é rebuscado ou simples?

- b. As frases são longas ou curtas?
- c. Como é utilizada a pontuação?
- d. O discurso é mais complexo ou simples?
- e. A linguagem é exclusivamente denotativa ou conotativa?

Questão 3

Baseado no ideário de ruptura modernista com a estética formal conservadora, que efeito é alcançado com a forma em episódios curtos apresentada no romance?

Respostas comentadas

Questão 1

Resposta: Letra B. Espera-se que o aluno identifique que cada episódio trata de uma fase da vida do personagem. O episódio 3 trata da morte do pai do personagem: “mamãe ia me buscar para *a reza do Anjo que carregou meu pai*.”; o 62 trata do casamento: “O Forde levou-nos para *igreja*”, “Jogaram-nos *flores como bênçãos e sinos tilintaram*.”; e o episódio 75, do nascimento do filho: “Natal”, “Minha sogra ficou avó”.

Questão 2

Por sua exploração formal, comprova-se que no texto:

- a. O vocabulário é simples, sem o uso de termos rebuscados, como em “Papai doente na cama e vinha um carro”.
- b. As frases são, relativamente, curtas e, em geral, cada uma delas aponta um fato: “O Forde *levou-nos para igreja* e notário entre matos derrubados e a vasta promessa das primeiras culturas. / *Jogaram-nos flores como bênçãos / e sinos tilintaram*.”.
- c. O único sinal de pontuação utilizado é o ponto final. Destaca-se, desse modo, a ausência de vírgulas (ou de ponto-e-vírgula), como em: “Levaram-me para uma casa velha que fazia doces e nos mudamos para a sala do quintal onde tinha uma figueira na janela.”.

Nesse fragmento, segundo as regras de padrão da escrita, dever-se-ia utilizar a vírgula para marcar a oração subordinada adjetiva *explicativa* “onde tinha uma figueira na janela”, visto que, semanticamente, o termo “a sala do quintal” já está determinado. Além disso, dever-se-ia utilizar o ponto-e-vírgula para separar as orações com sujeitos gramaticais diferentes – “Levaram-me” (sujeito indeterminado) e “nos mudamos” (sujeito oculto/desinencial), uma vez que a segunda oração já apresenta(ria) uma vírgula.

- d. O texto é, predominantemente, construído pelo processo sintático de coordenação – o que apontaria um discurso menos complexo. No entanto, a ausência de sinais de pontuação, bem como de conectivos inter-oracionais, pode, em alguns trechos, dificultar a leitura, como em: “Papai doente na cama / e vinha um carro e um homem / e o carro ficava esperando no jardim.”.

- e. Não há exclusividade da denotação ou da conotação. A linguagem denotativa se mescla a trechos essencialmente metafóricos, como “No desabar do jantar noturno a voz toda preta de mamãe ia me buscar para a reza do Anjo que carregou meu pai.”

Nesse trecho, observa-se, inicialmente, a expressão “jantar noturno”, que tanto pode fazer referência ao horário em que o jantar se dava como ao clima subjetivamente soturno e triste que o marcou. Além disso, destaca-se a construção “voz toda preta”, pela evocação dos sentidos da audição e da visão (sinestesia) e, ao mesmo tempo, pela comparação direta entre o luto e a característica atribuída à voz da mãe (o adjetivo “preta”, ali, é uma metáfora ligada ao luto). Por fim, sublinha-se o eufemismo presente na expressão “Anjo que carregou meu pai”, que se refere ao próprio evento da morte.

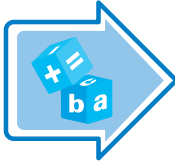
Questão 3

A linguagem utilizada no romance consolida as críticas dos modernistas da primeira geração aos padrões formais de estéticas literárias anteriores. Por isso, os capítulos são substituídos por episódios curtos, verdadeiros flashes, quase que cinematográficos, da vida do personagem; e a linguagem é predominantemente simples e concisa, com vocabulário não rebuscado, frases curtas, orações em sua maioria coordenadas, ausência de certos sinais de pontuação. Dessa forma, o romance modernista busca desconstruir modelos, apresentando uma estrutura que confere velocidade à narrativa.

Seção 2 – Segunda geração modernista: o romance da geração de 30

Páginas no material do aluno

229 a 240

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A seca como marca de denúncia social	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do romance <i>A bagaceira</i> , de José Américo de Almeida (1887-1980), a fim de reconhecer a crítica social como um dos principais objetivos da segunda geração modernista.	Atividade realizada com toda a turma ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	80 minutos

Aspectos operacionais

Leia o texto com os alunos; apresente as questões de análise; corrija-as.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, o professor fará um comentário sobre as principais características da segunda geração modernista e do momento histórico que norteou toda a produção literária da época, com foco na emergência da chamada “literatura regionalista”. A seguir, dialogar com os alunos sobre a realidade apresentada em cada imagem. Depois, distribuir para os alunos os textos propostos. Seria bom que as imagens fossem coloridas. Solicitar, então, que os alunos leiam os textos e respondam as questões.

Atividade

Como já estudamos, a 2ª geração modernista brasileira (1930-1945) se desenvolveu em um período de busca de novos caminhos – artísticos, filosóficos, políticos, sociais e existenciais – refletida nas produções literárias.

Para, então, aprofundarmos nossa compreensão desse momento histórico e literário, analisaremos, nesta atividade, uma passagem do primeiro capítulo do romance *A bagaceira*, de José Américo de Almeida (1887-1980).

Esse romance se passa entre 1898 e 1915 – dois períodos de seca no sertão do Piauí. Devido ao sol implacável, Valentim Pereira, sua filha Soledade e seu afilhado Pirunga abandonam a fazenda do Bondó, na zona do sertão, e seguem em direção às regiões dos engenhos. Encontram acolhida no engenho Marzagão, de propriedade de Dagoberto Marçau, cuja mulher falecera por ocasião do nascimento do único filho, Lúcio. Durante suas férias no engenho, Lúcio conhece Soledade, e se apaixona por ela. Com a morte do senhor do engenho, Lúcio herda a propriedade do pai. Em 1915, outro período de seca, Soledade, já envelhecida, vai ao encontro de Lúcio e lhe entrega o filho, fruto do seu amor com Dagoberto.

O trecho abaixo trata dos retirantes que fugiram da seca assoladora no sertão do Piauí e chegaram ao engenho de Dagoberto Marçau. Analise-o, com atenção, e, em seguida, responda às questões propostas.

A bagaceira

Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos – esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres.

Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas.

Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. Expulsos de seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados.

Fugiam do sol e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo.

Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando.

Vinham escoteiros. Menos os hidrôpicos – doentes da alimentação tóxica – com os fardos das barrigas alarmantes.

Não tinha sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.

Meninotas, com as pregas da súbita velhice, careteavam, torcendo as carinhas decrepitas de ex-voto. Os vaqueiros másculos, como titãs alquebrados, em petição de miséria. Pequenos fazendeiros, no arremesso igualitário, baralhavam-se nesse anônimo aniquilamento.

Mais mortos do que vivos. Vivos, vivíssimos só no olhar. Pupilas do sol da seca. Uns olhos espasmódicos de pânico, como se estivessem assombrados de si próprios. Agônica concentração de vitalidade faiscante.

Fariscavam o cheiro enjoativo do melado que lhes exacerbava os estômagos jejunos. E, em vez de comerem, eram comidos pela própria fome numa autofagia erosiva.

[...]

A cabroeira escarninha metia-os à bulha:

– Vem tirar a barriga da miséria.

Párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas.

A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram malvistas nos brejos. E o nome de *brejeiro* cruelmente pejorativo.

[...]

Essa diversidade criava grupos sociais que acarretavam os conflitos de sentimentos.

Estrugia a trova repulsiva:

Eu não vou na sua casa,

Você não venha na minha,

Porque tem a boca grande,

Vem comer minha farinha...

Homens do sertão, obcecados na mentalidade das reações cruentas, não convocavam as derradeiras energias num arranque selvagem. A história das secas era uma história de passividades. Limitavam-se a fitar os olhos terríveis nos seus ofensores. [...]

Dagoberto olhava por olhar, indiferente a essa tragédia viva.

A seca representava a valorização da safra. Os senhores de engenho, de uma avidez vã, refaziam-se da depreciação dos tempos normais à custa da desgraça periódica.

[...]

(ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p. 98-99.)

Vocabulário	
Adelgaçados	Enfraquecidos.
Agônica	Relativo a agonia; aflição.
Autofagia	Destruição de si mesmo.
Bagaceira	Área em torno dos engenhos de açúcar onde se espalha o bagaço da cana moída, para que seque e seja usado como combustível nas fornalhas.
Bulha	Gritaria.
Cabroeira	Conjunto de cabras (trabalhadores rurais do Nordeste).
Decrépitas	Debilitadas fisicamente.
Escarninha	Zombeteira.
Escoteiro	Aquele que viaja sem bagagem.
Estropiados	Fadigados.
Estrugia	Soava como estrondo.
Êxodo	Migração.
Ex-voto	Objeto deixado em uma igreja para agradecer aos santos por uma graça alcançada.
Fado	Destino.
Fariscar	Farejar.
Hidrópicos	Inchados.
Nomadismo	Forma de vida caracterizada por ir de um lugar a outro sem ficar em nenhum deles permanentemente.
Trôpegos	Que andam com dificuldade.

Questão 1

Neste romance, o autor, ao usar a expressão “a cabroeira”, contrapõe sertanejos a brejeiros. Comprove, com uma passagem do texto, o tipo de relacionamento entre eles.

Questão 2

Esse trecho do romance é essencialmente descritivo. Dessa forma, destaque uma passagem que descreva as condições de vida dos brejeiros.

Questão 3

Explique a afirmação: [os brejeiros] “eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas”.

Questão 4

No período em que se deu a segunda fase do Modernismo (1930-1945), o Brasil vive alguns momentos decisivos em sua história, dentre os quais:

- Desgaste da política do café-com-leite (crise política das oligarquias brasileiras).
- Insurreições militares (Tenentismo e Coluna Prestes).
- Quebra da Bolsa de Nova Iorque (1929).
- Revolução de 30.
- Industrialização e diversificação do capital.
- Remodelação da estrutura econômica agroexportadora.
- Modernização dos engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste.

Destaque do texto passagens que expressem estes dois fatos históricos: a *remodelação da estrutura econômica agroexportadora* e a *modernização dos engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste*.

Questão 5

Analise estas duas imagens.

A 1ª imagem é uma pintura do artista plástico brasileiro Cândido Portinari (1903-1962), que, no início de sua carreira, buscou retratar a realidade brasileira. Nessa tela, saltam aos olhos o sofrimento humano e a tragédia vividos pelo homem sertanejo que sai de sua terra à procura de melhores condições de vida.

A 2ª imagem, por sua vez, é um desenho de Percy Lau (1903-1972), ilustrador e desenhista peruano radicado no Brasil. Nesta obra, destaca-se uma das piores secas ocorridas no nordeste brasileiro, entre 1877 e 1879, em função da qual mais de 65.000 cearenses partiram para a Amazônia e foram servir de mão-de-obra nos seringais.

Imagem 1:	Imagem 2:
Os Retirantes (1944) – pintura de Candido Portinari	Retirantes da seca de 1877 – desenho de Percy Lau para o livro “Geografia da Fome”, de Josué de Castro.
 Disponível em: http://www.historiadigital.org/questoes/questao-enem-2005-retirantes/	 Disponível em: http://bloglادob.com.br/wp-content/uploads/2011/08/Retirantes-da-seca-de-1877.-Desenho-especial-de-Percy-Lau-para-o-livro-Geografia-da-Fome-de-Josu%C3%A9-de-Castro-7a-edi%C3%A7%C3%A3o-1961.jpg

Relacione as duas imagens a trechos do romance *A bagaceira*, destacando como, por meio de diferentes linguagens, as obras denunciam o problema da seca.

Respostas comentadas

Questão 1

De acordo com as passagens do texto, citadas a seguir, notamos que o relacionamento entre os sertanejos e os brejeiros era basicamente hostil, como se vê pelos trechos a seguir:

I. “A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram malvistas nos brejos. E o nome de *brejeiro* cruelmente pejorativo.”

II. “Estrugia a trova repulsiva:

Eu não vou na sua casa,

Você não venha na minha,

Porque tem a boca grande,

Vem comer minha farinha...”

III. “Homens do sertão, obcecados na mentalidade das reações cruentas, não convocavam as derradeiras energias num arranque selvagem. A história das secas era uma história de passividades. Limitavam-se a fitar os olhos terríveis nos seus ofensores.”

Questão 2

De acordo com o texto, as condições de vida dos retirantes eram desumanas e degradantes. Dentre os muitos trechos, pode-se destacar:

I. “Não tinha sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.” – em que se sublinha a desconstrução das identidades, através de um procedimento discursivo no qual os retirantes perdem suas particularidades para serem representados exclusivamente como um grupo.

II. “Mais mortos do que vivos. Vivos, vivíssimos só no olhar. Pupilas do sol da seca. Uns olhos espasmódicos de pânico, como se estivessem assombrados de si próprios. Agônica concentração de vitalidade faiscante.” – em que se explicita o horror psicológico vivenciado pelas personagens.

III. “Fariscavam o cheiro enjoativo do melado que lhes exacerbava os estômagos jejunos. E, em vez de comerem, eram comidos pela própria fome numa autofagia erosiva.” – em que se explicita, por meio da personificação da fome, a miséria material.

Questão 3

Os brejeiros, também desfavorecidos socialmente, viam os sertanejos como aqueles que estavam ali temporariamente para disputar o trabalho que realizavam nos engenhos e também os poucos recursos de que dispunham, e por isso tinham mais repulsa e temor do que compaixão em relação a eles.

Questão 4

O trecho que aponta a *remodelação da estrutura econômica agroexportadora* e a *modernização dos engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste* é “A seca representava a valorização da safra. Os senhores de engenho, de uma avidez vã, refaziam-se da depreciação dos tempos normais à custa da desgraça periódica.”. Nesse fragmento, a expressão sublinhada traça uma oposição entre o presente do texto e um período anterior, em que a os donos de engenho lucravam menos porque tinham que pagar mais aos empregados, já que não dispunham sempre de um exército de reserva de retirantes famélicos que estavam dispostos a trabalhar por menos ainda.

Questão 5

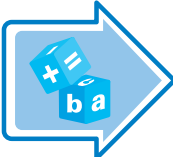
Na comparação entre as obras, pode-se destacar, dentre outros, os seguintes trechos:

- I. “Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas.” – que dialoga, diretamente, com as pernas arqueadas dos personagens; em especial, na pintura de Portinari. Essa representação pode sugerir não só a fadiga do êxodo como também o raquitismo, causado por uma deficiência de vitamina D.
- II. “Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando.” – característica representada, nas pinturas, pela forma dos personagens: macérrimos, quase esqueléticos.
- III. “Mais mortos do que vivos. Vivos, vivíssimos só no olhar. Pupilas do sol da seca. Uns olhos espasmódicos de pânico, assombrados de si próprios. Agônica concentração de vitalidade faiscante.” – condição representada, nas imagens, não só pela cena que descrevem (pássaros e cruzeiros que apontam a morte), mas também pelas cores em que elas foram construídas: os tons de azul e preto (na pintura) e de marrom (no desenho) podem sugerir tristeza e luto, além de aproximarem os retirantes da própria representação da terra seca e quase sem vida.

Seção 3 – Terceira geração modernista: a linguagem reinventada

Páginas no material do aluno

240 a 245

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O teatro popular de Ariano Suassuna	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento do texto dramático <i>Auto da Compadecida</i> , de Ariano Suassuna, a fim de observar traços da 3ª geração modernista.	Atividade realizada com toda a turma ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	50 minutos

Aspectos operacionais

Leia o texto com os alunos, proponha as questões e as corrija.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, faça um comentário sobre o teatro de Ariano Suassuna, aprofundando a introdução presente no início da atividade. Para a leitura do texto, seria interessante propor uma leitura dramatizada, dividindo os personagens entre os alunos da turma. Na aplicação das questões de análise, destaque as características do gênero dramático (texto para ser encenado, necessitando de espaço etc.), bem como os traços da 3ª fase do Modernismo presentes na obra.

Atividade

Nesta atividade, você vai ler um texto teatral de Ariano Suassuna, intitulado *Auto da Compadecida*, escrito em 1955 e publicado dois anos depois.

Chamamos de *auto* o teatro medieval de alegorias (pecado, virtude, avareza etc.), cujas personagens são, em geral, santos, demônios e tipos sociais, como padres, ladrões, cavaleiros etc. Dentre os principais características, os autos possuem linguagem simples, intenção moralizante e, geralmente, são cômicos.

Assim, para escrever o seu auto, Suassuna tomou por base folhetos de cordel, reconstruindo a realidade nordestina. Nele, o personagem João Grilo é um herói típico da linhagem picaresca da literatura de cordel, que passa fome e está sempre mentindo para conseguir o que quer – bem como seu amigo Chicó, medroso e mentiroso, que o acompanha em suas travessuras.

O trecho abaixo apresenta algumas peripécias engraçadas de João Grilo, envolvendo o padeiro, o padre, a mulher do padeiro e seu cachorro.

Auto da Compadecida

PALHAÇO, grande voz – Auto da Compadecida! O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre e um bispo, para exercício da moralidade.

[...]

Ao escrever esta peça, onde combate o mundanismo, praga de sua igreja, o autor quis ser representado por um palhaço, para indicar que sabe, mais do que ninguém, que sua alma é um velho catre, cheio de insensatez e de solércia. Ele não tinha o direito de tocar nesse tema, mas ousou fazê-lo, baseado no espírito popular de sua gente, porque acredita que esse povo sofre, é um povo salvo e tem direito a certas intimidades.

[...]

JOÃO GRILO – Não vai benzer? Por quê? Que é que um cachorro tem de mais?

CHICÓ – Bom, eu digo assim porque sei como esse povo é cheio de coisas, mas não é nada de mais. Eu mesmo já tive um cavalo bento.

JOÃO GRILO – Que é isso, Chico? (Passa o dedo na garganta.) Já estou ficando por aqui com suas histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com “não sei, só sei que foi assim”.

[...]

JOÃO GRILO – E você deixe de conversa. Nunca vi homem mais mole do que você, Chicó. O padeiro mandou você arranjar o padre para benzer o cachorro e eu arranjei sem ter sido mandado. Que é que você quer mais?

CHICÓ – Ih, olha como isso está pegado com o patrão! Faz gosto um empregado dessa qualidade.

JOÃO GRILO – Muito pelo contrário, ainda hei de me vingar do que ele e a mulher me fizeram quando estive doente. Três dias passei em cima de uma cama para morrer e nem um copo d’água me mandaram. Mas fiz esse trabalho somente porque se trata de enganar o padre. Não vou com aquela cara.

CHICÓ – Com qual? Com a do padre?

JOÃO GRILO – Com as duas. Estou acertando as contas com o padre e a qualquer hora acerto com o patrão. Eu conheço o ponto fraco do homem, Chicó.

CHICÓ – Qual é? É a besteira?

JOÃO GRILO – Nada disso, se o ponto fraco das pessoas daqui fosse somente a besteira, ninguém estava livre de mim. Você mesmo é um lesão de marca, Chicó. Só não boto você no bolso porque sou seu amigo.

CHICÓ – E qual é o ponto fraco do patrão?

[...]

JOÃO GRILO – Cale a boca, besta. Não diga uma palavra e deixe tudo por minha conta. (Vendo Antônio Morais no limiar, esquerda.) Ora viva, seu major Antônio Morais, como vai Vossa Senhoria? Veio procurar o padre?

(Antônio Moraes, silencioso e terrível, encaminha-se para a igreja mas João toma-lhe a frente.) Se Vossa Senhoria quer, eu vou chamá-lo. (Antônio Moraes afasta João do caminho com a bengala, encaminhando-se de novo para a igreja. João, aflito, dá a volta, tomando-lhe a frente e fala, como último recurso.) É que eu queria avisar para Vossa Senhoria não ficar espantado: o padre está meio doido.

ANTÔNIO MORAIS, parando – Está doido? O padre?

JOÃO GRILO, animando-se – Sim, o padre. Está dum jeito que não respeita mais ninguém e com mania de benzer tudo. Vim dar um recado a ele, mandado por meu patrão, e ele me recebeu muito mal, apesar de meu patrão ser quem é.

ANTÔNIO MORAIS – E quem é seu patrão?

JOÃO GRILO – O padeiro. Pois ele chamou o patrão de cachorro e disse que apesar disso ia benzê-lo.

ANTÔNIO MORAIS – Que loucura é essa?

JOÃO GRILO – Não sei, é a mania dele agora. Benze tudo e chama a gente de cachorro.

ANTÔNIO MORAIS – Isso foi porque era com seu patrão. Comigo é diferente.

JOÃO GRILO – Vossa Senhoria me desculpe, mas eu penso que não.

ANTÔNIO MORAIS – Você pensa que não?

JOÃO GRILO – Penso, sim. E digo isso porque ouvi o padre dizer: “Aquele cachorro, só porque é amigo de Antônio Moraes, pensa que é alguma coisa”.

ANTÔNIO MORAIS – Que história é essa? Você tem certeza?

JOÃO GRILO – Certeza plena. Está doidinho, o pobre do padre.

ANTÔNIO MORAIS – Pois vamos esclarecer a história, porque alguém vai pagar essa brincadeira. Quanto à mania de benzer, não faz mal, ele me será até útil. Meu filho mais moço está doente e vai para o Recife, tratar-se. Tem uma verdadeira mania de igreja e não quer ir sem a bênção do padre. Mas fique certo de uma coisa: hei de esclarecer tudo e se você está com brincadeiras para meu lado, há de se arrepender.

Padre João! Padre João!

(Sai pela direita. No mesmo instante, CHICÓ tenta fugir, mas João agarra-o pelo pescoço.)

JOÃO GRILO – Não, você fica comigo. Vim encomendar a bênção do cachorro por sua causa e você tem de ficar. E mesmo, Chicó, você já está acostumado com essas coisas, já teve até um cavalo bento!

CHICÓ – É, mas acontece que o major Antônio Moraes pode ter alguma coisa de cavalo, de bento é que ele não tem nada.

[...]

(SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 35. ed. Rio de Janeiro: AGIR, 2005. p. 21-40.)

Questão 1

Segundo o autor, o “seu teatro é mais aproximado dos espetáculos de circo e da tradição popular do que do teatro moderno.” Você concorda com essa observação do autor após a leitura do fragmento da peça? Justifique a sua resposta.

Questão 2

Releia as falas do Palhaço e destaque os objetivos do auto, explicitados nessa introdução.

Questão 3

Com relação à figura do padre, que críticas podemos inferir?

Questão 4

Que elementos revelam a valorização da cultura popular?

Questão 5

Marque a alternativa que apresenta uma característica que **não** está presente no texto:

- a. A sátira referente ao comportamento moralmente corrompido da sociedade.
- b. O humor usado para tratar de temas como a exploração do povo nordestino.
- c. A maneira livre e aberta de dialogar fatos religiosos de que lança mão.
- d. A crítica à hipocrisia da Igreja como instituição.

Respostas comentadas

Questão 1

Sim. O teatro de Suassuna apresenta muito humor, irreverência e dinamicidade, o que revela a origem popular da peça.

Questão 2

Podemos perceber, na fala do Palhaço, que a proposta da obra é tratar os vícios humanos e o sofrimento do povo nordestino.

Questão 3

A personagem do padre pode representar a hipocrisia dos religiosos que não seguem fielmente os ensinamentos do Cristianismo. No fragmento, faz-se menção ao fato de o sacerdote ter benzido um animal – provavelmente, em troca de dinheiro: “E mesmo, Chicó, você já está acostumado com essas coisas, já teve até um cavalo bento!”

Questão 4

Podemos destacar os seguintes elementos que valorizam a cultura popular: a escolha de um palhaço como apresentador da peça; o nome dos personagens; a linguagem com marcas da oralidade e da normal nordestina; e os causos resgatados das narrativas orais e do folclore popular.

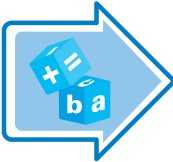
Questão 5

Resposta: Letra D. Isso porque, a crítica é direcionada à hipocrisia de alguns religiosos específicos, enquanto que a Igreja como instituição parece estar relativamente preservada.

Seção 4 – Literatura Contemporânea: cada um por si

Páginas no material do aluno

245 a 249

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A estética contemporânea de Dalton Trevisan	Cópias da atividade.	Análise do conto “Dois velhinhos”, de Dalton Trevisan, visando a observar características da prosa contemporânea brasileira.	Atividade individual.	30 minutos

Aspectos operacionais

Aplique as questões de análise e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Leia o texto com os alunos. Esclareça dúvidas de vocabulário. Encaminhe-os para a realização das atividades, esclarecendo que as produções em prosa no Brasil contemporâneo diferem entre si, mas percebemos em todos os estilos a busca por uma literatura autêntica: Dalton Trevisan, por exemplo, é considerado um dos grandes autores de contos contemporâneos porque, dentre outros aspectos, seu estilo é marcado pela forma reduzida do instante, pela síntese da escrita e pela crítica ao marasmo do cotidiano.

Atividade

A prosa literária brasileira das últimas décadas tem expressado a existência simultânea de vários estilos. Embora diferentes, os autores perseguem a impressão da sua marca própria, o traço que os identifique em seu trabalho, sua marca de autenticidade; ainda assim, é recorrente a abordagem de questões sociais, do aprofundamento de traços psicológicos dos personagens e da mescla de diversos aspectos da realidade humana e da própria cultura nacional.

Buscando identificar a singularidade de um dos autores contemporâneos, leia o conto “Dois velhinhos”, de Dalton Trevisan, e responda às questões que se seguem.

Dois velhinhos

(Dalton Trevisan)

Dois pobres inválidos, bem velhinhos, esquecidos numa cela de asilo.

Ao lado da janela, retorcendo os aleijões e esticando a cabeça, apenas um podia olhar lá fora.

Junto à porta, no fundo da cama, o outro espiava a parede úmida, o crucifixo negro, as moscas no fio de luz. Com inveja, perguntava o que acontecia. Deslumbrado, anunciava o primeiro:

– Um cachorro ergue a perninha no poste.

Mais tarde:

– Uma menina de vestido branco pulando corda.

Ou ainda:

– Agora é um enterro de luxo.

Sem nada ver, o amigo remordia-se no seu canto. O mais velho acabou morrendo, para alegria do segundo, instalado afinal debaixo da janela.

Não dormiu, antegozando a manhã. Bem desconfiava que o outro não revelava tudo.

Cochilou um instante – era dia. Sentou-se na cama, com dores espichou o pescoço: entre os muros em ruína, ali no beco, um monte de lixo.

(**Mistérios de Curitiba**. Editora Record – Rio de Janeiro, 1979, p. 110.)

Questão 1

Nesse conto, o narrador, em poucos parágrafos, nos apresenta o contexto, a cena e os fatos que estruturam a narrativa. Que aspectos linguísticos, constituintes do estilo do autor, permitem essa concisão?

Questão 2

Apesar de conciso, o conto nos revela aspectos fortes da natureza humana que nos impõem reflexões. Retire fragmentos do texto que componham o perfil psicológico dos personagens.

Questão 3

No texto, termos como “pobres inválidos”, “bem velhinhos” e “esquecidos” ampliam a caracterização dos personagens e, ao mesmo tempo, orientam para uma crítica social. Qual seria essa crítica?

Respostas comentadas

Questão 1

O autor explora a escrita concisa, a forma reduzida, objetivando o fragmento, o instante, a cena. Utiliza, para isso, linguagem objetiva e direta, como, por exemplo, na apresentação dos personagens e do cenário: “Dois pobres inválidos, bem velhinhos, esquecidos numa cela de asilo.” Por meio dessa frase nominal, faz-se a exposição, primeiro movimento da estrutura clássica do enredo.

Questão 2

Apesar de conciso, o texto nos permite conhecer aspectos psicológicos dos personagens. O que dormia junto à janela era deslumbrado e sonhador, o outro invejoso. Ambos inválidos e esquecidos. Desse modo, o autor explora a temática da natureza humana, pondo foco em suas fraquezas e frustrações.

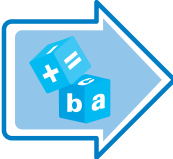
Questão 3

Espera-se que o aluno observe a crítica social subjacente ao texto. Os termos utilizados propõem que o leitor os associe ao contexto contemporâneo e reflita sobre a condição dos idosos no país, acatada veladamente pela própria sociedade doente e incapaz de lidar com seus problemas. O conto retrata uma realidade dolorosa em que pessoas, quando chegam à velhice, são abandonadas em asilos úmidos e insalubres.

Seção 4 – Literatura Contemporânea: cada um por si

Páginas no material do aluno

245 a 249

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Lendo um conto contemporâneo	Cópias da atividade.	Análise do conto “O ciclista”, de Dalton Trevisan, a fim de reconhecer características do estilo do autor e, metonimicamente, da prosa contemporânea.	Atividade individual.	50 minutos

Aspectos operacionais

Leia o texto, aplique as questões de análise e corrija-as junto aos alunos.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, dialogue com os alunos sobre a realidade apresentada no conto e na pintura. Solicite que respondam às questões, destacando a temática comum às obras e as características da literatura e da arte contemporânea.

Atividade

O conto contemporâneo tem um papel relevante em nossa produção literária. Muitos de nossos mais importantes escritores trabalharam, e outros contemporâneos ainda trabalham, com esse gênero. A infinidade de temas tratados, a brevidade e a concisão da história fazem do conto um desafio de escrita.

Dalton Trevisan é considerado um dos grandes contistas de nossa literatura, apresentando uma extrema capacidade de síntese ao produzir os seus textos. No conto “O ciclista”, iremos observar a exploração de um acontecimento do nosso cotidiano, muito pertinente à realidade da vida nas grandes cidades – as peripécias de um ciclista em meio ao caos do trânsito urbano.

O ciclista

Curvado no guidão lá vai ele numa chispa. Na esquina dá com o sinal vermelho e não se perturba – levanta voo bem na cara do guarda crucificado. No labirinto urbano persegue a morte com o trim-trim da campainha: entrega sem derreter sorvete a domicílio.

É sua lâmpada de Aladino a bicicleta e, ao a sentar-se no selim, liberta o gênio acorrentado ao pedal. Indefeso homem, frágil máquina, arremete impávido colosso, desvia de fininho o poste e o caminhão; o ciclista por muito favor derrubou o boné.

Atropela gentilmente e, vespa furiosa que morde, ei-lo defunto ao perder o ferrão. Guerreiros inimigos trituram com chio de pneus o seu diáfano esqueleto. Se não estrebucha ali mesmo, bate o pó da roupa e – uma perna mais curta – foge por entre as nuvens, a bicicleta no ombro.

Opõe o peito magro ao para-choque do ônibus. Salta a poça d'água no asfalto. Num só corpo, touro e toureiro, golpeia ferido o ar nos cornos do guidão.

Ao fim do dia, José guarda no canto da casa o pássaro de viagem. Enfrenta o sono trim-trim a pé e, na primeira esquina, avança pelo céu na contramão, trim-trim.

(TREVISAN, Dalton. In: BOSI, Alfredo Org. **O conto brasileiro contemporâneo**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 189.)

Vocabulário

Diáfano	Transparente.
Impávido colosso	Referência a uma passagem do Hino Nacional (impávido – que não tem medo; e colosso – estátua de grandeza extraordinária).

Questão 1

Após a leitura do conto “O ciclista”, você acha que o personagem mostra ter um controle firme e decisivo sobre a bicicleta? Justifique sua resposta.

Questão 2

A linguagem do conto está carregada de imagens e metáforas. Leia as expressões destacadas abaixo e tente explicá-las:

- “lâmpada de Aladino”;
- “guerreiros inimigos”;

- c. “touro e toureiro, golpeia ferido o ar nos cornos do guidão”;
- d. “pássaro de viagem”.

Questão 3

Interprete o último parágrafo do texto.

Questão 4

Caracterize o tema, a linguagem e a construção do conto.

Respostas comentadas

Questão 1

Sim. Trata-se de uma habilidade adquirida devido ao seu tipo de trabalho: entregador de sorvetes.

Questão 2

- a. A bicicleta é vista como um transporte mágico (= lâmpada maravilhosa de Aladim), cujo personagem apresenta uma sensação de liberdade ao sentar-se no selim (“liberta o gênio acorrentado”).
- b. Trata-se dos veículos urbanos (ônibus, caminhões, automóveis), que o ciclista tem que enfrentar no decorrer do dia ao realizar a sua tarefa em cima de uma bicicleta.
- c. Estabelece-se uma comparação na relação entre o ciclista (o toureiro) e o guidão da bicicleta (o touro), ou seja, entre o toureiro e os chifres do touro, agarrados pelo toureiro.
- d. A bicicleta é o “pássaro de viagem” do ciclista, pois é, por meio dela, que o personagem “levanta voo” no caótico trânsito.

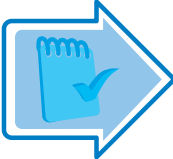
Questão 3

O parágrafo, em linguagem essencialmente conotativa, sugere que, ao fim do dia, o ciclista, cansado e já sonolento, continua ouvindo a campainha de sua bicicleta. Mas, ao se sentir relaxado – “avança pelo céu na contramão” -, deixa transparecer um estado de leveza.

Questão 4

O conto aborda uma situação cotidiana do espaço urbano. Sua linguagem mescla expressões de sentido figurado e denotativo. Sua construção é sintética.

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Prosa no ENEM: do regionalismo em diante	Cópias da atividade.	Aplicação de questões do Enem e de vestibular que tratam da prosa modernista e contemporânea.	Atividade individual.	30 minutos

Aspectos operacionais

Aplique as questões de múltipla escolha e corrija-as.

Aspectos pedagógicos

O professor poderá avaliar os alunos de forma bem objetiva e ágil, utilizando as questões propostas, conforme serão apresentadas.

Atividade

Para testar seus conhecimentos sobre a prosa modernista e contemporânea, responda às cinco questões que se seguem.

Leia o texto abaixo e responda às questões de 1 e 2¹.

1 UEL-2007. Disponível em: <http://literauffs.blogspot.com.br/p/questoes-comentadas.html>

João Grilo: Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? (Recitando.)

Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré!

A vaca mansa dá leite, a braba dá quando quer.

A mansa dá sossegada, a braba levanta o pé.

Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler.

Já fui menino, fui homem, só me falta ser mulher.

Encourado: Vá vendo a falta de respeito, viu?

João Grilo: Falta de respeito nada, rapaz! Isso é o versinho de Canário Pardo que minha mãe cantava para eu dormir. Isso tem nada de falta de respeito!

Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler.

Já fui menino, fui homem, só me falta ser mulher.

Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré.

Cena igual à da aparição de Nosso Senhor, e Nossa Senhora, A Compadecida, entra.

Encourado, com raiva surda: Lá vem a compadecida! Mulher em tudo se mete!

João Grilo: Falta de respeito foi isso agora, viu? A senhora se zangou com o verso que eu recitei?

A Compadecida: Não, João, porque eu iria me zangar? Aquele é o versinho que Canário Pardo escreveu para mim e que eu agradeço. Não deixa de ser uma oração, uma invocação. Tem umas graças, mas isso até a torna alegre e foi coisa de que eu sempre gostei. Quem gosta de tristeza é o diabo.

João Grilo: É porque esse camarada aí, tudo o que se diz ele enrasca a gente, dizendo que é falta de respeito.

A Compadecida: É máscara dele, João. Como todo fariseu, o diabo é muito apegado às formas exteriores. É um fariseu consumado.

Encourado: Protesto.

Manuel: Eu já sei que você protesta, mas não tenho o que fazer, meu velho. Discordar de minha mãe é que eu não vou.

(...)

Fonte: Auto da Compadecida. 15 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

Questão 1

A obra "Auto da Compadecida" foi escrita para o teatro:

- a. Por João Cabral de Mello Neto e aborda temas recorrentes do Nordeste brasileiro.
- b. E seu autor, Ariano Suassuna, aborda o tema da seca que sempre marcou o Nordeste.
- c. Pelos autores do ciclo armorial, abordando temas religiosos e costumes populares.
- d. Por Ariano Suassuna, tendo como base romances e histórias populares do Nordeste brasileiro.

Por João Cabral de Mello Neto e aborda temas religiosos divulgados pela literatura de cordel.

Questão 2

Ao humanizar personagens como Manuel e a Compadecida, o autor pretende:

- a. Denunciar o lado negativo do clero, na religião católica.
- b. Exaltar o sentimento da justiça divina ao contemplar os simples de coração.
- c. Mostrar um sentimento religioso simples e humanizado, mais próximo do povo.
- d. Retratar o sentimento religioso do povo nordestino, numa visão iconoclasta.
- e. Fazer caricatura com as figuras de Cristo e de Nossa Senhora.

Sobre a obra "A bagaceira", de José Américo de Almeida, responda às questões 3 e 4².

Questão 3

Podemos dizer que a temática central da obra é:

- a. o amor entre Lúcio e Soledade.
- b. a relação familiar entre Lúcio e Dagoberto.
- c. a seca e as suas consequências.
- d. a tensão entre capitalismo x socialismo.

Questão 4

As personagens centrais da obra são:

- a. Lúcio, Dagoberto e Soledade.

2 Disponível em: http://www.lucianofejao.com.br/clf/uva20131/Portugues_CG.pdf

- b. Lúcio, Pirunga e Soledade.
- c. Soledade, Valentim e Pirunga.
- d. Dagoberto, Soledade e Pirunga.

Leia o texto abaixo, para responder à questão 5³:

Múltiplo sorriso

Pendurou a última bola na árvore de Natal e deu alguns passos atrás. Estava bonita. Era um pinheiro artificial, mas parecia de verdade. Só bolas vermelhas. Nunca deixava de armar sua árvore, embora as amigas dissessem que era bobagem fazer isso quando se mora sozinha. Olhou com mais vagar. Na luz do fim da tarde, notou que sua imagem se espelhava nas bolas. Em todas elas, lá estava seu rosto, um pouco distorcido, é verdade – mas sorrindo. “Estão vendo?”, diria às amigas, se estivessem por perto. “Eu não estou só.”

HELOÍSA SEIXAS
Contos mais que mínimos. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

Questão 5

Há um contraste irônico entre o título do conto e o seu desenvolvimento. As ideias essenciais desse contraste são:

As ideias essenciais desse contraste são:

- e. alegria – isolamento
- a. admiração – distorção
- b. ornamentação – inutilidade
- c. multiplicidade – contemplação

Respostas comentadas

Questão 1

Resposta: Letra D. Isso porque, Suassuna pertence ao ciclo armorial (iniciativa artística que objetivava criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do Nordeste Brasileiro), com uma junção de história e versos populares.

A letra (A) está incorreta porque João Cabral foi o autor de “Morte e Vida Severina”. A letra (B) está incorreta:

3 Disponível em: http://www.revista.vestibular.uerj.br/questao/questaoobjetiva.php?seq_questao=621

Ariano Suassuna foi o autor, mas não trata da seca. A letra (C) está incorreta, pois a peça foi escrita apenas por Ariano Suassuna, que foi um dos fundadores do ciclo armorial. A letra (E) está incorreta, uma vez que o texto não é de João Cabral e não são abordados temas religiosos divulgados pela literatura de cordel.

Questão 2

Resposta: Letra C. A proximidade entre o humano e o sagrado é refletida, dentre outros aspectos, na forma como dialogam, quase que de igual para igual.

A letra (A) está incorreta, pois o lado negativo do clero aparece na figura do padre e de seu superior, porém os personagens Manuel e a Compadecida são vistos positivamente. A letra (B) está incorreta, visto que não se contemplam apenas os simples de coração, mas também todos os que passaram por problemas como a miséria. A letra (D) está incorreta, porque, em nenhum momento, aparece a visão iconoclasta. A letra (E) está incorreta, por não se tratar de personagens caricaturais.

Questão 3

Resposta: Letra C. “A bagaceira”, publicada em 1928, é obra introdutora do romance regionalista no país. O enredo do romance trata das questões do êxodo, dos horrores gerados pela seca, além da visão brutal e autoritária do senhor do engenho. A temática central da obra é, pois, a seca e suas consequências. As letras (A), (B), (D) e (E) estão incorretas.

Questão 4

Resposta: Letra A. Os personagens centrais da obra são:

- Lúcio – humano, idealista, sonhador, apaixonado por Soledade. Ele é filho do dono do engenho. Estuda Direito e sonha, um dia, reformar o engenho, principalmente, dar direitos aos trabalhadores;
- Dagoberto – proprietário do engenho Marzagão, simboliza a prepotência, contrapondo-se à fraqueza dos trabalhadores da bagaceira. É o antagonista dos trabalhadores e de Lúcio em relação ao amor de Soledade;

Soledade – filha de Valentim Pereira, representa a beleza agreste do sertão. É uma jovem impetuosa que deseja ficar com Lúcio, mas ele não compreende os apelos do corpo que dominam Soledade. Vai ser o motivo de briga entre Dagoberto e Lúcio.

Questão 5

Resposta: Letra A. O título do conto sugere imediatamente alegria, em função do “múltiplo sorriso”. Entretanto, como o sorriso é, na verdade, um só, o da personagem, que se apresenta refletido nas várias bolas vermelhas da árvore de Natal, configura-se o contraste irônico que opõe aquela mencionada e pretensa alegria ao concreto isolamento da pessoa numa festa sem a presença de quaisquer convidados.

